



QUE MUNDO É ESTE?
Digitalização estaria ofuscando humanismo, dizem especialistas



LIXO ZERO
Debate ambiental aproxima italianos e brasileiros



WAGNER TISO
Renomado músico e compositor fala de suas raízes

www.comunitaitaliana.com

Comunità Italiana

Abril de 2022

Ano XXVIII - Nº 285



Paz roubada

Nossa equipe traz ampla reportagem com os efeitos da guerra na Ucrânia e as ações com variadas perspectivas diante da crueldade do conflito que aflige a humanidade logo após pandemia da covid-19

Domenico Fornara e gli obiettivi per SP nei prossimi quattro anni



Fassa Bortolo. Uma história de sucesso, agora no Brasil.

O estado de Minas Gerais foi criado em 1709. A Fassa Bortolo nasceu em 1710. Uma coincidência histórica que se materializa hoje com a primeira fábrica brasileira da Fassa em Matozinhos (MG). Com capacidade para 300 mil toneladas por ano de argamassas e rejuntas de qualidade e tecnologia, a Fassa Bortolo chega para contribuir para um novo tempo da construção civil no Brasil.

**FASSA
BORTOLO**

QUALIDADE PARA A CONSTRUÇÃO



Fornecedor
exclusivo da
Arena MRV



Capa



Série de reportagens da **Comunità** aborda o drama do conflito armado na Ucrânia após a invasão das tropas russas sob a ordem de Vladimir Putin

16 | Empatia Milhares de ucranianos deixam o país e encontram na Itália indispensável apoio de que urgentemente necessitam

18 | Idílica paz Na Itália, um concerto pela paz. Na Bélgica, chef italiana hospeda família de refugiados. No Brasil, comunidade russa sofre ataques de ódio

22 | Pulsão destrutiva Wálter Fanganiello Maierovitch afirma que para Putin há chance de fim do conflito em maio, mas escalada da guerra é imprevisível

25 | Desafio energético Invasões russas na Ucrânia geram pressões na economia italiana e em outros países europeus

26 | Direto do front Daniele Mastrogiacomo, uma trajetória de quem viu bem de perto os horrores da guerra

28 | La guerra Come sta reagendo l'Italia: dalle sanzioni economiche alla gara di solidarietà per accogliere gli ucraini in fuga



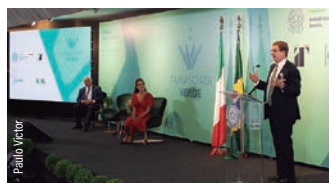
52

Voz e vida Laura Pausini fala de seu filme e mostra sinceridade e simplicidade comoventes que fazem dela um símbolo musical sem fronteiras

Comunidade

10 | Investire per farci conoscere Console generale d'Italia a San Paolo espone i suoi obiettivi per i prossimi quattro anni

Sustentabilidade



40 | Lixo zero Evento promovido pela Embaixada, em Brasília, proporciona debate ambiental entre italianos e brasileiros

42 | Revolução verde Com 25 parques nacionais e 130 regionais, Itália investe 330 milhões de euros em ousado reflorestamento urbano

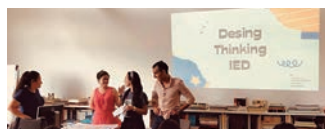
Atualidade

30 | O que dizem de nós? Autoridades debatem como Itália pode ser melhor descrita por outras sociedades e culturas sem que se recorra a estereótipos

36 | Em que mundo vivemos? Ao mergulharmos em uma irreversível digitalização da vida, será que deixamos de lado o humanismo?

Design

09 | Portas abertas IED inaugura nova sede carioca na icônica Casa D'Italia, um prédio dos anos de 1930 que também abriga o Consulado-Geral da Itália



Nossos colunistas

05 | Cose Nostre Vida nova para vilarejo italiano que acolhe órfãos ucranianos refugiados

08 | Fabio Porta Teresa Cristina di Borbone: da Napoli ai tropici

39 | Marco Lucchesi Tarcísio Padilha

44 | Vicente Dattoli A dificuldade de ser feliz

51 | Guilherme Aquino Milão segura

60 | Ary Grandinetti Nogueira Sucesso e felicidade

61 | Claudia Monteiro de Castro Vinte anos de Roma

Il lettore racconta

58 | Wagner Tiso Renomado músico da MPB e parceiro de Milton Nascimento, de quem é amigo desde a infância, compositor fala de suas raízes italianas

Cultura

55 | Homenagem Evento da Alerj alusivo à imperatriz Teresa Cristina atrai cariocas e reforça laços seculares do Brasil com a Itália



Nova ordem

"Qualquer coisa que encoraje o crescimento de laços emocionais tem que servir contra as guerras". Esta máxima do pai da psicanálise, Sigmund Freud, cabe na tortuosa realidade que nos cerca. Vivenciamos uma pandemia devastadora e, agora, deparamo-nos com uma guerra fratricida iniciada por dois povos que sempre mantiveram laços socioculturais e, sobretudo, emocionais. A passagem bíblica de Caim e Abel parece estar firmemente presente no leste europeu de forma dramática e assustadoramente cruel. E, recorrendo a outro pensador, Jean-Paul Sartre disse certa vez que "quando os ricos fazem a guerra, são sempre os pobres que morrem". É exatamente o que vem acontecendo na Ucrânia, invadida pela poderosa Rússia de Vladimir Putin. O fato é que não há justificativa para essa guerra sangrenta. Aliás, não há justificativa para guerra alguma nem ontem, nem hoje e tampouco no futuro, que desejamos seja construído com respeito entre povos, sejam eles ricos ou pobres.

Poderia Putin ter feito tratativas para obter a região industrial de Donbass ou negociar uma república autônoma em que compreendesse a Crimeia. Mas a escolha foi pela via da força letal, através de mortes e danos irreparáveis com o bombardeio das cidades ucranianas. Atacou, provavelmente, porque pensava que o exército da Ucrânia teria se rendido facilmente e poderia prender Zelenski para ter os compromissos que esperava. Mas não foi nada disso. A resistência do exército e dos cidadãos ucranianos surpreendeu a todos. Enquanto mulheres e crianças buscaram países vizinhos na Europa, homens se armaram e ficaram ao lado dos militares criando um único exército patriótico que está brigando a cada rua invadida pelos russos. Criou-se um movimento coletivo nacionalista com um grande poder bélico da população. Depois da longa fase de globalização entre 1989 e 2019, com o advento da covid-19, um processo de homogeneização criou um grande mercado e quatro potências mundiais se destacaram. Estados Unidos, China, Índia e Rússia mostraram suas forças e vão brigar por uma hegemonia mundial nas próximas décadas. Por essa



Pietro Petraglia
Editor

perspectiva, a guerra na Ucrânia parece o início da hostilidade entre os blocos e lideranças. E Zelenski se tornou um chefe não só do movimento ucraniano, mas um condutor recebido por todos os parlamentos ocidentais pela sua coragem sendo uma espécie de porta-bandeira do ocidente, um símbolo quase como um Davi contra Golias.

Comunità está atenta ao que vem acontecendo na Europa com reflexos no mundo inteiro. Em uma cobertura especial sobre a guerra na Ucrânia, nossos repórteres e articulistas mostram como se desenvolvem algumas correntes de solidariedade aos refugiados, como mostra a reportagem assinada por Roberta Gonçalves. Na Itália, um casal de violinistas promove um concerto pela paz que percorre toda a *bota* procurando conscientizar do descalabro do conflito armado. Na Bélgica, uma chef italiana vive a delicada experiência de hospedar uma família de refugiados na própria casa. Mas há o outro lado da moeda. No Brasil, a comunidade russa sofre ataques de ódio e pede uma visão mais abrangente da situação e menos maniqueísta, portanto. Há uma corrente que alerta para uma difusão, de forma mais generalista, de um predominante discurso preconceituoso que ignora o histórico cultural e de lutas internas dos russos, um povo que em sua maioria desaprova as investidas de Putin, mas que, infelizmente e sob a mão pesada do ditador, é obrigado a calar-se. Enquanto em Moscou os planos de Putin seguem seu curso, em solo ucraniano o que se vê é devastação, morte e todo desastre humano advindo das guerras, como vem sendo denunciado por entidades humanitárias. Nosso colaborador o cientista político Arnaldo F. Cardoso conversou com o repórter italiano Daniele Mastrogiacomio, cuja experiência em coberturas de guerra é uma das mais significativas da imprensa internacional. Para o jornalista, não há dúvida de que a guerra de Putin é uma das mais difíceis para a mídia devido às inúmeras narrativas que tentam desenhá-la cada uma a seu modo e interesses. "Interpretar a realidade nem sempre é fácil: você pode dizer o que vê, mas precisa colocá-lo no contexto geral", disse o repórter, mas, sem titubear, eximindo o cidadão russo de qualquer culpa pela tragédia que acometeu todos os ucranianos. "Esta é uma guerra de Putin e não dos russos. Ele é um ditador, um criminoso. A Ucrânia não vai desistir". Rogamos, entretanto, pela paz.

Boa leitura!

Comunità Italiana

FUNDADA EM MARÇO DE 1994

DIRETOR-PRESIDENTE / EDITOR:
Pietro Domenico Petraglia
(RJ23820JP)

PUBLICAÇÃO MENSAL E PRODUÇÃO:
Editora Comunità Ltda.

ESTA EDIÇÃO FOI CONCLUÍDA EM:
18/04/2022 às 15h00

DISTRIBUIÇÃO: Brasil e Itália

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Marquês de Caxias, 31, Niterói, Centro, RJ
CEP: 24030-050

Tel/Fax: (21) 2722-0181 / (21) 2722-2555
E-MAIL: redacao@comunitaitaliana.com.br

REDAÇÃO:

Guilherme Aquino; Gina Marques;
Stefania Pelusi; Giancarlo Palmesi;
Stefano Buda; Fernanda Queiroz

TRADUÇÕES EM ITALIANO:
Francesca Lo Cicero

TRADUÇÕES EM PORTUGUÊS:
Aline Xavier Carvalho

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Alberto Carvalho
arte@comunitaitaliana.com.br

COLABORADORES:

Pietro Polizzo; Marco Lucchesi; Domenico De Masi;
Fernanda Maranesi; Giordano Iapalucci; Cláudia
Monteiro de Castro; Fabio Porta; Walter Fanganiello
Maierovitch; Gianfranco Coppola; Ary Grandinetti
Nogueira; André Felipe de Lima; Marcio Baraldi

CORRESPONDENTES:

Guilherme Aquino (Milão); Gina Marques (Roma);
Gianfranco Coppola (Nápoles); Stefania Pelusi (Espírito
Santo); Janaína Pereira (São Paulo); Roberta Gonçalves
(Curitiba); Cejana Montelo (São Paulo); Mirela Tavares
(São Paulo); Giancarlo Palmesi (Minas Gerais)

PUBLICIDADE:

Rio de Janeiro - Tel/Fax: (21) 2722-2555
comercial@comunitaitaliana.com.br

REPRESENTANTES:

Central de Comunicação
contato: Cláudia Carpes
tel. 61.3323-4701 / Cel. 61.8218-5361
brasil@centralcomunicacao.com.br
SCS QD 02, Bloco D, Salas 1002/1003
Edifício Oscar Niemeyer - Brasília

Comunità Italiana está aberta às contribuições e pesquisas de estudiosos brasileiros, italianos e estrangeiros. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, sendo assim, não refletem, necessariamente, as opiniões e conceitos da revista.

La rivista Comunità Italiana è aperta ai contributi e alle ricerche di studiosi ed esperti brasiliani, italiani e stranieri. I collaboratori esprimono, nella massima libertà, personali opinioni che non riflettono necessariamente il pensiero della direzione.

La testata Comunità Italiana beneficia dei contributi alla stampa italiana all'estero previsti dalla Dlgs 70 del 15 maggio 2017.

ISSN 1676-3220

Órfãos ucranianos acolhidos

Um grupo de órfãos ucranianos refugiados de guerra levou um novo sopro de vida para um dos tantos vilarejos italianos que lutam contra o esvaziamento populacional. Ao todo, 42 meninas e meninos de um orfanato da região de Lviv se mudaram com 10 acompanhantes para Fosciandora, vilarejo de pouco mais de 500 habitantes situado na Toscana. A cidade sofre com o êxodo dos jovens, o envelhecimento populacional e a diminuição de seu número de habitantes. Os pequenos habitantes estão abrigados em uma estrutura administrada pelo Santuário de Maria Santíssima da Estrela.

Dupla formatura

Nas universidades italianas agora será possível matricular-se ao mesmo tempo em dois cursos universitários diferentes mesmo que em institutos diferentes. A lei relativa à dupla titulação foi oficializada quando o Senado aprovou projeto de lei anteriormente aceito pela Câmara em 2021. Depois que os decretos do Ministério da Universidade e Pesquisa estiverem prontos, os alunos poderão construir um curso personalizado combinando diferentes disciplinas. Há, contudo, algumas restrições, como a que determina que o aluno só pode receber uma bolsa de estudo para um dos cursos.



Leite 'verde'

No dia 13 de abril, o ministro do Meio Ambiente do Brasil, Joaquim Leite, visitou a sede diplomática italiana para ver de perto o projeto Embaixada Verde. Ele conferiu os sistemas fotovoltaicos e de fitodepuração e os de reciclagem de resíduos e de guimbas de cigarro, além da área de compostagem e as obras da nova chancelaria consular que aplicará a política de Lixo Zero. Leite destacou as iniciativas do governo brasileiro em questões ambientais e discutiu com o embaixador Francesco Azzarello as possibilidades de fortalecer a cooperação bilateral em meio ambiente e no setor de tecnologia.

Leite 'verde' II

Dias antes da visita à Embaixada italiana, o ministro Leite deflagrou sua "jornada verde" no dia 8 de abril, na sede da Câmara de Comércio Italiana de São Paulo (Italcam), onde foi recebido pelo presidente da entidade, Graziano Messana, para participar de um evento híbrido sobre *Green Economy & Carbon Credit*. Messana mostrou como o país é uma alternativa à China para investimentos de empresas italianas. Atualmente, operam no Brasil 972 filiais de empresas italianas. O ministro lembrou, porém, sua origem italiana e confirmou o compromisso do país para desestimular o uso de combustíveis fósseis.

Leite 'verde' III

No mesmo evento, Leite afirmou que o Brasil trará tecnologias internacionais, sobretudo as italianas, para aproveitamento de resíduos da macroindústria que não param de crescer. No encerramento, o ministro convidou os empresários italianos para participarem do evento fechado sobre o mercado de carbono, que será realizado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, de 18 a 20 de maio. Também participaram do evento da Italcam presidentes de empresas italianas presentes no Brasil, como Pirelli, Enel, Chiesi, Asja Ambiente, Stylux Energia Renovável, entre outras.

Justiça

No dia 12 de junho, os italianos votarão para cinco referendos sobre a Justiça promovidos pela Lega e pelos Radicali. O Conselho dos ministros confirmou a notícia. O tema do primeiro referendo é sobre a revogação ou não da Lei Severino sobre inelegibilidade e que determina que políticos condenados em primeira instância sejam automaticamente suspensos de seu cargo antes do julgamento de recursos e trânsito em julgado. O segundo é sobre a separação ou não da carreira de magistrados, em que, se aprovada, propõe que um magistrado deverá no início da carreira escolher se atuará como julgador ou como acusador por toda a carreira. Já o terceiro é sobre a limitação ou não da prisão preventiva, em que suspeitos de crimes podem ser encarcerados preventivamente antes de julgamentos. O quarto é sobre o consentimento ou não para que advogados membros do Conselho Judiciário possam votar na avaliação do profissionalismo de juizes e o último quesito é sobre a eliminação ou não da lista de assinaturas para candidatura a membro do Conselho Superior da Magistratura (CSM), em que obriga um potencial candidato a apresentar de 25 a 50 assinaturas de membros para ter sua candidatura confirmada.

A escolhida

Pesaro foi escolhida como capital italiana da cultura para 2024. Situada na região do Marche, na costa adriática da Itália, a cidade conta com quase 100 mil habitantes. O município superou outras nove finalistas. Em 2023, a honraria será dividida entre Brescia e Bergamo, municípios da Lombardia duramente afetados pela pandemia de covid-19, especialmente nos primeiros meses.

OPINIÃO

enquete

» A Guerra na Ucrânia continua causando muitas mortes e destruição. Você teme o envolvimento de outras nações gerando uma guerra a nível mundial?

Sim - 68%

Não - 32%

Enquete exibida no site da Comunità, de 22 a 29 de março de 2022.

cartas

A forma bestial do humano é a dominante nestes tempos horríveis onde o ódio sempre fala mais alto. Quanto horror se comete pela ganância e poder. Que o nosso Criador tenha piedade e misericórdia de nós e principalmente pelas injustiças cometidas contra a Ucrânia."

REGINA MARTA TERÇARIOL,

via Instagram, sobre a notícia *Governo da Itália condena massacre da Rússia em Bucha.*

Toda guerra é lamentável. Não existe um lado bom e um lado ruim, existem interesses econômicos de ambos os lados. Vamos torcer que dialoguem e cheguem a um acordo para por fim nesta guerra. Na guerra a primeira vítima é a verdade"

RECANTO VERDE-MARE BLU-MIGUEL,

perfil do Instagram, sobre a notícia *Governo da Itália condena massacre da Rússia em Bucha*

frases

"A nova geração deveria entender que mesmo que nos ensinemos que devemos vencer, a fama não é necessária para ser alcançada. Não terem sido educados para a derrota é um grande erro. Minha filha teve a sorte de me ver durante a vitória e na derrota: era sempre eu", **Laura Pausini**, cantora italiana, ao apresentar o seu filme *Laura Pausini - Piacere di conoscerti*

"Quando comecei a trabalhar na televisão, fiquei muito surpresa com o quanto as mulheres são questionadas em relação à vida pessoal: relacionamento, casamento, filhos... são perguntas que não são feitas para os homens", **Monica Iozzi**, atriz e apresentadora brasileira de origem italiana

"Agora conhecemos melhor o vírus e é justo recomeçar, mas tomem cuidado porque a pandemia não acabou", **Roberto Speranza**, ministro da Saúde da Itália

"Um momento tão lindo e um prazer fotografar a marca incrível da Chiara Ferragni. U rock!", **Isabeli Fontana**, modelo italo-brasileira ao comentar a sua foto com a influencer e empresária italiana Chiara Ferragni na sua viagem para Milão

"Percebi que não sou especial e que na vida todos passamos por momentos difíceis e sofrimentos. Penso naqueles que no meu país, e me refiro à Itália, perderam alguém durante a pandemia", **Michael Bublê**, cantor italo-canadense, não consegue conter a emoção após a recuperação do filho

"O responsável sou eu. Tivemos sorte na Eurocopa e merecemos ganhá-la: o que levamos há oito meses, devolvemos com interesse esta noite. Que análise queremos fazer depois de uma noite como esta? Nós chutamos 40 vezes e sofremos um gol aos 92 minutos depois de tantas ocasiões. Eu amo esses meninos, ainda mais esta noite. São jogadores fortes para o futuro", **Roberto Mancini**, técnico da seleção italiana, sobre o fracasso da Azzurra na classificação para a *Copa do Mundo de 2022*

"O que preferimos: paz ou o ar condicionado ligado o verão todo?", **Mario Draghi**, primeiro-ministro da Itália, que durante uma coletiva de imprensa comentou sobre embargo ao gás russo

redes sociais



Frio ou fome?

Sobre a matéria *Frio ou Fome?* publicada na edição 284 da **Comunità**.



Passaporte, ainda um desafio

Sobre a matéria *Passaporte, ainda um desafio* publicada na edição 284 da **Comunità**.



Marina Franchini

"Em BH, consegui depois de duas semanas telefonando, mas ao ser atendida foram supergentis e prestativos, o que compensou a demora. No Consulado, para levar os documentos, foi bem tranquilo, a pessoa que me atendeu foi muito atenciosa."

agenda

**Salão do Móvel de Milão**

Em sua 60ª edição, o Salão do Móvel de Milão de 2022 traz como tema a sustentabilidade, servindo como uma vitrine para os avanços conquistados por criadores, designers e empresas. Fundada em 1961, a feira tem como uma de suas metas o estímulo às exportações italianas de móveis, o que faz do evento um dos mais aguardados do mercado mobiliário.

Foro Buonaparte, Milão (Itália)
De 7 a 12 de junho de 2022
www.salonemilano.it

RiminiWellness

Evento dedicado ao mundo fitness, bem-estar, business,



esporte, cultura física e alimentação saudável, o RiminiWellness abrange várias empresas do universo do bem-estar, desde fabricantes de máquinas para atividades físicas, academias, escolas, associações comerciais e esportivas até spas e centros de ciências de reabilitação, de dança, de turismo e de design. A RiminiWellness promoverá reuniões (de negócios ou não) entre empresários, técnicos, compradores, alunos e atletas. De 2 a 5 de junho de 2022 Fiera di Rimini, Rimini (Itália)
www.riminiwellness.com

Fispal Food Service

A Feira Internacional de Produtos e Serviços para a Alimentação Fora do Lar oferece a oportunidade para que empresas expositoras e compradores do setor fiquem frente a frente para ampliarem a rede de relacionamento e fecharem

bons negócios. Durante quatro dias, profissionais de todos os segmentos deste mercado — restaurantes, padarias, bares, lanchonetes, redes de fast-food, sorveterias, supermercados, empresas de catering e de refeições coletivas, hotéis, cozinhas industriais, buffets, entre outros — encontram-se

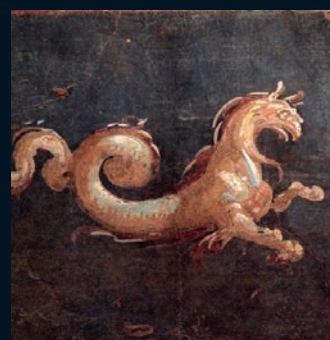


para conhecer as novidades do setor e participar de eventos de qualificação profissional. De 7 a 10 de junho de 2022 Local híbrido: Expo Center Norte e Digital, São Paulo (SP)
www.fispalfoodservice.com.br

Pompeia e Herculano

Localizada na mais antiga instituição do Brasil, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, a exposição faz parte do acervo greco-romano da coleção da imperatriz napolitana Tereza Cristina, trazida das cidades de Pompeia e Herculano, destruí-

das em 79 d.C. por uma erupção do vulcão Vesúvio. As escavações em Pompeia e Herculano começaram em 1805 e duram até hoje. A exposição do Museu Nacional apresenta objetos do cotidiano dos habitantes daquela região: peças do toucador das romanas, vasilhames de bronze e vidro, amuletos fálcos, ânforas e todo o vasilhame usado para o consumo de vinho, a bebida mais popular dos romanos do período clássico. Há ainda um jogo de afrescos



de Pompeia que permite aos visitantes conhecerem a arte daquela época.

Aberta, sob agendamento prévio via telefone, de terça-feira a domingo, das 10h às 16h.
www.museunacional.ufrj.br/

naestante

**M, o Homem da Providência**

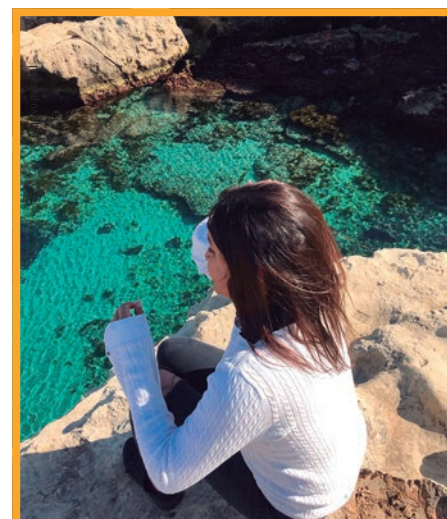
Em 1929, o ditador italiano Benito Mussolini firmou um acordo com a Igreja Católica que fez do Vaticano um estado independente. Por isso, o papa Pio XI e o alto clero se referiam a ele como “o homem da providência” — alcunha que intitula o novo livro de Antonio Scurati. Sequência de *M, o Filho do Século*, o romance combina pesquisa histórica e elementos ficcionais para abordar o totalitarismo de Mussolini e a relação entre o fascismo e a Igreja Católica. Editora Intrínseca; 608 páginas; R\$99,90.

natela

**Guia astrológico para corações partidos**

Quando descobre que seu ex-namorado ficou noivo, a jovem italiana Alice, de 30 anos, decide seguir os conselhos de um amigo e passa a consultar a astrologia para decidir seus próximos passos no plano romântico. Frustrada com o amor, a assistente de produção televisiva conhece Davide Sardi, um diretor criativo recém-contratado com quem sente que talvez seja compatível para além da área profissional. *Comédia Romântica. Seriado com episódios de 30min. Netflix*

clickdo leitor



“Chegar na Itália e reencontrar a minha mãe depois de tanto tempo separadas foi um sonho. As piscinas naturais da Grotta della Poesia são de tirar o fôlego. Uma viagem para a Itália é uma realização que nunca irei esquecer.”

MARIA EDUARDA RAVANELLI,
Lecce (Itália)



Teresa Cristina di Borbone: da Napoli ai tropici

200 anni fa nasceva la “madre dei brasiliani”. Le iniziative per conoscere meglio questa importante figura

Fabio Porta è il Presidente dell'Associazione di Amicizia Italia-Brasile. Laureato in Sociologia Economica presso l'Università “La Sapienza” di Roma. Dal 2008 al 2018 è stato deputato e attualmente è senatore presso il Parlamento italiano. Vive tra San Paolo in Brasile e Roma in Italia

Dieci anni fa, nel 2012, fu un professore italiano (docente presso l'Università Federale di Rio de Janeiro) a fare giustizia di una lunga e grave amnesia di carattere storico-culturale; dobbiamo infatti a Nello Avella, prematuramente scomparso a causa di una grave malattia, la prima biografia articolata su questa donna che nel 1843 partì da Napoli alla volta di Rio de Janeiro per il matrimonio con l'imperatore Don Pedro II.

Teresa Cristina di Borbone, che da imperatrice del Brasile si meritò il titolo affettuoso e riconoscente di “madre dei brasiliani”, è in realtà anche la “madre dell'Italia in Brasile”; sì, perché è grazie a lei che le varie manifestazioni dell'influenza italiana in Brasile iniziarono a prendere corpo in maniera “sistemica”, così come ci racconta il bel libro di Avella. Nel periodo 1843-1889, dall'arrivo a Rio fino alla sua morte in esilio, si formò infatti il primo nucleo della grande colonia italo-brasiliana sviluppatasi poi con le migrazioni di fine Ottocento e dell'inizio del secolo scorso.

Di particolare rilievo, nel processo di integrazione tra il nostro Paese e il Brasile, fu l'attività archeologica fatta svolgere dall'imperatrice in terreni di sua proprietà in Italia; dagli scavi eseguiti nella zona di Veio provengono i numerosi reperti etruschi oggi esposti nel Museu Nacional di Rio de Janeiro, insieme alla splendida collezione d'arte pompeiana che faceva parte della sua dote nuziale. Il nome dell'imperatrice inoltre è rimasto legato alla “Collezione Teresa Cristina”, una ricchissima raccolta di incunaboli, libri rari e opere d'arte di importanti autori italiani, donata al Brasile da D. Pedro II dopo la morte della moglie. Questa collezione, insieme ai reperti del Museu Nacional e agli oggetti esposti al Museu Imperial di Petrópolis, costituisce oggi uno dei maggiori giacimenti culturali italiani fuori dai confini nazionali.

A ricordare e a rendere in qualche modo popolare la memoria di Teresa Cristina hanno contribuito

alcune iniziative in Italia e Brasile in occasione delle commemorazioni per i duecento anni dalla sua nascita. La maggiore rete televisiva brasiliana, la Globo, non poteva mancare a questo appello dedicando proprio all'imperatrice napoletana una telenovela nell'orario di massimo ascolto di questo tipo di fiction televisive; “Nos tempos do imperador”, questo il titolo della ‘novela’, è stata costruita intorno alla figura di Teresa Cristina, interpretata dalla bravissima attrice italo-brasiliana Leticia Sabbatella. Un'altra amica, nonché una eccellente storiografa italiana da anni innamorata del Brasile e delle sue tradizioni storiche e culturali, Antonella Roscilli, ha contribuito alla realizzazione della produzione televisivo-cinematografica supportando la Globo (e in particolare l'interpretazione della Sabbatella) con i suoi preziosi consigli e orientamenti di carattere storico e letterario.

Anche l'Italia ha fatto la sua parte, con diverse iniziative e manifestazioni. Voglio qui ricordarne soltanto una, la bella mostra fotografica allestita presso la “Sala Portinari” dell'Ambasciata del Brasile a Roma, nella splendida cornice di Piazza Navona. Nella presentazione dei curatori della mostra, ricca di immagini inedite dell'imperatrice relative al periodo della sua partenza e agli anni di vita in Brasile, fino alla sua morte nel 1889, si evidenzia come Teresa Cristina “da un lato si impegnò a trasformare Rio de Janeiro in una “Repubblica italiana delle arti”, incoraggiando diversi artisti italiani a venire in Brasile; dall'altra, parallelamente, promosse l'Italia come meta di studio per gli artisti brasiliani”. Una vera antesignana della grande e bellissima storia di amicizia tra i nostri due popoli; una strada, quella intrapresa dalla “madre dei brasiliani” che dovremmo provare a riprendere e percorrere con altrettanto entusiasmo e determinazione, proprio oggi che il mondo necessita come non mai di bellezza e cultura, integrazione e multiculturalità. 



ecce
educazione di eccellenza

O curso ECCE, do Colégio Dante Alighieri, estrutura-se em três módulos. A partir do módulo DUE, o ECCE é considerado **curso bicurricular italiano**.

- **Ecce 1: Curso intensivo extracurricular**
1º ao 5º ano do Ensino Fundamental
- **Ecce 2: Ensino Fundamental 2**
6º ao 8º ano do Ensino Fundamental
- **Liceo Italiano (Ecce 3)**
9º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio

Il corso ECCE, del Colégio Dante Alighieri, è strutturato in tre moduli. A partire dal modulo DUE, l'ECCE è considerato un **corso bicurricolare italiano**.

- **Ecce 1: Corso intensivo extracurricolare**
Dal 1º al 5º anno dell'Ensino Fundamental 1
- **Ecce 2: Corso bicurricolare**
Dal 6º all'8º anno dell' Ensino Fundamental 2
- **Liceo Italiano (Ecce 3)**
Dal 9º anno dell' Ensino Fundamental 2 al 3º anno dell'Ensino Médio

Saiba mais sobre o ECCE:

Curso **extracurricular intensivo** e programa **bicurricular italiano**

Ulteriori informazioni sull'ECCE:

Corso **extracurricolare intensivo** e programma **bicurricolare italiano**



(11) 3179-4400
www.colegiodante.com.br



Investire per farci conoscere

Console generale d'Italia a San Paolo espone i suoi obiettivi per i prossimi quattro anni; la crescita degli investimenti brasiliani in Italia sono nel mirino

TATIANA BUFF

Il nuovo console generale d'Italia a San Paolo, Domenico Fornara, intende agevolare l'entrata in vigore dell'accordo di libero scambio tra UE e Mercosur, stimolare l'equilibrio degli investimenti tra Italia e Brasile e continuare ad offrire servizi consolari di eccellenza. Secondo lui, la circoscrizione consolare, "tanto grande quanto mezza Europa", che abbraccia gli Stati di San Paolo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Acre ha attraversato un ottimo periodo sotto la gestione del suo predecessore, Filippo La Rosa. Il console ha ricevuto **Comunità Italiana** per parlare di vari temi, addirittura la posizione del governo italiano di forte appoggio all'Ucraina. Leggete l'intervista:


Comunità Italiana — È la sua prima volta in Brasile? Quale è la sua visione del paese e della città di San Paolo?

Domenico Fornara — Sono arrivato per la prima volta in Brasile il 2 febbraio scorso. Naturalmente, per il momento, la mia è una visione parziale del Paese. Le prime impressioni sono tuttavia inebrianti. Il Brasile ha una dimensione continentale ed include in sé molte realtà sociali, economiche e culturali. Tutte diverse e tutte impattanti. San Paolo è una metropoli a molteplici dimensioni. Il motore del progresso economico del Brasile. Una città fortemente votata all'innovazione e che offre una programmazione culturale di primissimo piano internazionale.

CI — Come vede il commercio bilaterale tra Italia e Brasile e la sua rilevanza negli anni recenti?

DF — Il rapporto è eccellente, ma con ancora ampie potenzialità. Italia e Brasile sono due Paesi culturalmente vicini, integrati e con una marcata comunanza di valori, se non altro per la componente della popolazione italiana che vive in Brasile e che ha contribu-

ito allo sviluppo socioeconomico del Paese. Ma anche per i tanti brasiliani che vivono in Italia. I numeri parlano da soli. Sono circa 700 mila italiani in Brasile (oltre 280 mila solo nello Stato di San Paolo) e si stima che circa 30 milioni di brasiliani abbiano un'ascendenza italiana. Ma anche in Italia vivono oggi circa 150 mila brasiliani. La presenza reciproca di comunità porta ad un'evidente convergenza sociale e culturale, con importanti ripercussioni economiche. Il Brasile in America Latina è il nostro primo partner, rappresentando il 1° mercato di destinazione delle esportazioni italiane, con oltre 30% del totale esportato, ed il primo paese fornitore. C'è un interscambio molto intenso e importanti investimenti di società italiane in Brasile, in diversi settori. Tuttavia, si può e deve fare di più. Vi sono, io credo, ampi margini di miglioramento. Da un lato speriamo possa presto entrare in vigore l'Accordo di libero scambio tra l'Unione Europea e il Mercosur, che ci permetterebbe di limare quelle asperità che ancora limitano gli scambi e di dialogare su un piano molto più chiaro e lineare. D'altra parte vedo, sul piano bilaterale, dei potenziali ancora non pienamente sfruttati soprattutto nei settori più innovativi. Il Brasile (e lo Stato di San Paolo in primis) è una potenza nel mondo dell'innovazione. Il Paese nel 2021 ha registrato 16 unicorn, di cui 12 nello Stato di San Paolo e 9 nella sola città di San Paolo. Questo dà un'idea di quanto sia qui fertile l'ambiente dell'innovazione. Vedo con grande favore un più stretto lavoro insieme soprattutto nei settori in prospettiva più dinamici: la transizione ecologica, l'intelligenza artificiale, le life sciences, l'automazione dei processi produttivi e dei servizi, nonché nella filiera delle "smart cities". Un altro ambito dove vedo margini di crescita è quello degli investimenti diretti brasiliani in Italia (ancora contenuti rispetto a quelli italiani in Brasile, ma soprattutto rispetto al potenziale brasiliano). Questo è un campo di azione su cui stiamo lavorando. In



'Vedo con grande favore un più stretto lavoro insieme soprattutto nei settori in prospettiva più dinamici: la transizione ecologica, l'intelligenza artificiale, le life sciences, l'automazione dei processi produttivi e dei servizi, nonché nella filiera delle "smart cities"'

● INTERVISTA

particolare, in occasione della sua recente visita, il Sottosegretario agli Affari Esteri e la Cooperazione Internazionale On. Manlio Di Stefano ha illustrato ad una platea di imprenditori brasiliani un ventaglio di interessanti possibilità di investimento in Italia.

CI — Potrebbe rivelare alcuni dati degli investimenti italiani in Brasile?

DF — In Brasile lavorano circa un migliaio di aziende italiane, molte delle quali hanno fatto ingenti investimenti spesso stabilendo qui i loro quartieri generali per l'America Latina ed aprendo imponenti poli produttivi e di servizi. Ne cito alcune: Enel, TIM, Ducati, Pirelli, Leonardo,

L'interscambio invece è di oltre 8 miliardi di dollari. Si tratta di cifre particolarmente significative, l'Italia è tra i più importanti partner del Brasile.

CI — Cosa pensa dell'interscambio culturale tra le due nazioni?

DF — È un'ottima domanda, grazie. La cultura, sia per l'Italia che per il Brasile, è un asse fondamentale del modo di vivere. Siamo entrambi paesi con una tradizione molto profonda e articolata, con spiccata vocazione turistica. Ospitiamo reciprocamente grandi comunità di immigrati e di famiglie binazionali. Si tratta di una straordinaria piattaforma di comunanza culturale e valoriale. Ci

e l'Istituto di Cultura hanno una programmazione importante per il 2022, sempre attenta ad integrare iniziative culturali italiane con sensibilità brasiliane. Proprio in questi giorni celebriamo l'opera italiana con diversi eventi, uno dei quali ospitato nei locali del Consolato Generale. Quest'anno festeggeremo, con un ricco programma di incontri culturali, i 60 anni del gemellaggio tra Milano e San Paolo. Abbiamo inoltre previsto diversi concerti, mostre, opere teatrali e più in generale rassegne tematiche, quali: la giornata della Ricerca italiana nel mondo; le settimane della Lingua Italiana, della Cucina Italiana e del Cinema Italiano; la Giornata dell'Italia nello Spazio. Attribuiamo par-



'Ciò non toglie che i governi debbano investire nella promozione e divulgazione di arte, letteratura, musica e più in generale di tutte le manifestazioni del bello e del sapere'

Engineering, Luxottica, il Gruppo Fiat. La lista è molto lunga ed include anche moltissime piccole e medie imprese che rappresentano una importantissima parte del tessuto produttivo italiano, anche in settori ad alto tasso di innovazione, e che hanno spesso una forte vocazione internazionale. Secondo dati della Banca d'Italia lo stock degli investimenti diretti italiani in Brasile si aggira intorno ai 14 miliardi di dollari.

parliamo e ci capiamo facilmente. C'è una grande spontaneità nella produzione di cultura. Ma ciò non toglie che i governi debbano investire nella promozione e divulgazione di arte, letteratura, musica e più in generale di tutte le manifestazioni del bello e del sapere. Il Ministero degli Esteri da alcuni anni ha stabilizzato un importante strumento di finanziamento: il Fondo per la Promozione Integrata. Tutte le Ambasciate e i Consolati, sulla base di proposte progettuali, ricevono ogni anno fondi per organizzare un programma di promozione del "vivere all'italiana". Fortunatamente in questi ultimi mesi abbiamo anche ripreso a organizzare eventi in presenza, dopo la chiusura imposta dalla pandemia. Il Consolato Generale

particolare importanza alla lingua quale più importante veicolo di trasmissione e di condivisione della cultura. Grazie anche alla presenza di un Ufficio scolastico presso il Consolato, abbiamo una programmazione articolata di diffusione della lingua italiana: sosteniamo la scuola Eugenio Montale, che è un istituto "parificato", ovvero che rilascia diplomi di studio pienamente riconosciuti in Italia oltre che in Brasile; lavoriamo con la scuola Dante Alighieri, una realtà molto legata alla tradizione italiana; abbiamo un lettore presso l'Università di San Paolo; sosteniamo l'insegnamento dell'italiano anche presso l'Università di Campinas; lavoriamo con il Comune di San Paolo per facilitare l'insegnamento come lingua curricolare nelle scuole

brasiliense; finanziamo altre iniziative per l'insegnamento della lingua italiana anche presso istituti aperti agli adulti interessati ad impararla. Vi è quindi un'azione a tutto campo a sostegno della lingua e della cultura italiana. Un'azione che peraltro facilita anche gli scambi economici. Per questo motivo stiamo attenti a bilanciare le nostre attività secondo una logica "tridimensionale" o di "promozione integrata". Ovvero, nelle attività di promozione delle eccellenze italiane, cerchiamo di far dialogare sempre cultura, innovazione e impresa. Si tratta di tre pilastri del sapere e del "vivere all'italiana" che per noi non possono essere trattati a compartimenti stagni e devono

quei pochi aspetti prevalenti nella cultura di massa internazionale). Quello che però raccolgo presso i miei concittadini è che, benché generalmente non approfondita, la loro conoscenza del Brasile si denota per una predisposizione normalmente molto positiva. Il Brasile è visto come un paese accogliente, culturalmente articolato, bello sia sul piano naturale che su quello culturale. Il principale commento che ho ricevuto da parte dei miei amici o dei miei conoscenti quando ho detto loro che sarei andato a svolgere la funzione di console generale a San Paolo è stato: "beato te!". Invito pertanto i miei concittadini in Italia a venire in vacanza in Brasile, per approfondirne ulteriormente

'Svolgere questo lavoro a San Paolo è ancor più interessante e stimolante per le dimensioni e la qualità della comunità italiana, per il suo ruolo nello sviluppo di una metropoli di livello internazionale, con un'offerta culturale, di innovazione ed economica di primissimo piano'



pertanto essere oggetto di una, appunto, "Promozione Integrata".

CI — Secondo Lei, gli italiani conoscono la realtà brasiliana, e come percepiscono il rapporto con il Brasile?

DF — Ovviamente ci sono diversi livelli di conoscenza. Alcuni italiani conoscono e frequentano il Brasile, apprezzandone la bellezza e le diversità. Conoscere a fondo il Brasile è però difficile, per le sue dimensioni e le molte varietà culturali e naturali del Paese. La maggior parte degli italiani quindi ha una conoscenza parziale e stereotipata del Brasile. Principio che – per inciso - vale per ogni Paese (anche l'Italia è "vittima" di stereotipizzazione e la sua immagine ricondotta a

la conoscenza. Ma faccio altrettanto nei confronti dei brasiliani: viaggiate in Italia. In molti casi da una vacanza sono poi nate storie professionali e personali molto interessanti.

CI — Si sente veramente beato come dicevano i suoi amici?

DF — Mi sento un privilegiato. Lo sono innanzitutto perché il Consolato Generale a San Paolo è un ufficio per noi particolarmente importante. E' tra i Consolati Generali di "prima classe", che sono quelli nelle circoscrizioni con il maggior numero di connazionali e dove il lavoro dei Consoli è pertanto più articolato. Dobbiamo offrire servizi puntuali e completi ai connazionali, oltre a fare un'articolata azione di pro-

mozione integrata, come dicevo prima, delle eccellenze culturali, scientifiche ed economiche del Sistema Italia. Svolgere questo lavoro a San Paolo è ancor più interessante e stimolante per le dimensioni e la qualità della comunità italiana, per il suo ruolo nello sviluppo di una metropoli di livello internazionale, con un'offerta culturale, di innovazione ed economica di primissimo piano.

CI — Come vede lo scenario attuale per gli italiani residenti all'estero?

DF — Gli italiani residenti all'estero sono visti dal ministro degli Esteri, dal nostro Governo, come una risorsa fondamentale. Sono po' gli ambasciatori del nostro modo di vivere, della cultura italiana e costituiscono un ponte

fondamentale per i nostri rapporti con i paesi in cui si sono integrati. Io credo che l'Italia sia tra i paesi che più investe nel rapporto con i propri cittadini all'estero. L'AIRE, il voto all'estero, l'organizzazione della rappresentanza delle collettività all'estero attraverso i Comites ed il CGIE, le molte iniziative assistenziali, le attività dell'Unità di Crisi della Farnesina, gli eventi di promozione integrata: sono tutti strumenti di una politica in favore dei nostri connazionali, e fatta insieme alle nostre collettività, di eccezionale valore. Il nostro approccio è inclusivo. Nella circoscrizione del Consolato Generale vi è una comunità di primissimo piano, che negli ultimi 150 anni ha fatto parte della spina dorsale dello sviluppo socioeconomico del Brasile. Quindi è chiaro che nel rapporto che noi abbiamo con le Autorità brasiliane, la componente della nostra collettività qui residente,



'Ascolterò chi è qui da diverse generazioni ma anche i nuovi espatriati che pure possono portare una ventata di freschezza ed innovazione nel rapporto bilaterale con il Brasile'

sia di antica immigrazione che di più recente arrivo, rappresenta un asset fondamentale. Nel corso del mio mandato conto di imparare molto dai nostri connazionali sul Brasile e su come ulteriormente alimentare un già eccellente rapporto bilaterale. Ascolterò chi è qui da diverse generazioni ma anche i nuovi espatriati che pure possono portare una ventata di freschezza ed innovazione nel rapporto bilaterale con il Brasile. Mi riferisco ad esempio ai molti giovani artisti, professionisti e ricercatori che a mio avviso non vanno definiti "cervelli in fuga" ma eccellenze italiane che nell'espatriare la nostra conoscenza acquisiscono a loro volta nuove competenze e visioni che possono essere messe a regime con l'azione del Sistema Italia. Ho sempre ritenuto che la paura di perdere cervelli sia un modo sbagliato di vedere l'emigrazione di professionisti. Lo sviluppo si basa sulla condivisione del sapere. Non dobbiamo frenare i "cervelli", semmai dobbiamo incentivarne la circolarità.

CI — Pensa di visitare altre città nello Stato di San Paolo, all'interno e sulla costa?

DF — È mio dovere farlo e lo farò volentieri e con grande interesse ed entusiasmo. La circoscrizione del Consolato Generale abbraccia un'area grande quanto mezza Europa. Include gli Stati di San Paolo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Acre. Si tratta di un territorio molto variegato e che include realtà socioeconomiche diverse. Viaggiare e conoscere le persone ed il territorio è la parte intellettualmente più remunerativa del mio lavoro. Dal mio punto di vista, meno resto seduto dietro la mia scrivania meglio faccio il lavoro di console. Sto organizzando una prima missione nell'interno dello Stato di San Paolo. Il 29 e 30 marzo sarò a São José do Rio Preto, Birigui e Araçatuba con la Camera di Commercio Italo-Brasiliana per incontrare imprenditori locali e presentare il Sistema Italia. Sono molto curioso e cercherò di viaggiare il più possibile in tutta la circoscrizione.

CI — Come valuta la guerra in Ucraina e i suoi effetti per l'Italia e il Brasile?

DF — E' evidentemente una tragedia. L'Italia è molto vicina al popolo ucraino e condanna l'aggressione russa. In stretto raccordo con i partner dell'Unione Europea e la NATO stiamo facendo tutto il possibile per evitare ulteriori *escalation* e fermare questo conflitto assurdo che riporta il mondo indietro di decenni. Contemporaneamente siamo impegnati sul piano umanitario, accogliendo decine di migliaia di ucraini in fuga dalla guerra. E' evidente che tra le sue conseguenze, questa guerra sta rinsaldando i rapporti tra i paesi *likeminded*, tra questi evidentemente anche Italia e Brasile.

CI — Ha un messaggio per i lettori della Comunità Italiana?

DF — Innanzitutto lasciatevi ringraziare il personale del Consolato Generale e tutti gli attori del Sistema Italia (l'agenzia ICE, l'Istituto di Cultura, l'Ufficio scolastico, la Camera di Commercio, Enit, SACE) per l'eccezionale lavoro che stanno svolgendo. Sono inoltre molto toccato dall'accoglienza particolarmente calorosa che mi è stata riservata da tutta la comunità italiana. I primi due mesi a San Paolo sono stati particolarmente intensi, ma altrettanto interessanti per i molti incontri con la collettività, le imprese, le associazioni e la società civile italiana qui a San Paolo. Tanti italiani mi hanno mandato messaggi di benvenuto, anche tramite i social media. Mi sento già a casa qui e sono certo che i prossimi quattro anni mi riserveranno molte soddisfazioni. Io sicuramente farò del mio meglio, soprattutto per migliorare ulteriormente l'offerta di servizi del Consolato Generale (già di alto livello grazie all'eccellente lavoro fatto dal mio predecessore e amico Filippo La Rosa insieme alla console aggiunta Livia Satullo). Grazie mille infine a voi della **Comunità Italiana** per questa bella opportunità. 🇮🇹



Exportações em alta

Em fevereiro de 2022, as exportações italianas para os países fora da Europa aumentaram 21% comparando-se com o resultado do mês de fevereiro de 2021. Em relação ao registrado em janeiro deste ano, houve alta de 1,9%. Os dados são do Ministério das Relações Internacionais e foram comemorados pelo subsecretário Manlio Di Stefano. “As empresas italianas estão demonstrando capacidade extraordinária de resiliência, inovação, criatividade e compromisso”, destacou Di Stefano.

Museu da ‘arte salva’

O governo da Itália anunciou que vai abrir um museu dedicado exclusivamente a obras de arte recuperadas, ou seja, peças que foram danificadas, furtadas, vendidas ou exportadas ilegalmente, mas que acabaram resgatadas pela polícia. O museu ficará na capital Roma. “A ideia é ter um lugar onde as obras recuperadas pela polícia sejam expostas antes de ser restituídas. Será um museu da arte salva”, explicou o ministro italiano da Cultura, Dario Franceschini, durante a devolução para a Prefeitura de Siena de uma pintura do século 15 de autoria do artista renascentista Sano Di Pietro restituída recentemente pela Alemanha. A primeira exposição do novo museu será voltada a peças artísticas recém-recuperadas dos Estados Unidos, incluindo itens arqueológicos de várias civilizações.



La Sapienza, a melhor

A universidade italiana La Sapienza, de Roma, foi eleita a melhor instituição de ensino superior do mundo para estudos clássicos e História Antiga conforme o ranking divulgado pela empresa britânica de análises Quacquarelli Symond. Já a britânica Oxford aparece na segunda colocação entre as melhores instituições mundiais. No total, oito das 50 universidades classificadas pelo ranking são italianas, logo atrás dos Estados Unidos, com 12 instituições. Há ainda a Universidade italiana Luigi Bocconi, que ficou em sétimo lugar entre melhores do mundo em estudos de negócios e gestão e em 14º na categoria contabilidade e finanças.

Sem café, mas com ópera

A Comissão Nacional Italiana para a Unesco rejeitou a proposta de candidatura da cultura do café expresso no país como patrimônio imaterial da humanidade. No entanto a reunião aprovou a proposta da *A arte da ópera lírica italiana*. A candidatura da proposta *Café expresso italiano entre cultura, rito, sociabilidade e literatura nas comunidades emblemáticas de Veneza a Nápoles* foi aprovada em janeiro pelo Ministério das Políticas Agrícolas e Florestais, porém, apesar da comissão da Unesco ter apreciado o dossiê, não foram informados os motivos para que o prosseguimento do pedido não fosse adiante. Quanto à candidatura sobre a ópera lírica, esta será encaminhada para o Comitê Intergovernamental para a Proteção do Patrimônio Cultural Imaterial para o ciclo de 2023.

Uffizi ‘melhor’ que Coliseu

Pela primeira vez as Gallerie degli Uffizi, em Florença, foi a atração cultural mais visitada da Itália em 2021, superando o Coliseu. O principal museu renascentista do mundo recebeu 1,7 milhão de visitantes em 2021, contra 1,6 milhão do Coliseu. Em seguida aparecem os Museus Vaticanos e o Parque Arqueológico de Pompeia. Além disso, as galerias Uffizi foram o quinto museu mais visitado do mundo no ano passado, atrás apenas do Louvre, em Paris, do Museu Russo, em São Petersburgo, do Museu de Arte Multimídia, de Moscou, e do Museu Metropolitano de Arte (Met), de Nova Iorque.



Primeiro nu de Michelangelo

A casa de leilões britânica Christie’s anunciou que vai colocar à venda um desenho raro do artista italiano Michelangelo. A obra *Giovane nudo* teria sido desenhada pelo gênio renascentista no início de sua carreira e será leiloadada no próximo dia 18 de maio, em Paris, com lance mínimo de 30 milhões de euros. Trata-se de um dos poucos desenhos de Michelangelo que ainda estão em mãos privadas e é proveniente de uma coleção francesa. Além disso, o desenho seria o primeiro estudo de um nu feito por Michelangelo e que sobreviveu aos tempos atuais.



Mão amiga estendida

Eles estão chegando e precisam ser acolhidos com extrema solidariedade e empatia. São milhares de refugiados que deixam a Ucrânia e encontram na Itália o indispensável apoio de que urgentemente necessitam

— GUILHERME AQUINO —

Os efeitos colaterais da guerra de Vladimir Putin contra a Ucrânia chegam na Europa e, claro, na Itália. O país é conhecido pela sua capacidade de acolhimento. Os incontáveis desembarques de clandestinos, imigrantes e refugiados de guerra sempre encontraram um porto seguro nas cidades italianas. Parece que o DNA do povo italiano contém um

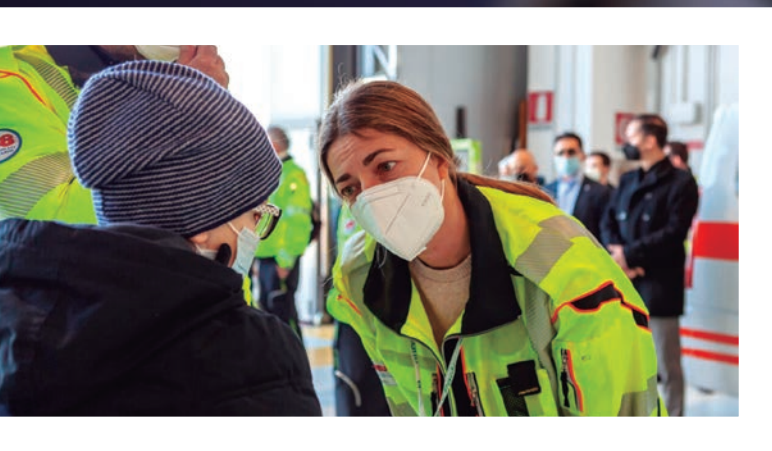
gene que se predispõe a abraçar e a prestar incondicional solidariedade a quem precisa. Verdade que a presença do estado do Vaticano no território influencia, e muito, a opinião pública. O papa Francisco tem clamado pela paz e pela salvação da população civil da guerra. E tanto quanto estão abertas as portas das casas dos italianos também se abriram as portas das escolas públicas para receber as crianças.

Porque não basta pintar e colorir os monumentos com as cores da bandeira do país invadido, mas criar redes concretas de apoio de logística de inclusão social.

Até o dia 10 de março, a Secretaria municipal de Educação de Milão tinha recebido cerca de duzentos pedidos de inscrição nas escolas de primeiro e segundo grau. E algumas crianças já estão assistindo às aulas. Neste começo, um pouco de confusão aconteceu, como era inevitável. Alguns pedidos chegavam às prefeituras, outros diretamente às escolas. Agora se está criando uma plataforma online única para a resolução destas questões.

A região da Lombardia já recebeu 11 mil refugiados e quase a metade veio para Milão. E deste total, 44% são menores de idade. Mas esta é apenas uma pequena fotografia do fenômeno que cresce a olhos vistos. Até porque as cuidadoras da Ucrânia trabalham muito com as famílias milanesas. E tentam trazer seus filhos, netos e sobrinhos para a segurança italiana.

— Devemos imaginar como dar abrigo a 40 mil pessoas na zona metropolitana. Este fluxo



Solidariedade não prioriza cultura, cor da pele, status socioeconômico ou gênero. Prioriza amor ao próximo e compaixão, indistintamente



não é à altura da boa vontade de voluntários e famílias e centros. Temos que buscar outras soluções — afirma Guido Bertolaso, encarregado de administrar a crise de refugiados na Lombardia.

Diferentes instituições estão na linha de frente para orientar, dentro da melhor maneira possível, estas famílias que fugiram das bombas em busca de uma nova realidade, de uma pseudonormalidade. Organizações não governamentais com intérpretes, departamentos especializados em dispersão escolar, setores interculturais, fundações, paróquias e associações tentam acolher esses refugiados com um olho na serenidade das crianças e de seus parentes e outro nos riscos de covid, uma praga, mais do que uma pandemia, que parece não dar trégua apesar da letalidade menos incisiva. O nível de alerta continua alto apesar da diminuição das regras. O fato é que o começo da guerra na Ucrânia e o efeito colateral da fuga de civis para a Itália coincidiu com um leve aumento na curva dos contágios de covid.

Por enquanto o nível de assistência escolar ainda é baixo junto aos jovens da Ucrânia inscritos nas classes. Mas se este

número aumentar rapidamente, outras medidas serão tomadas para acompanhar os refugiados.

— Existe um trabalho de um time de especialistas com o envolvimento da Prefeitura para garantir a inclusão escolar — diz o vice-prefeito de Milão, Natalino Manno. Entretanto a orientação é de valorizar a presença do estrangeiro nem tanto no campo da aprendizagem, mas, sim, da inclusão social, aspecto fundamental para amenizar os traumas da guerra nestas crianças, obrigadas ao abandono de seus lares e escolas, de um momento ao outro. Uma fuga sem olhar para trás e sob os sibilos e as explosões das bombas.

Cultura como antídoto

Além do campo da instrução, o setor da cultura também se mobiliza para prestar ajuda aos refugiados. Muitas estreias teatrais estão doando o borderô. A realização de espetáculos destinados à coleta de dinheiro se multiplica a olhos vistos. Teatros, orquestras, museus, artistas, curadores, enfim, uma legião italiana de personagens e instituições, privadas e públicas se solidarizam através de ações concretas.

O teatro Arcimboldi Milano colocou em pauta uma noite com as estrelas e astros da dança europeia, além de grandes personalidades in-

ção martirizada pela guerra. Os administradores do teatro criaram um laboratório para receber estudantes de formação teatral de Kiev. E a iniciativa vale tanto para integrantes do teatro na Ucrânia quanto para aqueles na Rússia e que sofrem represálias porque condenaram publicamente a guerra. E dentro do projeto Stage4Ukraine, com duração de nove meses, a Civica Scuola di Musica Claudio Abbado receberá cantores e músicos líricos enquanto a Civica Scuola di Teatro Paolo Grassi abrigará estudantes jovens de recitação e direção de importantes academias de arte dramática da Ucrânia.

O teatro alla Scala também se juntou ao coro de protestos contra a guerra no dia 4 de abril. Um concerto, com transmissão em *streaming*, dirigido pelo maestro Riccardo Chailly deu o ponto de partida para uma série de iniciativas em favor dos refugiados que vieram para a Itália ou foram para países vizinhos. A orquestra, os solis-


‘Devemos imaginar como dar abrigo a 40 mil pessoas na zona metropolitana. Este fluxo não é à altura da boa vontade de voluntários e famílias e centros. Temos que buscar outras soluções’

Guido Bertolaso, encarregado de administrar a crise de refugiados na Lombardia



ternacionais para um espetáculo de solidariedade aos artistas ucranianos e russos, além dos refugiados.

Os bailarinos irão se apresentar juntos, pela primeira vez. A arrecadação vai ser enviada ao Fondo Milano Aiuta Ucraina. O prestigioso Piccolo Teatro, de Milão, também abre o sipário para ajudar a popula-

tas, o coro, os funcionários deram a própria contribuição para a realização do evento, sem direito a bilhetes de homenagem. Todos pagam a entrada pela causa comum. E em apelo ao fim da guerra. O programa trazia *Stabat Mater*, de Gioacchino Rossini, uma sacra obra-prima, uma sagrada ópera-prima contra a profanação da paz na Europa. 



Distante e idílica paz

Sem previsão de um acordo, o conflito entre Rússia e Ucrânia provoca reações antagônicas pelo mundo. Na Itália, um casal de violinistas promove um concerto pela paz que atravessa o país. Na Bélgica, uma chef italiana vive a delicada experiência de hospedar uma família de refugiados em casa. No Brasil, a comunidade russa sofre ataques de ódio e pede uma visão mais abrangente da situação e menos maniqueísta

ROBERTA GONÇALVES

— **É** uma situação absolutamente repugnante. Minha cabeça e meu coração não conseguem aceitar — Assim, Oleksandr Semchuk, violinista ucraniano que vive na Itália há alguns anos, resume o conflito entre Rússia e Ucrânia. Dados divulgados pela Rai News, no começo de abril, mostram que a Itália recebeu cerca de 72 mil refugiados, sendo que mais de 28 mil deles são menores. As principais destinações são Milão, Roma, Nápoles e Bolonha. Preocupado com aqueles que não conseguiram chegar à Itália, Semchuk trabalha em um projeto musical para arrecadar fundos destinados à população civil na Ucrânia, onde ainda permanecem muitos de seus amigos e familiares.

Na empreitada, ele conta com uma ajuda especial: a esposa russa que também é violinista. A pedido de ambos, a identidade dela será mantida em sigilo nesta reportagem. Já a italiana Simona Ferretti, chef-proprietária do restaurante Lasagna Tiramisù, em Bruxelas, na Bélgica, decidiu ajudar acolhendo refugiados em sua casa. No Brasil, Boris Zabolotsky — neto de russos

Oleksandr Semchuk, ucraniano da de Ivano-Frankivs'k, e sua esposa russa, ambos violinistas residentes na Itália, abriram, em março, o concerto da Orquestra Sinfônica di Sanremo, no Teatro dell'Opera del Casinò di Sanremo (Ligúria), em um dos festivais de música italiana mais populares do mundo



da Sibéria e doutorando em ciência política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) — afirma que sua comunidade ainda sofre com ataques de russofobia e alerta que é preciso enxergar a questão de uma maneira “menos maniqueísta, com uma visão mais abrangente”.

Deflagrado em 24 de fevereiro deste ano, o conflito se iniciou com a Ucrânia sendo atacada pela Rússia, que repudia a aliança do país vizinho com as forças militares da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), temendo a expansão ocidental militar pelo leste europeu, entre outros motivos que envolvem a história dos dois países.

Concerto para a paz já arrecadou cerca de 100 mil Euros

— Nesta trágica situação, as pessoas mostram quem realmente são e o que têm no coração. Por isso, é um momento em que estamos unidos mais do que nunca — afirmam Oleksandr Semchuk, ucraniano da cidade de Ivano-Frankivs'k, e sua esposa russa, ambos violinistas residentes na Itália. Em março, eles abriram o concerto da Orquestra Sinfônica di Sanremo, no Teatro dell'Opera del Casinò di Sanremo (Ligúria), em um dos festivais de música italiana mais populares do mundo. Por lá criaram o projeto musical *Quando parlano le muse, le armi tacciono: la musica unisce* (*Quando as musas falam, as armas se calam: a música une*, em tradução livre). São concertos que reúnem vários músicos em apresentações artísticas que atravessam toda a Itália. A renda é doada à Cruz Vermelha italiana, que atua na linha de frente de emergência da Ucrânia.

— Assim que explodiu o conflito, pensamos logo em ajudar utilizando algo que sabemos fazer. Falamos com Giancarlo De Lorenzo (diretor da orquestra sinfônica de San Remo) e surgiu a ideia do concerto para a paz — declara a esposa de Semchuk, revelando que, até o momento, foram arrecadados cerca de 100 mil Euros: — Sabemos que é uma gota no oceano diante de tantas necessidades, mas estamos tentando fazer a nossa parte — completa ela, em entrevista à **Comunità**.

Para ajudar o projeto, basta organizar o concerto com a equipe de violinistas, que conta com a presença do público pagante. O cachê de todos os músicos será doado à Cruz Vermelha:

— Este mês, terminamos com nosso caixa pessoal no vermelho, porque pagamos as despesas de viagem e hotel do nosso bolso e, como doamos nosso pagamento para a causa, não temos como repor o valor. O jeito é usar nossas economias, mas estamos felizes — afirma o violinista ucraniano.

Semchuk explica que sua primeira reação ao conflito foi de total impacto. Hoje diz que este sentimento se transforma em profunda indignação:

— É estarrecedor constatar que tudo isso está acontecendo em pleno século 21, no coração

geográfico da Europa, depois de tantos avanços que o mundo conquistou — revolta-se.

Os familiares de Semchuk que permanecem na Ucrânia enfrentam a situação como podem.

— Eles abandonaram suas casas, refugiaram-se em abrigos antibombas e se acostumaram a dormir com o barulho dos bombardeios. O ser humano tem uma capacidade de resiliência imensa — constata. A irmã de Semchuk fugiu com a filha para Bruxelas. O marido as acompanhou e depois voltou à Ucrânia para lutar nas forças de defesa do país: — Felizmente, os refugiados também estão encontrando muito apoio em países vizinhos, como República Tcheca, Eslováquia e Polônia, inclusive para atravessar a fronteira — conforta-se.

Quanto ao cunhado que voltou para lutar na Ucrânia, Semchuk acredita que ele agiu corretamente, “em nome da liberdade do país”.

— Há um trecho do hino nacional da Ucrânia que diz:

— “Daremos a alma e o corpo pela nossa liberdade”. Estas palavras têm um sentido histórico muito forte para cada ucraniano. A reação coletiva mostra que o povo está disposto a combater, mesmo com todos os riscos, para garantir a liberdade de direitos. Não tem jeito. A democracia e a liberdade



‘É estarrecedor constatar que tudo isso está acontecendo em pleno século 21, no coração geográfico da Europa, depois de tantos avanços que o mundo conquistou’

Oleksandr Semchuk, ucraniano da cidade de Ivano-Frankivs'k



são coisas muito frágeis e devem ser protegidas. A história mostra que elas sempre tiveram que ser conquistadas, nunca foram “dadas de presente” — afirma convicto.

Para Boris Zabolotsky, a questão é, porém, controversa:

— Muitos ucranianos não querem lutar, mas são obrigados pela lei marcial. A grande maioria deles não é a favor deste combate e nunca pegou em armas para revidar um exército profissional — dispara.

A lei marcial é um sistema que vigora em situações extremas, como catástrofes naturais ou situação de guerra. Neste caso, uma autoridade militar assume o controle da Justiça, suspendendo as liberdades dos cidadãos e convocando os homens para a luta armada. No conflito em questão, após a invasão da Rússia, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, ordenou uma mobilização militar geral impedindo

os homens de deixarem o país, o que é repudiado com veemência por Zabolotsky.

— Insuflar os civis a pegar em armas e fabricar coquetéis molotov é muito mais um convite ao suicídio do que um ato de heroísmo. Inclusive, é um crime previsto na Convenção de Viena e de Genebra. A partir do momento que uma pessoa comum pega em armas, ela não é mais considerada pela Convenção de Genebra um civil, mas sim um combatente — alerta.

Tensão entre russos e ucranianos é distorcida pela mídia

Aliás, no que tange à liberdade civil, Zabolotsky argumenta que os cidadãos russos na Ucrânia também já não gozavam desta condição por lá.

— Estavam perdendo o direito de falar o próprio idioma, de

momento, seja favorável à Rússia, pelo contrário. Creio que o objetivo primordial seja a neutralidade da Ucrânia com relação à Otan — analisa.

Para Zabolotsky, os ucranianos não têm livre arbítrio na opção de se associar à Otan, porque as vozes minoritárias dos russos da Ucrânia não foram consideradas neste processo decisório.

Quando o assunto se refere a direitos democráticos, Zabolotsky admite, contudo, que a Rússia também não é um modelo de democracia liberal e que existe um cerceamento de liberdade por parte do governo, apesar de pontuar alguns avanços nos últimos anos:

— Hoje, a população tem liberdades das quais não desfrutava no período soviético, como pluralismo partidário. Além disso, parte da imprensa se reserva o direito de não estar alinhada com o governo, a Internet é livre e existe li-



‘Eles (na Ucrânia) restringem partidos de oposição e reprimem o trabalho jornalístico. É fundamental trazer essas questões para o debate, porque assim o público pode entender o conflito de uma maneira mais pragmática e verdadeira, sem estereótipos maniqueístas’

Boris Zabolotsky, neto de russos da Sibéria e doutorando em ciência política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



manter sua cidadania e de acessar órgãos públicos da Rússia. A situação tornou-se insustentável e explodiu no conflito da região ucraniana de Donbas — declara.

O doutorando em ciência política salienta que estas divergências se justificam também por questões históricas, mostrando que a questão é bem mais complexa do que parece.

— Estes dados servem para fazer o público refletir se realmente a Rússia quer subjugar a Ucrânia, como propaga a mídia. Também não acho que uma troca de governo da Ucrânia, neste

berdade de investimentos. Por ser um país grande, com uma ampla variedade étnica, muitas vezes, o autoritarismo torna-se um atalho para aglutinar as divergências e disparidades de um cenário tão eclético — avalia Zabolotsky, lembrando que a Ucrânia também não é um “mar de democracia”:

— Eles restringem partidos de oposição e reprimem o trabalho jornalístico. É fundamental trazer essas questões para o debate, porque assim o público pode entender o conflito de uma maneira mais pragmática e verdadeira, sem estereótipos maniqueístas — salienta.

Zabolotsky explica que, “devido a esta realidade maniqueísta veiculada pela mídia”, as agressões à comunidade russa se agravaram, principalmente no início do conflito, quando receberam ataques de ódio e até ameaças de morte.

— A russofobia no mundo não é novidade para gente. Isso começou a ser construído na Guerra Fria, quando acusavam a diáspora russa de ser comunista. Até hoje, ficaram resquícios deste estereótipo. Os ataques atuais se direcionavam a todos, ou seja, não era uma questão humanitária, mas a necessidade de destilar ódio à nação — constata.

No momento, ele diz que os ataques já estão sendo investigados por autoridades brasileiras, mas ainda continuam acontecendo. Para Zabolotsky, não há “mocinhos” e “vilões” nesta história, mas, sim, poder e interesses que movem ambos os lados.

— Por ser uma questão muito complexa, a mídia acaba simplificando e dando uma visão dicotômica para o público. Por isso, é fundamental ampliar essa visão, para entender melhor o contexto — avisa.

Conflito envolve interesses e exige prudência

Dentro deste universo de interesses, Zabolotsky entende que o Brasil assumiu um discurso moderado diante do conflito para favorecer o agronegócio local.

— A ideia é ganhar com a exportação de nossos produtos agropecuários para a Rússia, bem como adquirir os fertilizantes que são produzidos por ela. É uma parceria comercial que traz benefícios para ambos — destaca.

— A Itália, por sua vez, adotou uma política de repúdio aos ataques russos, mas com um discurso prudente — afirma Simona Ferretti, italiana que vive em Bruxelas, na Bélgica, onde é chef-proprietária do restaurante Lasagna Tiramisù.

— Havia a ilusão de que a guerra nunca mais chegaria à Europa. Erramos quando subestimamos a tensão crescente entre a Otan e a Rússia. Por um lado, sabemos que é necessário ter prudência. Por outro, sabemos que ficar indiferente

à situação pode fazer com que ela piore ainda mais. Acho que esta é a posição da Itália e da maioria dos países da Europa: buscar o caminho intermediário entre ajudar a Ucrânia e não comprometer a paz mundial — pondera.

Para Simona, é importante ter cautela e dosar as sanções para que não causem um “efeito bumerangue”. Embora admita que esta não é uma tarefa fácil, a chef italiana de cozinha observa que o Parlamento europeu também não colabora, visto que não emite uma opinião unânime sobre a questão.

— Quanto à Itália, parece que o governo se esconde atrás da política europeia, visto que não demonstra uma estratégia nacional clara sobre a questão — avalia.

Cansada da inércia das autoridades, Simona decidiu fazer sua parte acolhendo refugiados ucranianos em sua casa, na Bélgica. No primeiro encontro, o olhar disperso e aterrorizado da família foi o que a impactou.

— Estão destruídos. Por um lado, sentem remorso por não ter ficado lá e ajudado; por outro, sentem alívio por conseguir se salvar. Evito perguntar, para não abrir feridas que doem. Quando eles quiserem conversar, estarei aqui. Mas a iniciativa não pode partir de mim — reflete.

A conversa é também um dos caminhos para a paz, segundo Simona, salientando que o diálogo deve ser base para toda convivência civil. Como explica a italiana, a Ucrânia deveria permanecer neutra e aberta à cooperação no Oriente e no Ocidente.

— Ela poderia representar um ponto de encontro entre a União Europeia/Ocidente e a Rússia, o que, com uma boa política diplomática, ajudaria a diminuir as tensões — avalia.

Simona admite que esta via de neutralidade torna-se cada vez mais complicada, considerando os desdobramentos da guerra. Mas insiste que, em longo prazo, não há outro caminho a percorrer.

— Também seria importante mais iniciativas internacionais para nos proteger, porque a Europa ainda parece fraca neste contexto geopolítico, apesar de



‘Por um lado, sabemos que é necessário ter prudência. Por outro, sabemos que ficar indiferente à situação pode fazer com que ela piore ainda mais. Acho que esta é a posição da Itália e da maioria dos países da Europa: buscar o caminho intermediário entre ajudar a Ucrânia e não comprometer a paz mundial’

Simona Ferretti, italiana que vive em Bruxelas

ter sido uma tábua de salvação em muitos momentos — reflete.

Casado com uma mulher russa, o ucraniano Oleksandr Semchuk também acredita no diálogo como uma estrada viável para a paz. Para o violinista, ele e sua esposa — de culturas e personalidades muito diferentes —, vivendo e trabalhando harmonicamente juntos, são um bom exemplo de comunicação pacífica. Semchuk ressalta que a história mostra que, mesmo depois dos maiores conflitos, sempre chega o momento da reconstrução.

— Pode ser uma estrada longa e difícil. Mas isso não descarta a necessidade de percorrê-la. Acho que serão os artistas, os filósofos e as pessoas das artes os responsáveis por construir pontes de diálogo e compreensão que levem ao fim deste percurso. Chegará o momento de fechar as feridas, e alguém precisa ser o médico — vislumbra. 🇺🇦

SERVIÇO

PROJETO QUANDO PARLANO LE MUSE, LE ARMI TACCIONO: LA MUSICA UNISCE

[HTTPS://WWW.SEMCHUK.IT/INDEX.PHP](https://www.semchuk.it/index.php)

RESTAURANTE LASAGNA TIRAMISÙ

[HTTPS://LASAGNATIRAMISU.COM/](https://lasagnatiramisu.com/)



Pulsão destrutiva

Horizonte de cessar-fogo na Ucrânia se desvanece a cada movimento ambíguo de ataque e promessas de retomada do diálogo com lideranças europeias e a Turquia. O jurista Wálter Fanganiello Maierovitch afirma que para o presidente russo há chance de fim do conflito em maio, mas a escalada da guerra é imprevisível

TATIANA BUFF

Vidas destruídas, milhares de crianças e idosos sem lar, civis mortos e feridos, famílias separadas, cidades e vilarejos arrasados. Os saldos da hecatombe iniciada por ordem de um homem só em 24 de fevereiro, movido pelo medo de uma caricatura belicosa do Ocidente e pela representação da ganância, sede desmedida de poder, em anacrônico ímpeto imperialista se aprofundam em inúmeras dimensões e consequências, ressuscitando o temor de uma guerra mundial com o uso de armas nucleares. O desrespeito às leis internacionais é vasto, a citar a Convenção de Genebra, de 1949, “flagrantemente violada pela Rússia ao atacar civis, escolas e hospitais”, como assinala o jurista e cavaliere della Repubblica Italiana Wálter Fanganiello Maierovitch, fundador e presidente do Instituto Brasileiro Giovanni Falcone. Em entrevista à **Comunità Italiana** antes da descoberta de centenas de cadáveres na cidade de Butcha, o prestigiado especialista desata os nós cruciais da guerra na Ucrânia, destacando o papel da Itália no contexto das posições assumidas pela União Europeia, ao defender o apoio ao país invadido e acolher refugiados.

Comunità Italiana — O senhor acredita no término da guerra na Ucrânia em que termos e perspectivas? Até que ponto a União Europeia poderá atender aos pedidos do presidente Volodymyr Zelensky?

Wálter Fanganiello Maierovitch — “Se vis pacem para bellum”. Essa frase latina, “se queres a paz, prepara a guerra” (“se vuoi la pace, prepara la guerra”), resume bem, na chamada Guerra Fria (de 1947 a 1991), o pensamento geopolítico, geoeconômico e geoestratégico dos Estados Unidos e da União Soviética, as duas potências hegemônicas da época. Naquele tempo, os cidadãos do mundo, ainda a portar as tristes lembranças da Segunda Guerra, conformavam-se com a situação bem sintetizada na supracitada sentença anônima: arma-se o Estado-nacional de maneira a ele poder se defender e desencorajar propósitos agressivos dos outros. A Guerra Fria terminou, o pacto de Varsóvia virou pó, o muro de Berlim ruiu, a Alemanha se reunificou. Enfim, o bloco soviético desapareceu, mas sobreviveu a Aliança Atlântica, que atende pelo acrônimo Otan (Nato, na Europa), nascida em abril de 1949. A Federação russa, nos dias atuais, é a maior potência

nuclear e os Estados Unidos seguem pouco atrás. Como grande força planetária, consolidou-se a China. Com esse pano de fundo e sob a presidência de Vladimir Putin, um autocrata, indicativos com lastro revelam a intenção do Kremlin de restaurar, em parte, o antigo domínio soviético. A Ucrânia, estado nacional, virou alvo da cobiça da Rússia, que em 9 de maio de 2014 anexou a Criméia e mantém no porto de Sebastopol, no mar Negro, a sua principal base militar naval na Europa. O desejo de apossamento russo cresceu pela existência de separatismo filorusso e pela russofonia na região ucraniana de Donbass, nas cidades de Donetsk e Luhansk. De fato, e baseado em mentira como a imitar a divulgada quando os Estados Unidos tomaram o Iraque, as forças russas invadiram a Ucrânia, um estado soberano. A mentira, como diz o dito popular, tem pernas curtas. Putin disse ter ingressado na Ucrânia pois “russos”, assim ele considera os ucranianos, eram vítimas de genocídio cometido por neonazistas. Na Ucrânia, existe uma pequena organização neonazista e um partido político de direita radical. O grupo nazista é insignificante e não promove a denominada limpeza étnica. E genocídio nunca ocorreu, salvo o perpetrado na Ucrânia ao tempo de Stálin a matar de fome, entre 1932 e 1933, milhões de ucranianos em busca da independência. O holocausto ucraniano leva o nome de holodomor. A estratégia bélica de Putin, como já mostrou em Aleppo (Síria) e em Grozny (Chechênia) é a de terra arrasada, com ataques à população civil, escolas, hospitais e centros de refúgio. Essa estratégia está sendo imposta à Ucrânia, a revelar não buscar Putin um acordo de paz, mas a capitulação. Com a invasão da Ucrânia, a Rússia violou a Carta de constituição da Organização das Nações Unidas, cujos princípios fundamentais ajudou a estabelecer. A Carta das Nações Unidas estabelece os princípios — violados pelos russos — de não agressão; coexistência pacífica; autodeterminação dos povos.

De se acrescentar, no campo do Direito Internacional, também conhecido pelo Direito das Gentes, o princípio latino do “pacta sunt servanda”, o da obrigatoriedade do cumprimento dos acordos, tratados e convenções. Pelo bilateral Tratado de Start, os russos, que receberam de volta o arsenal nuclear instalado em território ucraniano, compromissaram-se com a não invasão desse país. Putin descumpriu o tratado. As tratativas voltadas ao cessar fogo e ao colocar fim à guerra estão em curso, especialmente no campo diplomático e a intermediação está sendo feita pela Turquia. No campo político existe outra tentativa de cessar fogo e fim do conflito. Nela trabalham a França, pelo chefe de estado Emmanuel Macron, Turquia, o presidente turco Recep Erdogan, e Israel, pelo primeiro-ministro Naftali Bennett. Segundo vazado por 007 da inteligência europeia, o acordo de 15 pontos está emperrado na figura do “status neutral”. A partir de 1991, o Direito internacional público passou a reconhecer o referido “status neutral”. Áustria e Suécia ostentam esse status. Algo que na Suécia, na última semana de março, ficou ameaçado. O espaço aéreo sueco foi violado por quatro aviões de guerra russos SU-27, com dois a carregar armas nucleares. A Ucrânia, pelo representante do presidente Volodymyr Zelensky propõe aos russos um status neutral para a Ucrânia. Os russos aceitam desde que seja absoluto, isto é, sem exército, marinha, aeronáutica e bases militares. Sobre isso, o governo ucraniano já não concorda. A contraproposta, e tem tudo para vingar, é de não construção de bases militares na fronteira com a Rússia, compromisso de não ingresso na Otan e aval de mais de cinco potências. A Ucrânia não abrirá mão do seu ingresso na União Europeia. A Ucrânia pensa na reconstrução, financiada pela UE. Os russos insistem na anexação da zona separatista de Donbass. E desejam estabelecer controle e domínio no litoral, a partir do porto de Mariupol até Odessa. Isso significa fincar, ainda

mais, o pé nos mares Negro e de Azov. Para o presidente norte-americano Joe Biden, os russos não querem celebrar a paz, apenas ganham tempo nas negociações. A meta seria subjugar e se apossar da Ucrânia. No final de março, Putin deixou vazar estar o término da guerra agendado para 9 de maio; trata-se da data de anexação da Criméia. Começou-se a falar em paz em face dos encontros na Turquia. Os bombardeamentos russos diminuíram e foi autorizado levantamento do cerco à arrasada Mariupol, tendo de lá saído 54 ônibus com civis. Para analistas militares internacionais, trata-se de falso sinal de paz. As tropas russas, em razão de perdas e indisciplina reinantes, estariam se reposicionando. A propósito, a brigada motorizada russa 37 revoltou-se contra o coronel comandante Yuri Meduechek. Ele foi intencionalmente atropelado e esmagado por um tanque.

logo o controle da Ucrânia. Não esperava a heroica resistência das forças ucranianas, infinitamente inferiores às da Rússia. Por outro lado, nos estados bálticos (Estônia, Lituânia e Letônia), a Otan aumentou contingentes defensivos. Enquanto a Rússia avança, o chefe do Ministério Público Internacional junto ao Tribunal Penal Internacional sediado em Haia, o escocês Karim Khan, prossegue investigações. Khan poderá denunciar Putin por crimes de guerra, de invasão e contra a humanidade. A Convenção de Genebra de 1949, por exemplo, está sendo flagrantemente violada pela Rússia ao atacar civis, escolas e hospitais. O Tribunal Penal Internacional foi criado pela Convenção de Roma, de 18 de julho de 1998. A Rússia subscreveu a Convenção e está sujeita à sua jurisdição. O TPI julga crimes de guerra, de agressão internacional, contra



Foto: Gianluigi Cammarota



CI — Como percebe a estratégia de pressões internacionais do presidente russo, Vladimir Putin, sobretudo no que se refere à pretendida aliança com a China e embate com os Estados Unidos?

WFM — O Ocidente não quer uma terceira guerra mundial. Por isso, os Estados Unidos e a União Europeia optaram por sanções econômicas, como, por exemplo, a adesão da rede Swift em cortar bancos russos e bielorrussos das transações internacionais de capitais. São sanções eficientes. Putin pensou em evitá-las tomando

‘De se frisar, conforme matéria mostrada no programa Carta Bianca, da Rai, o desespero de exportadores italianos. São milhões de sapatos sem embarque à Rússia. Idem de garrafas de espumante. Para piorar, Putin só autoriza pagamentos internacionais em rublos e viola contratos com exportadores italianos celebrados em euros e dólares’



a humanidade e de genocídio. Putin, em breve, estará no banco dos réus do TPI. O problema é que, se condenado ou com prisão preventiva imposta, não será entregue pela Rússia. Quanto à Corte Internacional de Justiça de Haia, instituída em 1945, já foi desprezada por Putin.

CI — A seu ver, a existência das forças nucleares pode ultrapassar o limiar do peso da ameaça entre as potências para a ação? Corremos esse risco?

WFM — Logo no início da guerra e ao tomar conhecimento das sanções econômicas, Putin colocou em alerta máximo os meios nucleares. Como dizem os especialistas em geoestratégia, os

no irresponsável alerta nuclear máximo. Talvez tenha usado para intimidar o Ocidente.

CI — O presidente russo subestimou a capacidade de resistência ucraniana? Por quê?

WFM — Sim, subestimou. Pensou num passeio, com os ucranianos a receber os russos de braços abertos, como libertadores. Os ucranianos têm a sua nação e nacionalidade. A invasão foi considerada um ato de guerra. Putin não contava com a heroica estratégia das forças e dos voluntários ucranianos. Eles conseguiram atrasar, em terra, a evolução das tropas russas e cortar as linhas de abastecimento de alimentos, combustíveis e remédios. Pelo que se sabe, o emprego de drones comprados na Turquia foi fundamental para, em terra, contrastar a marcha dos tanques russos. No mais, desde a invasão da Crimeia os ucranianos perceberam a intenção imperialista, que uma invasão poderia acontecer. Por outro lado, a Ucrânia tardou em aderir à Nato-Otan.

CI — Quais as consequências do conflito para a geopolítica mundial? A União Europeia tenderá a manter as sanções econômicas à Rússia?

WFM — A União Europeia tende a reagir com mais sanções econômicas. Existe o problema do gás russo e de a Alemanha ter bloqueado as obras do principal gasoduto em construção. A Itália, por exemplo e no que toca ao gás, tem 40% do seu consumo a depender da Rússia. Em 30 de março, o respeitado premiê italiano Mario Draghi revelou pessimismo da conversa telefônica com Putin: “os ataques continuarão”, falou Draghi. Países europeus já buscam alternativas, inclusive plano de racionamento de consumo e a Suécia comprometeu-se a aumentar o fornecimento de gás. Interessante observar a reação de líderes da direita radical europeia, deslumbrada com Putin. De se notar, ter o autocrata direitista húngaro, Viktor Orban, condenado a invasão russa.

CI — Os ucranianos que buscam abrigo na Itália, na Alemanha, na Polônia e em outros países do leste europeu podem motivar a formulação de novas políticas sociais a favor dos refugiados?

WFM — A União Europeia, a Itália em particular, está receber os refugiados e elabora um plano de financiamento. Putin, diante das sanções econômicas, tenta se vingar da Europa. Sua tática é lotá-la de migrantes ucranianos. Mostra, mais uma vez, a sua absoluta despreocupação com os direitos naturais dos seres humanos. De se frisar, conforme matéria mostrada no programa *Carta Bianca*, da *Rai*, o desespero de exportadores italianos. São milhões de sapatos sem embarque à Rússia. Idem de garrafas de espumante. Para piorar, Putin só autoriza pagamentos internacionais em rublos e viola contratos com exportadores italianos celebrados em euros e dólares.

CI — Para o Brasil, em ano eleitoral, quais as possíveis consequências da invasão da Ucrânia, além das altas nos preços do petróleo, dos fertilizantes e dos grãos?

WFM — O Brasil sob o governo de Bolsonaro e pelas ambiguidades, não goza de respeito internacional. Na ONU votou contra a invasão e em repúdio à Rússia. Bolsonaro procura não desagradar Putin, que visitou na véspera da invasão da Ucrânia. Ele se diz neutro e preocupado com o agronegócio, dada a dependência a fertilizantes importados da Rússia. Ainda não percebeu que existem outros fornecedores. A diplomacia brasileira, desde as trapalhadas e incapacidade do Ernesto Araújo, perdeu credibilidade. Enquanto isso, e nos campos da geopolítica e da geoestratégia, a China revela-se o fiel da balança nessa guerra. Putin depende da China. A China já marcou posição; falou da necessidade de respeito à soberania e de ela temer um ataque à Polônia. Em cima do muro, a China não responsabiliza a Rússia. 🇺🇸



‘A diplomacia brasileira, desde as trapalhadas e incapacidade do Ernesto Araújo, perdeu credibilidade. Enquanto isso, e nos campos da geopolítica e da geoestratégia, a China revela-se o fiel da balança nessa guerra. Putin depende da China’

acionamentos dos “botões vermelhos” por Rússia e Estados Unidos levariam ao fim de todos. Para o Pentágono, o acionamento nuclear russo passa por fases. No primeiro estágio, haveria, pelos russos, o disparo de bomba da potência da jogada em Hiroshima e com capacidade para eliminar até 500 mil pessoas. Putin recuou



Desafio energético

Invasões russas na Ucrânia geram pressões na economia italiana e em outros países europeus

CAROLINE PELLEGRINO

A Itália, que importa da Rússia pouco mais de 40% do consumo anual de gás natural, deve enfrentar pressões inflacionárias e ambiente político turbulento nos próximos meses devido à invasão russa na Ucrânia. É o que preveem analistas do mercado internacional.

Após quase dois meses da invasão militar russa contra o país vizinho, iniciada no dia 24 de fevereiro, o cenário que se configura é formado por grandes desafios para os países da zona do euro. Entre eles, o aumento nos preços de energia e dos combustíveis, a imigração e a necessidade de diminuir a dependência de gás natural russo.

— No curto prazo, tem pouca coisa a ser feita, mas alguns países já sinalizaram interesse em liberar as reservas internas de combustível para sanar a demanda nacional, sem precisar depender tanto dos russos. É o caso da Alemanha, onde cerca de 50% do gás consumido vêm da Rússia — analisa o professor Kai Lehmann, do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), para **Comunitá**.

Segundo Lehmann, a Itália, assim como outros países da zona do euro, deve ver os preços dos combustíveis subirem, e ainda enfrentar os impactos econômicos causados pela onda migratória de refugiados vindos da Ucrânia.

— O principal país que recebe ucranianos é a Polônia devido à proximidade e à fronteira, mas a Itália também já está recebendo a segunda onda de refugiados, depois de 2015 — completa o acadêmico.

Recentemente, o presidente russo Vladimir Putin assinou um decreto que estabelece a venda de gás apenas para quem pagar na moeda russa, o rublo, que atualmente está na proporção de 0,054 do real e de 0,011 do euro. Essa medida, se realmente estiver em

prática no comércio internacional, vai gerar ainda mais aumento nos preços de combustíveis nos países europeus e, conseqüentemente, aumento na inflação.

— A zona do euro já enfrenta o pior índice inflacionário da sua história e, com esse pagamento apenas em rublo, agravaria a situação ainda mais — finaliza Lehmann.

Em podcast para a *CNN Brasil*, o analista de relações internacionais Renan de Souza afirmou que os impactos vão depender das conquistas da Rússia e das decisões dos países envolvidos: “A Rússia está enfrentando crise de suprimentos, e há uma descentralização do comando militar. Já os Estados Unidos e a Alemanha anunciaram conversas com o Catar para que eles forneçam gás para a Europa.”

Impacto na Itália e independência em gás

Apesar das especulações, alguns desafios já são reais para os países europeus, como a busca pela independência energética e o acolhimento dos milhares de refugiados. Segundo anúncio do governo italiano, feito no dia 26 de março, mais de 70 mil refugiados da Ucrânia já fugiram para a Itália.

Outras conseqüências já notáveis na economia italiana é que com o aumento nos preços de combustíveis e de energia, muitos barcos pesqueiros já foram paralisados após a guerra da Rússia contra a Ucrânia e os impactos também

‘A zona do euro já enfrenta o pior índice inflacionário da sua história e, com esse pagamento apenas em rublo, agravaria a situação ainda mais’

Kai Lehmann, do Instituto de Relações Internacionais da USP

atingiram diversas fábricas italianas, como as de papel.

Vale lembrar que entre as principais razões que levaram à invasão russa estão: a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) pelo leste europeu, a possibilidade de adesão da Ucrânia à aliança militar e a intenção de Putin em restabelecer a zona de influência da antiga União Soviética.

Em março, como resposta às preocupações dos italianos, o governo italiano anunciou a independência do gás russo, a longo prazo, em até 30 meses.

Em entrevista à emissora *Rai*, o ministro italiano da Transição Ecológica, Roberto Cingolani, afirmou que o país faz esforços para garantir a independência. “Entre 24 e 30 meses, devemos nos permitir ser completamente independentes (*do gás russo*).”

Cingolani também afirmou que mesmo se a Rússia suspender o fornecimento de gás para a Europa, a Itália teria estratégias para superar um possível embargo. “Se por algum motivo a Rússia suspender o fornecimento, as nossas reservas atuais e o plano de emergência nos dariam tempo para chegar até à estação melhor (*após o inverno europeu*).”

Diferentemente dos países europeus, o Brasil não tem a mesma dependência de combustíveis russos, mas algumas regiões brasileiras chegam a depender até 35% dos fertilizantes da Rússia. Os mesmos são usados na agricultura para melhorar a produção nacional, segundo levantamento do Instituto Pensar Agropecuária (IPA).



Direto do front

Uma trajetória de quem viu bem de perto os horrores da guerra

ARNALDO F. CARDOSO*

Desde o anúncio feito pelo presidente russo Vladimir Putin, em 24 de fevereiro, do início dos bombardeios ao território ucraniano, o mundo passou a assistir diariamente uma sucessão de imagens de destruição, sofrimento e desespero, fazendo predominar a avaliação junto à opinião pública de que essa guerra, como todas, é insensata e cruel. Ao mesmo tempo em que se multiplicam as indagações sobre as razões e motivações para a guerra, proliferam as narrativas construídas a partir de diferentes perspectivas e uma guerra de informações.

Atualidade desse difícil ofício

Quinze anos atrás, precisamente no dia 8 de março de 2007, a Associação de Imprensa Romana convocou uma manifestação na capital do país pedindo pela libertação do jornalista Daniele Mastrogiacomo, então com 52 anos, sequestrado pelo Talibã no Afeganistão onde se encontrava trabalhando como enviado do jornal italiano *La Repubblica*.

Ele foi capturado no dia 5 de março, a caminho da província de Helmand — onde combates estavam ocorrendo entre

Desafios da mídia na Ucrânia

Em 2011, Mastrogiacomo publicou o livro Days of fear, em que relata a marcante experiência de seu sequestro e tempo no cativo, com reflexões que remetem ao “eterno drama humano: o encontro de um homem com o outro”. Em recente diálogo com Daniele Mastrogiacomo, propus e ele aceitou responder algumas perguntas sobre os desafios do jornalismo de guerra, tendo em perspectiva a guerra na Ucrânia e a guerra paralela de informações e narrativas. Abaixo segue a entrevista

ARNALDO F. CARDOSO — É comum repetirmos a frase que diz que “na guerra a primeira vítima é a verdade”. Você concorda com essa predição? Nessa guerra na Ucrânia isso está se confirmando?

DANIELE MASTROGIACOMO — A frase atribuída a Ésquilo, famoso dramaturgo da Grécia antiga, infelizmente é uma constante nos conflitos. Mas nesta guerra, tão diferente e ao mesmo tempo tão igual às demais, fica ainda mais evidente. Há uma guerra de propaganda que se soma à de mísseis e bombas que torna muito mais difícil distinguir o que é verdadeiro do que é falso. As notícias se sobrepõem, se negam e depois se confirmam. Quando este desastre terminar, e todos esperamos que aconteça o mais rapidamente possível, será difícil fazer justiça às vítimas, como o Tribunal Penal Internacional de Haia provavelmente tentará fazer.

AFC — Com a sua experiência acumulada como correspondente em zonas de conflito, quais são

as maiores dificuldades para a realização desse trabalho de jornalismo de guerra?

DM — O correspondente de guerra deve ser uma testemunha direta e ao mesmo tempo evitar ser uma das muitas vítimas. As dificuldades são enormes. É preciso preparação física, força mental e psicológica. Deve ter excelentes contatos, contar com colaboradores locais que o ajudem no seu trabalho. Entender para onde ir, como construir seu serviço, acompanhar as notícias, coletar informações. A cada momento você tem que fazer escolhas. Seguir seus instintos, aproveitando sua experiência. É preciso muito pouco para ser ferido, morrer, ser sequestrado, desaparecer. Nesta guerra, três colegas já morreram e um ficou gravemente ferido.

AFC — Neste conflito na Ucrânia, a guerra de informação tem sido intensa, produzindo diariamente vereditos sobre “quem está ganhando a guerra”. A maior parte da mídia ocidental avalia que Putin está isolado e que já perdeu

a guerra diante da opinião pública mundial. Os críticos dessa mídia ocidental denunciam que ela é aliada de seus governos e que produz narrativas falsas e parciais. Como você está vendo essa cobertura da guerra na Ucrânia?

DM — Acho que é uma das guerras mais difíceis para a mídia seguir. Porque você tem que estar em campo e juntos distinguir as diferentes narrativas sobre quem ganha e quem perde. Interpretar a realidade nem sempre é fácil: você pode dizer o que vê, mas precisa colocá-lo no contexto geral. Há uma evidente desproporção entre os dois lados. A Rússia tem o segundo exército mais forte do mundo, a Ucrânia acaba de reconstruí-lo. Mas Kiev tem uma resistência que surpreendeu a todos, incluindo Moscou. Infelizmente, isso sugere um longo conflito cheio de vítimas. A Ucrânia não vai desistir. Basta ver como eles lutaram durante a batalha de Maidan em 2014, quando a maioria escolheu a liberdade e o Ocidente.

AFC — Você considera que o fato de o presidente ucraniano Zelensky ser um profissional de comunicação tem influenciado a forma da narrativa ucraniana da guerra? Ele está representando o papel de herói?

DM — O presidente Zelensky aproveita suas habilidades de comunicação que vêm de sua experiência como comediante de televisão. Ele fala

forças do Talibã, Estados Unidos e Otan —, junto com dois afegãos que o acompanhavam. Um deles, o motorista Sayed Agha, de 25 anos, foi decapitado na presença de Mastrogiacomo.

Em 11 de março, um dos comandantes do Talibã, Mullah Dadullah, divulgou nota através da agência afegã de imprensa afirmando que mataria o jornalista italiano, acusado de espionagem, se as exigências do Talibã não fossem atendidas nos próximos sete dias. As exigências eram a retirada das tropas italianas do Afeganistão e a libertação de cinco combatentes talibãs, detidos pelo novo governo afegão liderado por Hamid Karzai.


Na época, altas autoridades da Itália, como o primeiro-ministro, Romano Prodi, e o ministro das Relações Exteriores, Massimo D'Alema, declararam que o governo havia aberto canais humanitários para as conversas com o Talibã visando a libertação do

jornalista. Autoridades políticas e religiosas, além de jornalistas de todo o mundo — inclusive árabe e islâmico — se manifestaram clamando pela libertação do jornalista. Invocavam o Artigo 3º comum às quatro Convenções de Genebra, o Protocolo Adicional II e a Norma 34 do Direito Internacional Humanitário, que estabelecem que “os jornalistas civis envolvidos em missões profissionais em áreas de conflito armado devem ser respeitados e protegidos, desde que não estejam tomando parte direta nas hostilidades”.

Daniele Mastrogiacomo foi libertado no dia 19 de março depois de duas semanas em cativeiro. Nesse período, o jornalista foi transferido diversas vezes de cativeiros, vivendo picos de tensão.

Em seus 40 anos de profissão, Daniele Mastrogiacomo foi correspondente de guerra no Afeganistão, Irã, Iraque, Líbano, Somália e Congo. Entre 2014 e 2019, ele viveu no Rio de Janeiro e hoje vive entre

‘Ele (o jornalista Daniele Mastrogiacomo) foi capturado a caminho da província de Helmand — onde combates estavam ocorrendo entre forças do Talibã, Estados Unidos e Otan —, junto com dois afegãos que o acompanhavam. Um deles, o motorista Sayed Agha, de 25 anos, foi decapitado na presença de Mastrogiacomo’

Lisboa, Roma e Rio de Janeiro, mantendo sua atividade jornalística e vínculo com o jornal italiano *La Repubblica*, como correspondente para a América do Sul. 

(*) Arnaldo F. Cardoso, cientista político formado pela PUC-SP, escritor e professor universitário.

com as pessoas, mostra-se em Kiev, intervém na Câmara dos Deputados, no Parlamento Europeu, contata primeiros-ministros e presidentes, discute com eles. Está fechado em seu *bunker* junto com seu governo, mas está aberto ao mundo. Ele usa as redes sociais e a mídia porque são suas ferramentas de pressão, mais do que armas e ameaças. Ele já é um herói. Certamente para o seu povo.

AFC — Para países periféricos como o Brasil é possível ter uma cobertura jornalística independente diante de um conflito como

Acho que é uma das guerras mais difíceis para a mídia seguir. Porque você tem que estar em campo e juntos distinguir as diferentes narrativas sobre quem ganha e quem perde. Interpretar a realidade nem sempre é fácil: você pode dizer o que vê, mas precisa colocá-lo no contexto geral

esse? Ou só nos cabe reproduzir a cobertura feita pelas grandes agências de notícias?

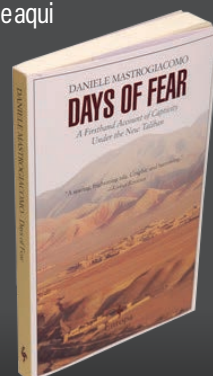
DM — Tenho lido ótimas matérias na cobertura feita pela mídia brasileira. Claro que estar longe não ajuda, e quem tem a possibilidade de enviar jornalistas ao local acaba sendo favorecido. As agências de imprensa costumam receber notícias, como as relativas a negociações diplomáticas e ações paralelas à guerra. Mas o papel dos enviados continua sendo decisivo. Os colegas dos jornais brasileiros sabem bem disso.

AFC — Dias atrás o governo Putin anunciou duras restrições à liberdade de imprensa na Rússia, proibindo o uso de palavras como invasão e guerra para noticiar o conflito na Ucrânia. Na sua opinião, em uma situação como essa, o jornalismo russo poderia praticar alguma forma de resistência diante da censura estatal? O povo russo ficou refém da narrativa oficial? A internet consegue furar esse isolamento?

DM — Putin, porque esta é uma guerra de Putin e não dos russos, usa as ferramentas que mais lhe agradam. Ele é um ditador, um criminoso. Fecha os jornais e as emissoras de TV independentes, cala as vozes dissidentes, aprovou uma lei que condena a 15 anos aqueles que usarem a palavra guerra e não uma “operação militar especial” e a 5 anos aqueles que



se manifestarem a favor da paz. Já houve quase 10 mil prisões entre os russos que ousaram sair às ruas e protestar contra a intervenção. As sanções muito duras e sem precedentes desde o fim da Segunda Guerra Mundial começam a pesar na economia russa. Mas sozinhas elas não são suficientes, elas terão um efeito real apenas em alguns meses. Pagaremos também as consequências na Europa e aqui na América Latina. Mas é o mínimo que podemos fazer para combater essa agressão absurda. A liberdade está em jogo. A Ucrânia também está lutando por nós, por nossos valores, pelas escolhas que fizemos. Defende nosso modo de vida, nosso futuro. Porque queremos [e eles também] ser livres, com nossas contradições, e orgulhosos disso. ■





L'Italia e la guerra

Come sta reagendo l'Italia da quando è scoppiata la guerra in Ucraina: dalle sanzioni economiche alla gara di solidarietà per accogliere gli ucraini in fuga

STEFANO BUDA

L'invasione russa in Ucraina, oltre a scatenare una guerra dagli esiti imprevedibili e a provocare migliaia di vittime tra i civili, sta colpendo duramente l'Italia e il resto dell'Europa. I prezzi di numerosi beni di largo consumo, a partire da gas, elettricità, benzina e alimenti, sono schizzati alle stelle, mettendo a dura prova le capacità di resistenza di milioni di cittadini. Sul piano politico il governo Draghi si è allineato, senza esitazioni, al fronte della Nato, capeggiato dagli Stati Uniti, finendo nella black-list stilata da Putin. Come spesso accade, però, nei momenti di difficoltà gli italiani danno prova di grande generosità: migliaia di profughi ucraini sono stati accolti in tutto il Paese ed è partita un'autentica corsa all'invio di aiuti umanitari.

La posizione italiana

L'Italia ha scelto, fin dall'inizio, da che parte stare. Gli esponenti del governo, a partire dal premier Mario Draghi e dal ministro degli Esteri, Luigi Di Maio, hanno espresso una ferma condanna nei confronti di Putin e di sostegno alla resistenza ucraina. Sostegno che si è immediatamente tradotto nell'invio di aiuti e armi all'esercito ucraino, e nell'applicazione di pesanti sanzioni economiche, ai danni della Russia, concertate a livello internazionale. Una posizione che tuttavia poggia su equilibri particolarmente labili,

perché di fatto si tratta di non entrare direttamente in guerra, evitando di scatenare un conflitto su scala mondiale, sostenendo al tempo stesso, anche militarmente, uno dei Paesi belligeranti.

Per tutta risposta Mosca, che fino a poche settimane fa considerava l'Italia uno dei principali interlocutori sulla scena europea, ha inserito anche lo Stivale nella black list dei Paesi ostili. Non sono mancate, a più riprese, minacce più o meno velate da parte di esponenti del governo russo, i quali hanno paventato il rischio di gravi e pesanti ripercussioni per l'Italia. Un quadro per nulla rassicurante, anche considerando la prossimità geografica alla Russia, che detiene il principale arsenale nucleare a livello mondiale. Si temono, in sostanza, l'escalation della guerra e soprattutto l'estensione del conflitto.

Al punto in cui siamo, infatti, potrebbe bastare un non nulla, un incidente o un equivoco, per scatenare una guerra mondiale. Le speranze di scongiurare tale rischio sono affidate alla diplomazia e ai negoziati, ma la strada per la pace sembra essere ancora lunga e in salita. Sul fronte interno le forze politiche, con qualche eccezione e con qualche timido distinguo, hanno fatto quadrato attorno alla posizione del governo. Il dibattito, nel Paese, appare però più aperto e articolato: sono in molti, tra studiosi, osservatori e intellettuali, a ritenere che gli aiuti militari all'Ucraina, da parte dell'Italia e degli altri Paesi occidentali, finiscano unicamente per prolungare un conflitto dall'esito già segnato (in favore della Russia) causando migliaia di vittime tra i civili.

Altri rimproverano all'Europa, e all'Italia in particolare, di essersi accodati alla linea dura della Nato, dettata dagli Stati Uniti, rinunciando ad un ruolo di mediazione che invece avrebbero potuto e dovuto provare a giocare. In sostanza, ferma restando l'unanime condanna nei confronti della Russia, sono in molti a ritenere che l'Europa avrebbe dovuto smarcarsi da Biden e assumere una posizione autonoma. Il vero problema, però, è che un'Europa politica, al momento, non esiste.

Le ripercussioni

Nel frattempo l'Italia deve fare i conti con le conseguenze economiche del conflitto che, almeno in parte, sono state innescate dalle stesse sanzioni imposte alla Russia. Conseguenze che vanno a sovrapporsi agli effetti,

già piuttosto pesanti, prodotti dalla crisi pandemica e da una congiuntura economica sfavorevole. D'altronde sia la Russia che l'Ucraina sono Paesi ricchi di materie prime fondamentali come petrolio, gas, cereali e fertilizzanti. Di conseguenza le ripercussioni sono piuttosto rilevanti. Sul fronte energetico, in particolare, l'Italia è il Paese europeo che, insieme alla Germania, dipende maggiormente dalla Russia. La crisi ucraina, nelle ultime settimane, ha cristallizzato la necessità di adottare nuove strategie, che rendano l'Italia indipendente, ma ci vorranno anni per centrare tale obiettivo. Nel frattempo non resta che continuare a comprare da Putin, che proprio con i soldi dell'occidente tiene in vita la sua economia ed il suo esercito.

Il conto, per gli italiani, appare però già piuttosto salato, considerando che le bollette del gas e dell'elettricità sono quasi raddoppiate. Un'autentica mazzata per le famiglie meno abbienti, ma anche per le imprese. Il prezzo della benzina è schizzato alle stelle, anche a causa di ciniche speculazioni, rendendo insostenibili le attività di molti settori, a partire dalla pesca e dai trasporti. Più in generale tutta la filiera economica ha subito un effetto domino: interi comparti, dall'industria al commercio, passando per l'agricoltura, sono in ginocchio e tantissime aziende hanno già chiuso i battenti. Inoltre l'aumento del prezzo delle materie prime e la scarsa disponibilità delle stesse stanno facendo aumentare i prezzi dei beni alimentari. Di conseguenza l'inflazione è in aumento e si rischiano effetti pesanti anche sul piano occupazionale.

L'Italia, in sostanza, si sta progressivamente e rapidamente impoverendo. Il governo fa quel che può e ha già messo in campo un pacchetto di aiuti in favore di famiglie ed imprese. Di fronte ad una crisi di tale portata, però, è soltanto una goccia nel mare. Non resta dunque che confidare nei negoziati di pace, nell'ambito dei quali, peraltro, l'Italia è stata tirata direttamente in ballo. L'Ucraina ha infatti indicato l'I-

talia, insieme alla Turchia, come possibile garante di un eventuale accordo di pace. Si tratta di una questione particolarmente delicata e spinosa, perché ad esempio non è chiaro se, sulla base di un ipotetico accordo che vedrebbe l'Italia nel ruolo di garante, in caso di un nuovo attacco della Russia all'Ucraina anche l'Italia si ritroverebbe automaticamente in guerra contro la Russia.

Solidarietà e pace

Gli italiani, nonostante le difficoltà che stanno sperimentando, non hanno mostrato alcuna esitazione nel manifestare, concretamente e fattivamente, solidarietà nei confronti del popolo ucraino. Al termine del primo mese di guerra

figli in Italia, hanno scelto di tornare in patria per restare accanto ai propri mariti. La solidarietà nei confronti del popolo ucraino, tuttavia, non impedisce agli italiani di mantenere un approccio critico alla gestione del conflitto. È questo, almeno, ciò che emerge dai principali sondaggi realizzati nelle ultime settimane.

Uno studio compiuto dalla società EMG, ad esempio, ha rivelato che il 50% degli italiani è contrario all'invio di armi all'Ucraina e che il 54% è contrario all'aumento delle spese militari, deliberato dal Governo Draghi e fissato al 2% del Pil sulla base di un accordo informale tra i Paesi aderenti alla Nato. Quanto alle principali paure evocate dal con-



sono già stati accolti circa 72mila profughi, fuggiti dalle zone del conflitto e ospitati da famiglie e associazioni soprattutto a Milano, Roma, Napoli e Bologna. La Croce Rossa italiana e la Caritas hanno compiuto diverse missioni per consentire l'evacuazione di numerosi civili, ma sono tantissime anche le piccole realtà locali e i singoli cittadini che hanno inviato pullmini in Ucraina e hanno "adottato" profughi di guerra. Centinaia, inoltre, le iniziative di raccolta fondi e le collette di beni alimentari e di prima necessità. Iniziative in larga parte coordinate dalla Croce Rossa, che sta operando sul posto ed è dunque in grado di smistare al meglio gli aiuti.

Gli ucraini in fuga dalla guerra, una volta giunti in Italia, spesso si ricongiungono con parenti o familiari che vivevano già nel Belpaese. Si segnalano inoltre diversi casi di donne ucraine che, subito dopo avere messo al sicuro i propri

Per tutta risposta Mosca, che fino a poche settimane fa considerava l'Italia uno dei principali interlocutori sulla scena europea, ha inserito anche lo Stivale nella black list dei Paesi ostili

flitto in atto, il 59% degli italiani ha dichiarato di temere le conseguenze economiche, il 48% incidenti in una centrale nucleare e il 40% un coinvolgimento diretto dell'Italia in guerra. Inoltre, a conferma dello spirito di accoglienza che sta caratterizzando il Paese in questi giorni, solo il 18% ha dichiarato di temere un massiccio arrivo di profughi. Gli italiani, in sostanza, sembrano essersi schierati con nettezza dalla parte degli ucraini, ma anche e soprattutto dalla parte della pace. 🇮🇹

O que dizem de nós?

Conferência reúne autoridades para debater por que a Itália pode ser melhor descrita por outras sociedades e culturas sem que se recorra a estereótipos

GINA MARQUES

“Os italianos comem diariamente pizza e espaguete, falam com as mãos. É um povo barulhento”. Estes são alguns exemplos da imagem que os estrangeiros atribuem aos italianos. Os estereótipos funcionam como uma forma de rotular as pessoas ou coisas, mas sem qualquer conhecimento sobre o assunto ou sobre a pessoa que está sendo estereotipada. Na maioria das vezes carregam um preconceito por falta de informação.

Este tema foi debatido no dia 4 de abril durante a conferência *Itália contra seus estereótipos: porque uma Itália melhor contada nos tornaria mais fortes* organizada pelo centro de estudos ItalyUntold. Entre os magníficos afrescos da metade do século 16 nas paredes da sala Zuccari, do Palazzo Giustiniani, do Senado, em Roma, os oradores discutiram o fardo

das opiniões e ideias generalizadas sobre o italiano.

A senadora Laura Garavini, vice-presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, abriu a conferência seguida por Ivan Scalfarotto, subsecretário de Assuntos Internos. Entre os diversos participantes estavam o diretor-geral da Direção de Italianos no Exterior do Ministério das Relações Exteriores, Luigi Maria Vignali, o presidente da ItalyUntold, Francesco Briganti, o senador Fabio Porta, da Comissão de Relações Exteriores e Emigração, e o presidente da Associação Itálicos do Brasil, Giacomo Guarnera.

Promover o turismo de raízes

— Devemos combater os estereótipos e aumentar a excelência italiana no mundo. Temos que valorizar nossos compatriotas que vivem no exterior e que atingiram níveis de excelência em muitos setores, econômicos, industriais, políticos, artísticos — afirmou Vignali.

Ele destacou as iniciativas que a Farnesina organiza para promover a cultura italiana e falou de um recente projeto.

— Uma iniciativa importante para mostrar ao mundo como a Itália mudou nos últimos anos é a do turismo das raízes que agora pretendemos promover de forma ainda mais sistemática com o financiamento do Plano Nacional de Recuperação e Resiliência que foi dado à Farnesina. Isso permitiria a muitos italianos e, sobretudo, ítalo-descendentes — cerca de 80 milhões, um patrimônio

excepcional no mundo — voltar à Itália e descobrir suas origens — continuou Vignali, acrescentando que “não há nada melhor” para eliminar os estereótipos do que vir para a Itália e descobrir diretamente como o país mudou e como também sabe interpretar o conteúdo de excelência.

Ensinar fenômeno migratório nas escolas

Porta ressaltou que os italianos no exterior enfrentam o problema dos estereótipos.

— Este encontro é oportuno porque há necessidade de abordar esta questão profundamente. Hoje mesmo apresentei um projeto de lei para ensinar nas escolas italianas, como disciplina, o fenômeno migratório em todos seus aspectos, desde a emigração dos italianos até a chegada de imigrantes na Itália. Além da presença dos italianos no mundo do ponto de vista social, cultural e linguístico. Estudar este tema significa enriquecer o nosso país, enriquecer o nosso conhecimento — disse o senador.

Segundo ele, é necessário preencher o vazio da memória que nos últimos anos foi se criando.

‘Devemos combater os estereótipos e aumentar a excelência italiana no mundo’

Luigi Maria Vignali, diretor-geral da Direção de Italianos no Exterior do Ministério das Relações Exteriores





— Quando o estereótipo aumenta, o conhecimento diminui. Precisamos conhecer a riqueza estratificada dos italianos no mundo. Por exemplo, poucos sabem que o maior produtor de panetone do mundo se chama Bauducco e está no Brasil, que o maior produtor de laranjas do mundo, Cutrale, está no Brasil e é siciliano como eu. Acabamos perdendo com a falta de conhecimento — exemplifica Porta.

Importância da mídia para italianos no exterior

O senador também destacou a importância do sistema de informação para os italianos no exterior.

— Gostaria de agradecer à *Rai Italia*, à agência de notícias *9colonne*, ao jornal *Gente d'Italia* e à revista **Comunità Italiana**. O sistema de informação é importantíssimo, deve ser tutelado e ampliado porque faz parte da nossa cultura e da missão que estamos tratando aqui nesta conferência. Infelizmente, este sistema

de informação enfrenta cada vez mais a falta de financiamentos, preconceitos, estereótipos — lamentou Porta.

Na sessão *Nation Branding da Itália e sua reputação: testemunhos do exterior*, Guarnera fez uma síntese sobre a história da imigração italiana no Brasil. Ele também explicou o objetivo da associação Itálicos do Brasil, esta inspirada pelo livro *Despertemos, itálicos!*, de Piero Bassetti.

— Quem é de origem italiana no Brasil é orgulhosamente italiano, mas quando se trata de reconectar-se com a Itália de hoje surgem problemas. Por exemplo, falar de investimento na Itália é uma coisa absolutamente desconhecida no Brasil. No entanto o brasileiro está aberto a essa



possibilidade — compara Guarnera, concluindo em seguida: — A Itália deve utilizar os pontos de força que já tem no exterior. Unir os itálicos no Brasil e no mundo à Itália, esta é a mensagem que queremos dar. 🇮🇹

Giacomo Guarnera: "Quem é de origem italiana no Brasil é orgulhosamente italiano, mas quando se trata de reconectar-se com a Itália de hoje surgem problemas". Fabio Porta: "Poucos sabem que o maior produtor de laranjas do mundo, Cutrale, está no Brasil e é siciliano como eu"





Fassa Bortolo firme no Brasil

A histórica empresa italiana Fassa Bortolo, que já iniciou produção de argamassas e rejuntas em sua nova fábrica em Matozinhos (MG), realiza no dia 10 de maio o evento de inauguração oficial do estabelecimento, com a participação do governador de Minas, Romeu Zema. A unidade brasileira é a primeira da empresa fora da Europa e tem capacidade para 300 mil toneladas de produtos por ano. Ivan Aliberti, procurador responsável pela gestão administrativa e financeira do projeto Fassa no país, diz que o projeto brasileiro caminha acima do previsto.



Prédio icônico em Veneza

Um dos edifícios mais importantes de Veneza abriu suas portas ao público pela primeira vez em quase 500 anos de história. O complexo das Procuratie Vecchie fica em frente à renomada Basílica de San Marco, no coração da cidade, e conta com 12,4 mil metros quadrados divididos por três andares. A readequação do edifício é resultado de uma restauração de cinco anos financiada por sua proprietária, a empresa italiana de seguros Generali. “A reabertura das Procuratie Vecchie representa um momento histórico para a comunidade local e internacional. Depois de cinco séculos, esse prédio icônico e conhecido no mundo todo recupera a missão original dos procuradores: ajudar os mais frágeis na sociedade”, disse o CEO da Generali, Philippe Donnet. O último andar é ocupado pela fundação The Human Safety, que promove projetos de ajuda para pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade e integração dos refugiados.



'Capacetes azuis' da cultura

O governo da Itália instituiu uma força-tarefa destinada a proteger patrimônios culturais ameaçados por conflitos armados ou fenômenos naturais ao redor do mundo. O grupo foi batizado como *Capacetes azuis da cultura*, em referência aos capacetes azuis usados pelas forças de paz das Nações Unidas (ONU), e atuará para combater o tráfico ilegal de obras de arte. A força-tarefa será formada por especialistas civis do Ministério da Cultura e militares altamente qualificados do Comando da Arma dos Carabineiros da Itália para Proteção do Patrimônio Cultural. As intervenções no exterior poderão ser ativadas a pedido de um ou mais países e a convite da Unesco desde que sejam respeitadas condições de segurança.



Loja de móveis D&G

A grife italiana Dolce & Gabbana lançou a linha Casa com a abertura de suas duas primeiras lojas dedicadas ao mobiliário em Milão. O projeto contempla uma linha de acessórios, louças e tecidos produzida internamente e uma seleção de mobiliário gerida sob licença do Luxury Living Group. As duas coleções estão disponíveis nas mesmas cores e padrões e divididas em quatro temas (leopardo, zebra, azul mediterrâneo e carroça siciliana) inspirados nas decorações encontradas na Sicília. A primeira boutique fica no número 7 da Corso Venezia e abrange uma área de 1,2 mil metros quadrados distribuídos em dois andares. Nela é possível encontrar acessórios de decoração e outros utensílios domésticos. A loja é totalmente coberta com painéis de LED para visualizar conteúdos multimídia específicos do site, oferecendo ao visitante uma experiência imersiva. Já a segunda está localizada no número 23 da via Durini em um espaço de mil metros quadrados divididos em três níveis. O local conta com um enorme lustre e oferece elementos de decoração que vão desde os sofás de tecido às mesas de carvalho lacadas, até os móveis de bar com acessórios.

Pizza compartilhada

A pizza é a comida mais fotografada e compartilhada nas redes sociais, com 22 bilhões de visualizações no TikTok e 59,1 milhões de *hashtags* no Instagram. Trata-se do resultado de uma pesquisa elaborada pela Lenstore que mostrou que o volume de pesquisa mensal no Google sobre o alimento tem uma média de 13,6 milhões em todo o mundo, sendo que por volta de 450 mil procuras são realizadas na Itália. Logo atrás da pizza estão o sorvete e o sushi. Manga, laranja, biscoito, macarrão, queijo, panqueca e hambúrguer completam o grupo dos 10 primeiros colocados da lista.



Gás da Argélia

A Itália assinou um acordo para aumentar suas importações de gás natural da Argélia. Com isso, o país africano deve superar a Rússia como principal fornecedor do produto para o mercado italiano, que tenta reduzir sua dependência energética em relação a Moscou devido à guerra na Ucrânia. O pacto foi firmado durante uma visita oficial do premier Mario Draghi e do ministro das Relações Exteriores, Luigi Di Maio, a Argel, capital da Argélia. A delegação ainda teve a presença de Claudio Descalzi, CEO da ENI, principal empresa italiana de óleo e gás. O acordo ainda prevê investimentos conjuntos em energias renováveis e hidrogênio verde. Até 2021, a Rússia respondia por cerca de 40% das importações italianas de gás natural, com 29 bilhões de metros cúbicos por ano. A Argélia aparecia na segunda posição, com aproximadamente 22,6 bilhões de metros cúbicos. O objetivo desses novos acordos é fazer com que o montante fornecido pelos poços argelinos suba para mais de 30 bilhões de metros cúbicos por ano.

'Imortal' Gil em Perúgia

A música brasileira será uma das principais protagonistas da edição deste ano do festival Umbria Jazz, que ocorrerá de 8 a 17 de julho, na cidade de Perúgia, na Itália. Entre os artistas brasileiros que participarão do evento, um dos festivais musicais mais célebres da Itália, estão Gilberto Gil, recentemente empossado na Academia Brasileira de Letras, e Marisa Monte. Os dois artistas vão se apresentar em Perúgia no dia 9 de julho. No evento deste ano, Gilberto Gil estará cercado no palco pelos filhos e netos. Outro brasileiro que vai se apresentar no Umbria Jazz é o brasiliense Pedro Martins, vencedor de uma competição de guitarra no prestigiado Montreux Festival, na Suíça.



Azzarello no RS

Entre os dias 5 e 11 de abril, o embaixador da Itália no Brasil, Francesco Azzarello, realizou uma visita oficial ao Rio Grande do Sul. É a primeira vez que o diplomata visita o estado gaúcho. Além de visitar Porto Alegre, ele conheceu também as regiões industriais e vinícolas de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Pinto Bandeira. A visita começou com uma reunião com os funcionários do Consulado italiano de Porto Alegre e membros do novo Comitê da Câmara de Comércio Italiana. Acompanhado pelo cônsul italiano do Rio Grande do Sul, Roberto Bortot, o diplomata encontrou, no dia 7 de abril, várias autoridades políticas e empresariais, incluindo o governador Ranolfo Vieira Júnior, que reforçou o interesse em estreitar ainda mais as relações institucionais e comerciais do estado com a Itália.



Azzarello no RS II

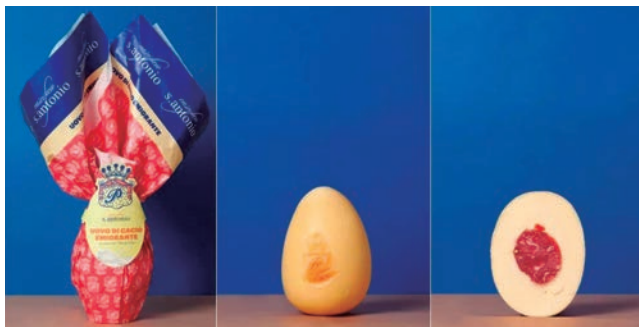
O embaixador Francesco Azzarello se reuniu também com o presidente da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul, deputado Valdeci Oliveira, o vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes, a secretária da Cultura do estado, Beatriz Araújo, e o comandante-geral da Brigada Militar, coronel Feoli. Além disso, ele visitou a sede da Federação das Indústrias (Fiergs) onde encontrou o presidente da entidade, Gilberto Porcello Petry, com o qual discutiu possíveis ações para fomentar a relação entre as indústrias dos dois países. À noite, Azzarello jantou com empresários gaúchos. Nas outras cidades gaúchas, o embaixador teve reuniões com prefeitos e representantes das áreas de indústria, comércio e educação e das comunidades italianas locais, que representam 30% da população total do estado. Ele esteve em Caxias do Sul, Pinto Bandeira e Bento Gonçalves.

Fim do estado de emergência

Após 26 meses de vigência, terminou o estado de emergência na Itália devido à pandemia de covid-19. Esse instrumento havia sido imposto em 31 de janeiro de 2020 depois da descoberta dos primeiros casos do novo coronavírus no país e foi prorrogado quatro vezes desde então, dando poderes especiais ao governo para enfrentar a crise sanitária. O fim do estado de emergência reflete a melhora da situação epidemiológica na Itália, que enfrentou cenas dramáticas nos primeiros meses da pandemia, com hospitais em colapso e filas de caixões em cemitérios. No entanto o elevado percentual de vacinação da população fez com que as recentes altas nos casos puxadas pela variante ômicron não se traduzissem na mesma medida em internações e óbitos.

Empresa ética

A Illycaffè, empresa italiana de café premium, foi reconhecida como uma das companhias mais éticas do mundo pelo 10º ano consecutivo. A distinção é conferida anualmente pelo Instituto Ethisphere, que mede padrões éticos no ambiente corporativo. A Illycaffè é a única companhia da Itália a ganhar o certificado em 2022, fazendo parte de um grupo de 136 empresas de 22 países e 45 setores. “Nosso compromisso com práticas de negócio éticas é parte da herança da companhia desde seu início, e continuamos exercendo um papel de liderança para toda a indústria do café, colocando a ética como um componente essencial de nosso modelo de desenvolvimento sustentável”, disse o presidente da Illycaffè, Andrea Illy. A metodologia de avaliação do Ethisphere inclui mais de 200 perguntas sobre cultura, práticas sociais e ambientais, atividades de ética e compliance, governança, atenção à diversidade e iniciativas de apoio a uma forte cadeia de valor.



Inusitado ovo de Páscoa

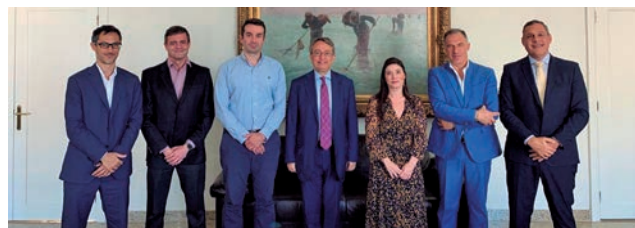
Um chef da Itália decidiu inovar nesta Páscoa e criou um ovo com sabor inusitado: queijo e salame. Ele deixou o chocolate de lado e juntou dois ingredientes famosos em sua região, o Vallo di Diano, no sul do país, para celebrar o feriado cristão. O quitute pesa mais de 1,5 kg e utiliza o queijo *caciocavallo* e o salame *soppressata*. A queijaria também fabrica o ovo apenas com queijo ou também com trufas (fungo bastante aromático).

Sem botão de ‘desliga’

O ministro italiano da Saúde, Roberto Speranza, ressaltou que o governo mudou a gestão da pandemia, tentando transformá-la de um “regime extraordinário” para um “ordinário”. “Mas com os pés no chão porque não tem um botão de ‘desliga’ que acaba com a pandemia. A pandemia ainda está em curso”, alertou. Além do encerramento do estado de emergência, o governo da Itália flexibilizou uma série de regras sanitárias, como o fim do *green pass*, ou seja, da exigência de certificado de vacinação, cura ou teste negativo em locais fechados, porém continua sendo compulsório em transportes de longa distância. O cronograma do governo prevê o fim da exigência do *green pass* em quase todas as atividades, as únicas exceções serão visitas a asilos e hospitais, e do uso compulsório de máscara em locais fechados em 1º de maio. “Máscaras em locais fechados ainda são importantes porque a circulação do vírus é muito alta. Vamos avaliar o andamento, mas hoje digo que as máscaras ainda são essenciais para combater o vírus”, acrescentou Speranza.

Oi da Tim

Onovo CEO da Tim Brasil, Alberto Griselli, afirmou que espera concluir a operação de aquisição de ativos móveis da Oi até maio. O negócio já recebeu aval do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e prevê o fatiamento da divisão móvel da Oi entre Tim, Vivo e Claro, uma operação que totalizará cerca de 16,5 bilhões de reais. “O prazo que estamos colocando é até maio. De fato, estamos chegando lá”, confirmou Griselli. A Oi já dividiu o conjunto de ativos em três sociedades de propósito específico (SPE’s), uma para cada comprador, e agora as operadoras precisam verificar se cada SPE é compatível com o que foi adquirido. “Estamos nesse processo. Na medida em que estivermos confortáveis e tivermos elementos para dizer ‘ok, é isso’, aí acontece o negócio”, acrescentou.



Cidades inteligentes

No dia 31 de março foi constituído o Grupo de Trabalho entre Leonardo, Enel, Tim e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do estado do Rio de Janeiro para desenvolvimento de projetos de smart cities como previsto no protocolo de intenções assinado recentemente. O Consulado italiano do Rio de Janeiro foi o lugar escolhido para sediar o novo grupo.



Partida da grande fotógrafa

Alendária fotojornalista italiana Letizia Battaglia, que ficou conhecida por registrar a máfia siciliana por décadas, morreu no dia 13 de abril aos 87 anos. A causa da morte não foi revelada, mas a filha da fotógrafa, Patrizia Stagnitta, disse que a mãe estava doente há algum tempo e usava cadeira de rodas para se locomover. “Apesar do sofrimento da doença e das dificuldades de locomoção ela continuou tendo muitos contatos, participando de reuniões até no exterior e até mesmo enfrentando longas viagens. A grande vontade de viver nunca tinha passado”, disse Patrizia.

Partida da grande fotógrafa II

Nascida em Palermo, Letizia Battaglia fez da Sicília a personagem principal das suas fotos. Pioneira na cobertura do noticiário policial, ela ficou célebre pelos retratos de décadas de crime da *Cosa Nostra*, a máfia local, ao longo das décadas de 1970 e 1980. “Estávamos em guerra e eu era uma mulher com uma câmera no pescoço que devia e queria documentar tudo aquilo que acontecia para denunciar para o mundo inteiro”, contou Letizia, em 2019, em ocasião de uma das suas mostras no Brasil. Entre o final da década de 1980 e 1990, ela ingressou na política e tornou-se secretária de cultura pelo Partido Verde. Ainda conquistou prêmios na área de fotografia, tais como Erich-Salomon Preis, em 2007, e o Cornell Capa Infinity Award, em 2009. Entre suas conquistas mais recentes está a criação do Centro Internacional de Fotografia, em Palermo, em 2016, onde é abrigado o arquivo fotográfico da cidade e são promovidas exposições e oficinas.

Concurso fotográfico

A Universidade de Marília (Unimar) lançou o concurso cultural *Nostra Itália: A Itália presente no Brasil*, com o objetivo de homenagear a comunidade italiana pelos 148 anos da imigração no país, com fotografias que retratam suas diversas contribuições no Brasil. Os interessados podem se inscrever até o dia 18 de maio. Poderão participar alunos de ensinos básico, fundamental I e II e médio e pessoas acima de 18 anos de qualquer localidade do Brasil. Mais informações como inscrição, regulamento e demais orientações, estarão disponíveis no site da universidade.

Profumo no Brasil

O CEO do grupo Leonardo, Alessandro Profumo, veio ao Brasil em missão oficial no final de março. Em Brasília, o executivo italiano visitou a sede brasileira da empresa acompanhado de membros de sua delegação e do embaixador italiano Francesco Azzarello. No dia 28 de março, Profumo se reuniu com o ministro da Defesa brasileiro, Braga Netto, no âmbito da cooperação setorial Itália e Brasil, que tem uma história de mais de 40 anos. No dia seguinte, o CEO da Leonardo viajou ao Rio de Janeiro onde se reuniu com o governador do estado, Claudio Castro, e o secretário da Casa Civil, Nicola Miccione. Ele também visitou a Marinha e a empresa Emgepron. Com ele nas vistas esteve o cônsul Paolo Miraglia del Giudice.



No coração capixaba

O cônsul-geral da Itália no Rio de Janeiro, Paolo Miraglia Del Giudice, esteve no Espírito Santo entre os dias 23 e 25 de março. Ele visitou Vitória, Santa Teresa, Ibirapu e Guaraná. O cônsul, além de visitar empresas e instituições destas cidades, reuniu-se com representantes do Comitês da região e recebeu um prêmio na Câmara Municipal de Santa Teresa. Em Ibirapu, ele encontrou autoridades e visitou pontos históricos da cultura italiana na cidade.



Vignali entre nós

No início de abril, o diretor-geral para os Italianos no Exterior, Luigi Maria Vignali, visitou São Paulo e Belo Horizonte. Na capital paulista, ele encontrou membros da coletividade italiana e do novo Comitês local e visitou os escritórios consulares italianos situados na cidade. Em Belo Horizonte, Vignali acompanhou uma manhã de trabalho no Consulado da Itália antes de encontrar representantes do Comitês e a recém-eleita conselheira do CGIE, Silvia Alciati. Vignali se reuniu também com empresários italianos na sede da Câmara italiana de Minas Gerais para discutir sobre oportunidades econômicas do turismo de retorno.

Em que mundo vivemos?

Será que a sociedade moderna está mergulhando em uma digitalização da vida sem precedentes e deixando de lado o caráter mais emblemático que a norteia, ou seja, o humanismo? Essa é a questão central sobre a qual se debruçam alguns pensadores da atualidade e que conduz o dossiê *Perspectivas em humanidades digitais*, da revista *Acervo*, do Arquivo Nacional do Brasil

STEFANIA PELUSI

No Brasil está crescendo o interesse pelas humanidades digitais, pois questões humanistas são cada vez mais mediadas pelos métodos digitais. Além disso, as práticas de pesquisa e o tratamento das problemáticas éticas e sociais devem confrontar-se com os processos de intensificação da digitalização de dados e de informações na sociedade contemporânea. Esse foi o tema principal do lançamento virtual do dossiê *Perspectivas em humanidades digitais*, da revista *Acervo*, do Arquivo Nacional do Brasil.

No evento, houve um debate multicultural sobre a atualíssima questão das humanidades digitais, que contou com a participação de seus editores, o professor e pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) Ricardo Piment e o professor da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Moisés Rockembach, além de dois autores que contribuíram com um artigo publicado no dossiê, a professora e pesquisadora argentina do Instituto de Investigaciones Bibliográficas y Crítica Textual (Ibicit/Conicet) Gimena del Rio Riande e o professor e pesquisador italiano da Università Roma Tre Domenico Fiormonte.

Pimenta reforçou que o dossiê recém-lançado contribui na discussão da humanidade digital, sublinhando cada aspecto que a define, como estudos na área de linguística, da história, da ciência da informação, da ciência política, da sociologia, da antropologia, entre outros.

— Existe uma gama de possibilidades muito importante para nós e que de alguma maneira nos auxilia para sobrepujar dificuldades que são de ordem metodológica, porque os fenômenos sociais e políticos são cada vez mais mediados

pelas redes digitais, pelo próprio oligopólio informacional que é o Gafam (*acrônimo de gigantes da Web, Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft*) — alertou o pesquisador do Ibict e professor da UFRJ, que acredita ser necessário discutir sobre métodos digitais e métodos aplicáveis às pesquisas.

A questão do Sul

O artigo *Mais uma vez sobre os suís das digital humanities*, dos professores Gimena e Domenico, propõe uma contextualização crítica das humanidades digitais, relacionando-as à geopolítica do conhecimento e às desigualdades na pesquisa em nível global. Portanto questiona rótulos cunhados no norte e pensa no sul, ou melhor, nos “suís” como parte da epistemologia de humanidade digitais independentes e sustentáveis.

A partir da segunda década do século 21 que as *digital humanities* (DH) começaram a difundir-se



e consolidar-se também fora da hegemonia anglófona dos Estados Unidos e da Europa. Entre 2011 e 2017 surgiram novas associações nacionais e redes regionais em diferentes continentes, como, por exemplo, a Aiucd, na Itália,, a HDH, na Espanha, a DDH, na Alemanha, a RedHD, no México, a AAHD, na Argentina, a RCHD, na Colômbia, a DHASA, na África do Sul, a AHDig, no Brasil, e a francófona Humanisti.ca.

O termo “sul” é, assim, usado como categoria para além das fronteiras, dos rótulos e dos territórios, entendido como alternativa ao discurso dominante das DH.

— Desde o começo, a área das humanidades digitais apontou essa questão de ser global, multidiomas, de ser diverso e inclusivo, porém muitas vezes acaba ficando só com essa definição teórica, que está longe de colocar isso em prática — afirmou Gimena.

A acadêmica destacou duas questões: uma que as humani-

dades não se definem ao mesmo modo em todo o mundo, a América Latina, por exemplo, sempre foi defensora de uma descrição extensiva das humanidades, podendo estender-se muitas vezes ao campo da ciência social, já na Europa muitas vezes tendem a cindir essas duas áreas; a outra questão é quais são as tecnologias utilizadas para fazer pesquisas na área da humanidade e que poderiam compor essa área das humanidades digitais que teve seu principal surgimento nos países anglófonos.

— Isso não quer dizer que não houve outras humanidades digitais com outros nomes, em outras regiões ou em outras universidades. Não devemos pensar nas humanidades digitais como algo que foi desenvolvido em outros lugares e agora viemos explorá-las, mas pensar como temos feito pesquisas em nossas universidades com outra perspectiva — frisou Gimena, referindo-se aos trabalhos na América do Sul.

No artigo, os autores criticam a perspectiva sobre o que de fato representa o *Global South* ou o “sul global” já que existem muitos “suis” e essa diversidade já marca uma riqueza. A pesquisadora argentina acredita que muitas vezes o conceito é utilizado como uma definição um pouco simplista de aplicação, ou seja, tudo o que não pertence aos grandes centros, ao padrão.

Invisibilidade da investigação das margens

Já Fiormonte disse preferir usar o termo margens, pois o considera como uma metáfora do sul, que inclui não apenas o sul geográfico, mas também o sul epistemológico.

— Nos “nortes”, neste momento há menos liberdade de expressão e de inovação e isso também é um problema que afeta a ciência e a investigação, então também as humanidades digitais, e ainda mais elas porque as tecnologias que vamos utilizando, incluídas na mesma rede, sabemos que foram hegemônicas por alguns atores que podemos identificar facilmente e, então, a infraestrutura está hegemônica pela (*cultura*) anglo-americana

e o mesmo vale para conteúdos e discursos. Toda a episteme é dominada por esses atores do norte global, o que não significa que na Europa, por exemplo, não existam resistências e margens — explicou o professor italiano, que acaba de lançar com outros dois pesquisadores uma coletânea sobre *Global Debates in the Digital Humanities* pela Universidade do Minnnesota, dos Estados Unidos.

O livro tenta descolonizar as humanidades digitais abordando o tema da falta de perspectiva além dos contextos ocidentalizados e anglófonos nas humanidades digitais. Durante o debate online,



‘A informática nunca foi livre, sempre foi dona de alguém, então devemos investir no código aberto, no acesso livre, temos que desenvolver nossas tecnologias de periferia porque são mais resistentes’

Comentou o professor e pesquisador italiano Domenico Fiormonte, da Università Roma Tre

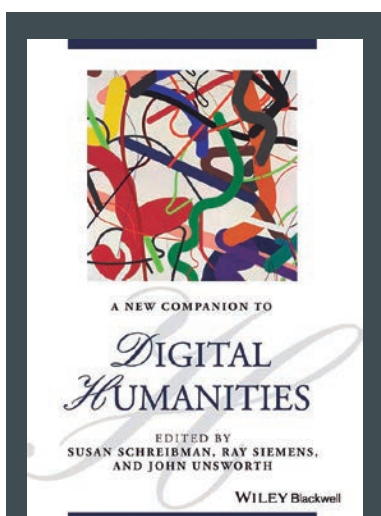
Fiormonte explicou como através da sua experiência pessoal chegou às humanidades digitais do sul.

Apesar de ser um pesquisador italiano que se encaixaria dentro de um contexto europeu que se supõe um marco do norte, porém ao falar e escrever em italiano percebeu como muitos trabalhos foram subestimados por razões linguísticas, culturais ou geopolíticas.

— Percebi que havia um sul dentro do norte e que havia muitos “suis” e muitas inovações que eram quase totalmente invisíveis — afirmou o pesquisador italiano.

Fiormonte explicou como circula o conhecimento quando pensamos em questões relacionadas às publicações periódicas como a *Science* que tornam “invisíveis” as humanidades digitais feitas nas margens linguísticas e epistemológicas.

Ao longo da conversa, os pesquisadores também destacaram como até alguns anos atrás a maioria das referências em DH era em inglês, de países como Estados Unidos, Inglaterra e um pouco da França, e agora o cenário muda paulatinamente.



Diferentes significados das DH

A origem da expressão Digital Humanities (DH) é atribuída ao texto *A Companion To Digital Humanities* e é utilizada por Schreibman, Siemens e Unsworth (2001) como uma evolução do conceito de *humanities computing*: A ênfase é colocada no significado trazido pela digitalização para as chamadas ciências humanísticas. O texto, de fato, trata as DH como uma disciplina emergente que pode explorar as mudanças tecnológicas que estamos presenciando através das lentes das humanidades. Em 2010, no *Manifeste des Digital Humanities*, foram definidas como “uma integração intensa e com diversos níveis de tecnologias digitais em todos os processos de pesquisa, desde a coleta de dados até a publicação”. No entanto a definição de DH não é única e deixa espaço para interpretações diferentes.

Fiormonte explica que a bio-diversidade cultural é um desafio, porém é o único futuro plausível. Ele também alerta para a necessidade de uma diversidade tecnológica, fenômeno similar ao que ocorreu ao longo da década de 1980, sobretudo quando foi desenvolvido no Brasil o primeiro clone de um Macintosh no mundo. O fato — recordou Fiormonte — abalou as relações comerciais dos Estados Unidos com o Brasil, que acabou abandonando o projeto.

— A informática nunca foi livre, sempre foi dona de alguém, então devemos investir no código aberto, no acesso livre, temos que desenvolver nossas tecnologias de periferia porque são mais resistentes — comentou o doutor em italiano pela University of Edinburgh, na Escócia.

Gimena concordou com o seu colega italiano e acredita que seja importante existir uma tecnologia diversa, uma tecnologia de cada comunidade, porém ela acha muito difícil o desenvolvimento desta tecnologia diversa porque consome muito tempo para desenvolvê-la, testá-la e, por fim, convencer as pessoas de que ela é a melhor opção.

— Como fazemos muitas vezes para usar Linux e não usar Microsoft e é muito difícil. Às vezes as pessoas têm essas ferramentas em mão, mas não têm a cultura necessária para escolher outra opção porque não se ensina a dimensão crítica da tecnologia — exemplifica a pesquisadora.

O futuro com mais humanidade e menos informática

A última parte do debate foi dedicada ao tema da pesquisa e do ensino das DH. Rockembach considera que o ensino vai muito além da questão operacional e a visão crítica sobre o uso e desenvolvimento de plataformas em formatos abertos de forma transparente. Em relação ao ensino — informou o estudioso —, estão aumentando os cursos dedicados às DH. Ele cita como exemplo a Argentina, onde existe um máster em humanidades digitais e a Universidade Roma

Ter, na qual leciona o professor italiano e onde há também um curso em humanidade digitais.


Para Gimena, a questão da inteligência artificial está cada vez mais “pisando o calcanhar” dos humanistas digitais. Ela criticou os grandes projetos multifinanciados de humanidade digital desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos onde não é feita humanidade, mas ciência da computação, inteligência artificial, engenharia de dados, etc.. Nas suas aulas, a professora defende que os estudantes sejam mais humanistas e menos informáticos.

— Aos estudantes temos que ensiná-los a trabalhar com os dados, mas com uma perspectiva humanista — completou a pesquisadora, que apesar de trabalhar com dados, assume-se humanista.

Da mesma forma Fiormonte disse que a sociedade moderna está perdendo uma importante característica: o pensamento crítico sobre a tecnologia.

— As humanidade digitais nascem com o objetivo de utilizar ferramentas que naquela época eram abertas, ou pelo menos a maioria delas, que depois se converteram porque houve uma crise e, em seguida, aproveitaram-se da crise das humanidades para introduzir o tema da digitalização. Neste momento, se você é um humanista de qualquer tipo, inclusive um cientista social, conseguirá recursos só se deter um projeto de mineração de dados ou algo parecido — especificou o professor italiano.

Durante suas aulas, ele explica aos alunos como reconhecer as diversas capas da tecnologia, analisando e desmascarando-as, vendo o que tem por trás delas, do software, da *big tech*, das *Gafam*, das aplicações, entre outros.

— Quem pode fazer esse tipo de trabalho são os humanistas e é por isso que não há a possibilidade de ensinar as DH de uma forma crítica, porque não estão interessados em quem destruirá o brinquedo, estão interessados em alguém que utilize as ferramentas *mainstream* sem questionar. A evolução é o grande perigo! — concluiu o pesquisador. 



Portas abertas

IED inaugura sua nova casa no Rio

Já instalado em seu novo endereço, um andar inteiro na icônica Casa D'Italia, um prédio dos anos de 1930 que abriga o Consulado-Geral da Itália no Rio de Janeiro e o Instituto Italiano de Cultura do Rio (IICRio), o Instituto Europeu di Design (IED) abriu as portas de sua nova sede na Cidade Maravilhosa no final de março.

O braço carioca do instituto de design italiano oferta 16 cursos divididos em várias áreas, com durações variadas — programas *one year*, pós-graduação e extensão — e com aulas majoritariamente presenciais, mas também conta com algumas disciplinas online. O novo local é de fácil acesso a todos os meios de transporte, como ônibus, metrô e VLT.

Com aproximadamente 700 metros quadrados de área, a nova sede do IED tem projeto arquitetônico assinado pela italiana Carlotta Pinna e por Francisco Viniegra, que cuidou do gerenciamento e já havia trabalhado na antiga sede na Urca. O design de interiores tem projeto do escritório UHMA e o mobiliário é exclusivo do Studio Pedro Leal, criado por Pedro Leal e Marcos Carvalho, que estudaram no IED. A sinalização é feita com grafites de Rafo Castro, professor do IED. Coube a Bruno Bogossian pintar o mural na grande sala, com o pé direito equivalente a dois andares. A criação do *lighting design* é de Diana Joels, coordenadora deste curso no programa *One Year de Design de Interiores*.



Niterói premiada

Em cerimônia realizada no dia 6 de abril, na sede da Fecomércio, no Flamengo, zona sul do Rio de Janeiro, a Prefeitura de Niterói conquistou o prêmio estadual *Cidade Empreendedora* concedido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) às administrações municipais que mais se destacam na implementação de políticas públicas voltadas para o empreendedorismo e gestão. Com o projeto *Niterói Empreendedora – Uma Cidade de Oportunidades*, a cidade venceu a disputa da edição estadual do 11º Prêmio Sebrae Prefeito Empreendedor da qual participaram mais 30 municípios. Niterói já é finalista para a premiação nacional, que acontecerá em junho, em Brasília. As políticas públicas implementadas pela cidade para promover o desenvolvimento econômico foram analisadas por uma comissão julgadora que avaliou as ações voltadas para a melhoria do ambiente de negócios das empresas instaladas no município e para as empresas que desejam se instalar. O foco da avaliação foi o empreendedorismo e a integração das cadeias produtivas entre os micros e pequenos empreendedores e os grandes projetos e setores tradicionais que já possuem base no município.

Torre de Pisa em SC

Já pensou em ter uma torre inclinada como a de Pisa em Santa Catarina? Esse é o projeto pensado desde 2021 pelo prefeito de Pedras Grandes, Agnaldo Filippi, que viajou para a Itália no início de abril para visitar Pisa em busca de apoio para concretizar o seu plano. “Será (o monumento) uma escola de língua italiana, uma central de informação turística e a porta de entrada para a rota da imigração italiana, além de ser a sede do M7, o primeiro museu digital da colonização italiana no sul de Santa Catarina”, comentou o prefeito, que foi recebido em Pisa pela vice-prefeita e secretaria internacional do município italiano. No encontro foram iniciados os contatos para celebrar um pacto de amizade entre as cidades de Pedras Grandes e Pisa. Além disso, Filippi divulgou a rota da imigração italiana que compreende 12 municípios do sul catarinense. Durante a viagem, ele participou também da feira internacional de turismo em Milão apresentando um vídeo sobre a rota de imigração do estado.

Diplomacia sustentável

Evento em Brasília proporcionou debate ambiental entre Itália e Brasil

CAROLINE PELLEGRINO

Pela primeira vez, a Embaixada da Itália no Brasil organizou o evento denominado Semana Embaixada Verde, aberto gratuitamente ao público, com uma série de atividades para a promoção de práticas ambientais. Para a edição inédita adotou-se como tema central o “lixo zero”, em parceria com o Instituto Lixo Zero Brasil.

O evento aconteceu de 30 de março a 2 de abril e trouxe, além de casos de sucesso, profissionais referências mundiais na coleta seletiva de resíduos. O objetivo foi trazer exemplos positivos que deram à Itália o pioneirismo e a colocaram na posição de líder mundial no quesito lixo zero.

Foram mais de 5 mil pessoas participantes, presencial ou virtualmente, tanto no canal da Embaixada no YouTube, com experiências apresentadas por especialistas italianos, como em palestras, mesas redondas e oficinas.

— O ponto alto do evento foi a visita das crianças da escola CEF

Cerâmicas Reunidas Dom Bosco, de Planaltina (DF). Além de aprenderem a técnica de compostagem, muitas delas pisaram pela primeira vez no Plano Piloto (Centro) de Brasília — narrou o coordenador da Semana Embaixada Verde, Pedro Moura.

Para provar que os projetos são viáveis também do lado de cá da linha do Equador, o evento reuniu iniciativas de sucesso já em ação no território brasileiro. Um deles é o programa Escola Lixo Zero, no Rio de Janeiro, que oferece estrutura e conteúdo para práticas sustentáveis em mais de mil escolas da rede estadual de ensino. Em sua palestra,

o ex-secretário de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, Bernardo Egas, apresentou o primeiro prédio público lixo zero do Brasil: a sede da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Florianópolis, ponto inicial do lixo zero no país, também enviou representantes ao evento.

— Tenho muito orgulho de que a Itália possa, mais uma vez, ser uma referência no setor de sustentabilidade ambiental e esperamos um bom exemplo e estímulo para outros países. A Itália é o país com mais cidades “lixo zero” do mundo e sabemos que o modelo italiano inspirou também três importantes



O embaixador Francesco Azzarello entre o presidente do Instituto Lixo Zero Brasil, Rodrigo Sabatini, e a arquiteta e urbanista Tainá Wanderley

‘Tenho muito orgulho de que a Itália possa, mais uma vez, ser uma referência no setor de sustentabilidade ambiental e esperamos um bom exemplo e estímulo para outros países’

Francesco Azzarello, embaixador da Itália



AMBASCIATA VERDE



Números

325

Cidades italianas já implementaram o modelo “lixo zero”

Mais de 100

Municípios italianos atingiram 90% de alcance da coleta seletiva

100%

Aproveitamento na coleta seletiva porta a porta feita em Milão

Iniciativas lançadas

A partir de abril de 2022, a Embaixada da Itália em Brasília será a primeira do mundo a reciclar as guimbas de cigarro. A tecnologia foi desenvolvida pela Universidade de Brasília (UnB)

A Embaixada entregará mensalmente ao projeto *Bio Gama*, da Universidade de Brasília (UnB), o óleo de cozinha usado em sua sede

Uma vez por mês, a Embaixada abrirá as portas para visitação às iniciativas ambientais realizadas no local. As visitas serão direcionadas a estudantes de escolas públicas e privadas do Distrito Federal, com palestras e oficinas sobre compostagem

Lixo zero

A Embaixada da Itália em Brasília foi a primeira missão diplomática no mundo a receber a certificação *Lixo Zero*, do Instituto Lixo Zero Brasil

Praticamente 100% dos resíduos orgânicos são destinados à composteira do complexo

O produto final é usado como fertilizante dentro da própria Embaixada

Os resíduos recicláveis e eletrônicos são doados a cooperativas parceiras

A Embaixada aboliu o uso de copos plásticos. Para o público, são fornecidos copos compostáveis que, após o uso, são encaminhados à composteira



Fotos: Paulo Victor Lago / Pedro Felipe

Exemplo italiano

Durante a Semana Embaixada Verde foram discutidos meios de replicar no Brasil a forma com que a Itália estimulou sua população a separar resíduos sólidos de lixo. Entre os participantes, o presidente da Zero Waste Italy, Rossano Ercolini, e o eco manager responsável pela gestão dos resíduos sólidos no Comuni Rifiuti Zero, Alessio Ciacci, mostraram as experiências bem-sucedidas que tornaram o país referência na reciclagem de lixo. Ercolini explicou que na Itália mais de 300 municípios já adotaram a prática Lixo Zero.

— Muitas empresas também estão cada vez mais comprometidas, seguindo os princípios da economia circular. Estamos muito satisfeitos com os altíssimos níveis de participação alcançados na tarefa de estimular as escolhas dos governos locais e de muitas empresas — comemorou Ercolini.

Ciacci destacou, por sua vez, a importância da parceria entre a Embaixada da Itália no Brasil e o Instituto Lixo Zero Brasil.

— Esse caminho é um estímulo para trabalharmos cada vez mais juntos em questões de sustentabilidade e unirmos forças entre os dois países — apontou.

Na Itália, nos últimos 30 anos, a coleta seletiva subiu de 20% para 63%. A separação do lixo começou nos anos de 1980 com a coleta nas ruas, em diversas lixeiras. Depois a prática passou para o modelo domiciliar, recolhendo os resíduos de porta em porta e mais de 100 municípios italianos atingiram 90% de alcance da coleta seletiva diferenciada. **(Stefania Pelusi)**



cidades brasileiras a se candidatarem ao projeto Cidades Lixo Zero: Florianópolis, Chapecó e Rio de Janeiro — destacou o embaixador da Itália no Brasil, Francesco Azzarello.

Única embaixada do mundo “lixo zero”

No evento, além do anúncio da recertificação da Embaixada da Itália, a única “lixo zero” do mundo, houve o lançamento do livro *Cidades lixo zero*, de autoria de Rodrigo Sabatini e da pesquisadora e arquiteta Tainá Wanderley.

O encerramento foi marcado com a publicação do vídeo *Boravê*, filmado na Embaixada da Itália pelo canal do YouTube *Manual do Mundo*, maior canal de ciência em língua portuguesa do mundo, com 15 milhões de seguidores no YouTube (<https://www.youtube.com/c/manualdomundo/>).

— O resultado foi muito positivo, já que conseguimos envolver muitos setores da sociedade, como professores da Universidade de Brasília, estudantes, políticos, representantes de importantes órgãos públicos e iniciativa privada — acrescentou Moura.

A Semana Embaixada Verde terá edições anuais, sempre com temas relacionados à sustentabilidade.

Embaixada italiana implanta projetos de educação ambiental destinados a escolas do Distrito Federal. Na foto seguinte, o coordenador de Sustentabilidade da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Bernardo Egas

Fotossíntese urbana

Com 25 parques nacionais e 130 regionais, Itália investe 330 milhões de euros em ousado reflorestamento urbano e futuras 6,6 milhões de árvores italianas irão respaldar outras 3 bilhões de plantas em todos os países que compõem o continente europeu, numa iniciativa para transformar selvas urbanas em bosques verticais

— GUILHERME AQUINO —

A Itália prepara uma revolução verde. O reflorestamento urbano vai custar 330 milhões de euros e irá beneficiar os habitantes dos centros urbanos asfixiados com a poluição do ar. A busca por uma melhor qualidade de vida é o principal vetor deste projeto financiado pelo Plano Nacional de Retomada e Resiliência. Os recursos chegam do setor de investimento da União Europeia-Next Generation, *Tutela e Valorização do Verde Urbano e Extraurbano*. Os recursos vão ser aplicados em 14 cidades metropolitanas, abraçando

1268 municípios, onde vivem mais de 21 milhões de pessoas.

O objetivo é lançar uma semente, literalmente, para garantir um nível de bem-estar superior nas próximas décadas. O incremento da qualidade de vida é diretamente proporcional à redução de fluxo de doentes em hospitais, principalmente aqueles com patologias respiratórias, e a uma menor pressão no sistema de saúde da população. Estima-se que o número de mortes prematuras na Itália apenas provocadas pelas partículas em suspensão alcance cerca de 65 mil pessoas.

Muitas cidades italianas se transformaram em verdadeiras

câmaras de gás por causa da poluição ambiental. Isso sem falar no consumo e má ocupação do solo, ou melhor, do asfaltamento da terra e dos quarteirões. Milão é a campeã nacional em termos de péssima qualidade do ar que se respira e, junto com Nápoles, lidera a lista das cidades que mais ocupa o solo com cimento armado e asfalto.

A capital da Lombardia cobriu, artificialmente, 31,7% do seu território metropolitano atrás apenas da cidade do Vesúvio, com 34%. Veneza também responde por um índice de 14,3%, ou seja, bem acima de outros centros urbanos como Palermo (5,7%) e Reggio Calabria (5,8%).

O corte do mal pela raiz, ou a colheita do bem, passa justamente por uma plantação urbana, além de uma maior consciência ambiental por parte da população e de seus governantes. As infrações pela falta de respeito aos parâmetros europeus, mínimos



e máximos da poluição do ar, por exemplo, atingem um em cada três municípios metropolitanos da Itália. Ou seja, de 956 cidades e arredores, 328 não conseguem estar dentro das regras estabelecidas. Somente na província de Milão, o número total de cidades é de 133. E todas elas sofreram procedimentos de multas.

Veneza, por motivos óbvios, e Milão, pela especulação imobiliária, possuem os menores índices de superfícies arborizadas. Ao contrário destas duas cidades, Gênova é a zona metropolitana mais verde e, mesmo assim, isso não impede calamidades públicas devido aos temporais e aos desvios dos rios e torrentes.

Dados históricos a parte, hoje se olha para o amanhã. E uma nova aurora está germinando nos salões do governo. O objetivo central é plantar, pelo menos, 6,6 milhões de árvores — correspondentes a

cerca de 6600 hectares de floresta urbana — até o quarto trimestre de 2024. Naturalmente, elas devem ser adaptadas a cada lugar, ou seja, devem respeitar normas específicas como quantidade, origem e destino. As espécies diferentes devem ser plantadas em locais de fácil adaptação e respeitando a biodiversidade original. Elas também devem entrar



tais, combatendo, assim e com muito atraso, o desmatamento que sempre ocorreu na Europa. Todas estas árvores ainda estão no papel, mas quando saírem espera-se que elas possam produzir muito mais fotossíntese do que celulose.

Junto com esta onda verde chegam outras medidas paralelas e com a mesma finalidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas. O desenvolvimento sustentável deve ser a prioridade absoluta na vida de todos os cidadãos. E por desenvolvimento sustentável leiam-se: projetos de vanguarda no campo da economia circular, incremento e modernização de estruturas de reciclagem em diferentes unidades

Todas estas árvores ainda estão no papel, mas quando saírem espera-se que elas possam produzir muito mais fotossíntese do que celulose



em sinergia com corredores ecológicos, zonas de proteção ambiental e valorização do patrimônio. Bosques urbanos e cinturões verdes devem surgir em pontos estratégicos e carentes da cidade.

Tudo ainda no “papel”

A Itália possui 25 parques nacionais e 130 regionais. Mas eles não são suficientes para dar conta do recado. Na verdade, são poucos. E em termos de Europa, as futuras 6,6 milhões de árvores italianas irão respaldar outras 3 bilhões de plantas em todos os estados nacionais que compõem o continente europeu, numa iniciativa sem precedente de transformar as selvas urbanas em bosques ver-

industriais, aumento da capacidade da rede elétrica para distribuir energia renovável e aquela oferecida à disposição dos potenciais novos clientes.

Enfim, somente no campo da energia renovável e suas variações, as licitações e as linhas de crédito chegam a cerca de 10 bilhões de euros (60 bilhões de reais). Nesta cifra, entram o desenvolvimento de um sistema agrovoltáico e de teleaquecimento das casas, além do biogás. O ambiente entra com destaque e ganha, finalmente, grande ribalta dentro da sociedade. O mundo italiano do amanhã vai realçar o verde da bandeira do país e tingi-lo ainda mais forte com a cor da esperança e das novas matas. 🌱





A dificuldade de ser feliz

Pode parecer loucura unir a tristeza pela perda de uma pessoa querida com a eliminação de um time (ou uma seleção) de uma competição esportiva. Posso garantir que não

Vicente Dattoli é escritor, jornalista e, principalmente, um apaixonado pela vida

Quem dá o prazer de me acompanhar aqui todos os meses já percebeu o quanto sou emotivo, ligado na família, nos amigos, nas minhas raízes. Tenho o maior orgulho em dizer que sou cidadão italiano — e sempre que falo isso me lembro de minha mãe, a “italiana pura” da casa, e de meu pai, o primeiro a nascer em solo brasileiro.

Há três edições, se a memória não me trai, falei aqui de um amigo que reencontrei num restaurante em Copacabana como “homem das boas-vindas”. Contei de nossa conversa, de sua felicidade por ter retornado à Itália e encontrar amigos, mas, principalmente, da alegria por retornar ao Rio de Janeiro e aos “novos-velhos” *amici brasiliani*.

Estive no restaurante e, antes de reclamar pela demora no atendimento, questionei à gerente sobre sua ausência. Olhos lacrimejantes, voz embargada, ela balbuciou “seu Gino nos deixou”. Ao ouvir aquela frase de imediato esqueci a reclamação. Senti que havia sido golpeado forte, perdendo um amigo e, sim, um pedaço da Itália em pleno Rio de Janeiro.

Curioso, mas com cuidado, fiz outras perguntas para descobrir algo mais. Seu coração, aquele coração apaixonado pela Itália e pelo Brasil, por sua Nápoles e o nosso Rio de Janeiro, o traíra. E ele se foi, deixando até naqueles novos colegas de trabalho o enorme sentimento de perda que sentimos quando alguém muito querido se vai.

Dias depois, eram dois anos da partida de minha mãe. Até hoje, com sinceridade, não absorvi esta perda. Se bem que, novidade alguma: perdi meu pai há 16 anos e ainda sinto falta de suas brincadeiras, suas ironias, citando sempre para os netos como eles gostariam de ter conhecido o *nonno*, *il papà del papà*.

Nestes pensamentos de tristeza — repletos, infelizmente, de realidade — pensei por que sempre temos que pautar nossas vidas muito mais pelas perdas do que pelas conquistas. Sim, porque as vitórias são efêmeras e muitas vezes temos de dividir. Já as tristezas... bem, estas parecem eternas e ficam para sempre dentro de nós, prontas para voltar à tona e nos fazer lembrar o quão difícil é viver.

Tentando virar a página, lembrei que estamos nos aproximando de mais uma Copa do Mundo. Será em novembro? Tudo bem... não está tão longe assim. E a expectativa ajuda a fazer o tempo passar. A Itália, depois do enorme vacilo nas eliminatórias, jogaria contra a inexpressiva Macedônia do Norte

para depois, quem sabe, enfrentar Portugal ou Turquia e carimbar seu lugar no Qatar.

Só que a Itália perdeu. Sim, inexplicavelmente a *Azzurra* deixou Palermo derrotada. *Niente* de Copa, *nulla felicitá*. E agora? Mais uma tristeza? E pensar que ainda está na nossa memória o título de 2006... Como esquecer, porém, as ausências na Rússia e agora no Qatar? Duas Copas seguidas fora...


Pensei no *signore* Gino, amante como eu de futebol. Aliás, foi pela sua ligação com o futebol em Nápoles que, um dia, visitando o antigo restaurante com um amigo da *Rai* acabamos nos aproximando. Por instantes ele deixou sua atividade, puxou uma cadeira e ficou de papo falando de futebol. Falou do Napoli, de Maradona, da *Azzurra*...

Qual teria sido sua reação diante de mais esta eliminação? Diria algum palavrão, garantiria que não iria pensar sequer em passar diante da televisão? Impossível saber. Como já escrevi, as tristezas não se dividem, ficam dentro da gente marcando, ferindo, dizendo a todo instante que aconteceram e estão ali, guardadas para sempre.

Pode parecer loucura unir a tristeza pela perda de uma pessoa querida com a eliminação de um time (ou uma seleção) de uma competição esportiva. Posso garantir que não. E digo isso até contrariando boa parte do que escrevi até agora. Quando nosso time, nossa seleção, perde, temos a oportunidade de dividir a tristeza com outras pessoas.

Pessoas que não conhecemos, que nunca vimos, com quem jamais trocamos uma só palavra, mas que dividiam uma paixão. E aí me volta a dúvida: por que é tão difícil viver feliz? Qual a razão de os momentos de tristeza serem tão mais marcantes e, infelizmente, duradouros? Parece maldade, não é mesmo? E é.

Nos meus sonhos quase juvenis não haveria mais tristeza. Ou melhor, e lembrando um filme recente para crianças, as tristezas serviriam apenas para consolidar as alegrias. E assim viveríamos, com uma pequena tristeza a cada enorme, gigantesca, alegria. Não precisaríamos temer o dia de amanhã porque ele sempre seria mais feliz do que o hoje.

“Seu” Gino teria condições de festejar mais uma vez a Itália numa Copa do Mundo e eu iria encontrá-lo no restaurante para podermos conversar um pouco mais, sempre procurando ouvir dele novas histórias que me fizessem feliz. Fossem elas sobre futebol ou sobre a Itália. 

Diversidade de riquezas

Diretor-geral para os italianos no exterior ouve demandas de líderes da coletividade em São Paulo e propõe turismo de retorno aos ítalo-descendentes

TATIANA BUFF

Em visita oficial ao Brasil, o diretor-geral para os italianos no exterior do Ministério das Relações Exteriores da Itália, Luigi Maria Vignali, esteve na capital paulista no início de abril para acompanhar a eleição do Conselho Geral dos Italianos no Exterior (CGIE) e ouvir as demandas dos representantes do Comites (Comitê dos Italianos no Exterior) de São Paulo. Em rápido discurso diante de aproximadamente 50 pessoas, durante o coquetel oferecido pelo Consulado Geral da Itália em São Paulo, na noite de 7 de abril, o diplomata afirmou que São Paulo “é italiana” e “soube valorizar” os emigrantes italianos que “construíram sua prosperidade”. O diretor-geral defendeu que a Itália “invista” em uma cidade como a capital paulista e “continue a apoiar” o Consulado. Ele falou à **Comunità** sobre sua missão na metrópole.

— É a segunda vez que venho a São Paulo, mas é ainda mais importante do que a primeira, porque a coletividade italiana e o Consulado conseguiram administrar bem o trabalho juntos. Houve um importante compromisso da renovação do Comites (*cujos novos representantes foram empossados em dezembro passado*) com o qual quero falar para programar o trabalho no futuro e porque nesses dias se está para votar a renovação do Conselho Geral dos Italianos no Exterior (*realizada entre 9 e 10 de abril*). Portanto são compromissos importantes. Devemos fazer um trabalho juntos, uma estrada juntos para melhorar os serviços consulares, escutar as solicitações e também melhorar juntos os caminhos das relações



entre a Itália e o Brasil, relações econômicas, políticas, culturais. Fizemos muitos negócios nesses anos, podemos fazer ainda mais — frisou Vignali.

Turismo de retorno

No pós-pandemia, uma das diretrizes primordiais para fortalecer a economia italiana é a retomada do turismo, com foco ampliado para os ítalo-descendentes, como resalta o ministro plenipotenciário.

— Os objetivos são voltar a viajar, retomar os contatos, que foram um pouco interrompidos nesses anos, em todo o mundo, aqui no Brasil também, promover o turismo de retorno. É o turismo de raízes, o turismo dos italianos e dos ítalo-descendentes que querem ir para a Itália conhecer suas origens. Este é um objetivo relevante a que nos propomos nos próximos dois anos — esclareceu Vignali.

No espectro desse objetivo é necessário mudar certos estereótipos que já não bastam à mentalidade contemporânea, múltipla e transparente para elevar as imagens públicas e a marca *made in Italy* ao próprio posto.

—A Itália é um país de enorme riqueza, não só cultural, não só enogastronômica, conhecida por todos nós. Mas também riqueza econômica: a Itália possui tantas excelências no mundo e dentro do próprio país; está na vanguarda em tantos setores, como no aeroespacial, por exemplo, no setor farmacêutico, nas suas indústrias. A Itália não é apenas a boa comida e o saber viver, mas também a capacidade de fazer. É isso que devemos mostrar, tornar conhecido — conclamou o diretor-geral para os Italianos no Exterior.

Incentivo ao aprimoramento

Para o cônsul-geral da Itália em São Paulo, Domenico Fornara, a presença do ministro Vignali foi mais um marcante estímulo à constante melhoria da prestação dos serviços consulares aos *connazionali*.

— A visita do ministro Vignali é um sinal de grande atenção para o nosso Consulado e para a coletividade italiana aqui. Ele acaba de retomar as viagens, após as dificuldades da covid. Nós acompanhamos essa visita para entender melhor as solicitações da coletividade italiana e aprimorar sempre os serviços do Consulado em seu interesse — disse Fornara.

O cônsul considera que começar um mandato com uma série de atenções por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação Internacional (Maeci) é uma injeção de sugestões e um estímulo para trabalhar bem.

Comites e CGIE

Entre outras lideranças da coletividade italiana na circunscrição consular de São Paulo, compareceram ao evento o presidente do Comites SP, Alberto Salvatore Mayer, o presidente coadjuvante, Renato Sartori, os conselheiros Luciana Laspro e Daniel Pavarin e a conselheira do CGIE, Rita Blasioli Costa, até então ocupante do cargo. O grupo dialogou com Vignali, que o escutou atentamente. 🇮🇹

Novos representantes

Conselho Geral dos Italianos no Exterior renova-se no Brasil e **Comunità** ouve os quatro novos conselheiros. Veto à cobertura da imprensa recebe, contudo, críticas veementes de todos os candidatos, sobretudo os eleitos

STEFANIA PELUSI

A Embaixada da Itália convocou a *Assemblea Paese* no dia 9 de abril para a escolha dos membros que representam o Brasil no Conselho Geral dos Italianos no Exterior (CGIE), um dos órgãos representativos das comunidades italianas no exterior.

Mais de 150 pessoas entre conselheiros eleitos e cooptados dos sete Comites (Comitê dos Italianos Residentes no Exterior) no Brasil e representantes das associações italianas no país cadastradas no banco de dados ministerial se reuniram em Brasília para eleger quatro novos conselheiros do CGIE, um a mais do que nas últimas eleições

devido ao aumento nos números dos italianos residentes no Brasil.

Este ano o evento foi realizado no Centro Internacional de Convenções de Brasília (Cicb). Nos anos anteriores foi na própria Embaixada italiana. Porém os participantes que queriam conhecer e ver de perto a obra arquitetônica projetada pelo engenheiro italiano Pier Luigi Nervi puderam visitar a sede diplomática italiana em duas ocasiões: no dia 8 de tarde e na parte da manhã do dia 10 de abril antes de voltarem para suas residências.

O embaixador italiano Francesco Azzarello não participou da eleição devido a uma viagem oficial ao Rio Grande do Sul, mas estiveram presentes e coordenaram toda

a operação eleitoral o ministro conselheiro da Embaixada Fernando Pallini Oneto di San Lorenzo e o chefe da chancelaria consular o conselheiro Carlo Jacobucci.

Ao contrário das últimas eleições, desta vez não foi permitido à imprensa assistir e cobrir o evento por decisão do Ministério das Relações Exteriores da Itália, uma decisão muito criticada por todos os participantes.

No total, apresentaram-se nove candidatos: a atual presidente do Comites do RJ/ES, Ana Cani; o ex-presidente do Comites do Rio, Andrea Lanzi; o conselheiro do Comites do Rio de Janeiro e Espírito Santo, Cilmar Franceschetto; o ex-presidente e atual conselheiro do Comites do Nordeste, Daniel Taddone; o conselheiro do Comites de Brasília, Pasquale Perrini; o ex-presidente e atual conselheiro do Comites de São Paulo, Renato Sartori; a ex-presidente do Comites



de Minas Gerais e ex-conselheira CGIE, Silvia Alciati; a vice-presidente do Comites do Rio Grande do Sul, Stephania Puton, e o ex-presidente do Comites do Paraná e Santa Catarina e ex-conselheiro do CGIE, Walter Petruzziello.

Todos os candidatos são muito atuantes na coletividade italiana e contam com uma experiência no Comites. Participaram do pleito 158 pessoas que podiam marcar três escolhas. Pelo Brasil foram eleitos Stephania Puton, com 99 preferências, Daniel Taddone, com 74 votos, Walter Petruzziello, com 72 preferências, e Silvia Alciati, sendo reeleita com 63 votos.

Petruzziello e Taddone são coordenadores do Maie no Brasil e integram o movimento Italia-nità in Movimento, já Stephania e Silvia concorreram de forma independente.

Entre os candidatos, pela primeira vez tiveram dois candidatos representantes do estado do Espírito Santo, Ana Cani e Cilmar Franceschetto, porém não foram eleitos.

Embora tenha achado “ótimo” ter participado pela primeira vez da *Assemblea Paese*, Ana sugere que a eleição seja aperfeiçoada.

— Precisa ser privilegiado o amplo debate para que os participantes tenham opções de livre escolha e que possamos chamar essa escolha de verdadeiramente democrática. De quatro postos, foram renovados dois, uma vez que um foi reeleito e outro participou já em outros mandatos — ressaltou a presidente do Comites do Rio, desejando que os eleitos façam um bom trabalho em prol da comunidade. Segundo ela, o veto à imprensa significou “falta de espírito democrático” — A democracia não pressupõe isso — completou.

Para Ana, a nova composição do CGIE precisa ter garra para enfrentar e questionar muitos procedimentos hoje exigidos pelos Consulados.

— Mormente na área da cidadania italiana onde os descendentes têm que travar verdadeiras batalhas para um atendimento e para a liberação de sua cidadania ou passaporte — alertou.

Para Franceschetto, o processo eleitoral foi uma oportunidade para que lideranças eleitas para o Comites e representantes de diversas associações de cultura



italiana do país pudessem se encontrar.

— O que é muito importante para a troca de ideias, para discutir novas propostas e problemas em comum. Por isso a minha proposta de que possamos nos reunir,

Acima, conselheiros dos Comites e representantes de associações italianas visitam a Embaixada italiana em Brasília. O presidente e o vice-presidente do Comites de Brasília, Frederico Cianni e Max Lucich, respectivamente, dão boas-vindas a *Assemblea Paese* para eleição do novo CGIE Brasil. Durante a apuração dos votos, os conselheiros da Embaixada Carlo Jacobucci e Fernando Pallini coordenam a mesa eleitoral

Candidatos ao CGIE

Ana Maria Cania de Almeida

Andrea Lanzi

Cilmar Cesconetto Franceschetto

Daniel Taddone

Pasquale Perrini

Renato Sartori

Silvia Alciati

Stephania Puton

Walter Petruzziello



● COMUNIDADE

presencialmente, pelo menos de dois em dois anos para manter sempre vivo esse debate — sugeriu o conselheiro do Comitês e também diretor-geral do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

O que Franceschetto mais lamentou foi a censura à participação da imprensa e até mesmo a proibição de gravação dos procedimentos de votação e das falas dos candidatos pelos participantes do evento.

Os novos eleitos

No total, as *Assemblee Paese* escolheram 43 conselheiros CGIE

representando 17 países. Desse, 10 são mulheres e 19 foram reeleitos. O país que conta com mais membros é a Argentina, com sete conselheiros, seguida pela Alemanha, com seis eleitos, e a Suíça, com cinco. Brasil e França elegeram quatro membros, a Inglaterra três e os Estados Unidos, a Bélgica e a Espanha nomearam apenas dois conselheiros.

Aos membros eleitos serão acrescentados 20 conselheiros nomeados pelo governo: sete representantes de associações nacionais de emigração; quatro dos partidos políticos; seis dos sindicatos e patronatos represen-

tados no CNEL; um da Federação Nacional da Imprensa Italiana; um da Federação Unitária da Imprensa Italiana no exterior e finalmente um da organização mais representativa de trabalhadores fronteiriços.

A mais votada com ampla maioria foi Stephania Puton, estreante em eleições do CGIE, tanto como candidata, bem como eleitora.

— Foi um momento ímpar, único para união e agregação da nossa comunidade. O objetivo principal era a escolha dos novos representantes e eu tive a oportunidade de participar e de ser

Conheça os novos eleitos



Silvia Alciati

Natural de Turim, na Itália, 47 anos, reside no Brasil desde os 3 anos de idade. Formada em arquitetura pelo Politécnico de Turim, é especialista na norma ISO 9001 e outras e é consultora na área da qualidade desde 2006. Sempre participou da vida da comunidade italiana de Minas Gerais em virtude do envolvimento da sua família tanto na Associação Piemontesa, como com seu pai na criação da Câmara de Comércio Italiana de Minas, do Comitês e do primeiro CGIE. Participou da fundação da Acibra-MG e da associação Ponte entre Culturas. Após ter sido vice e presidente do Comitês de Minas Gerais, de 2005 a 2014, foi eleita conselheira do CGIE em 2015.



Walter Petruzzello

Natural de Pratola Serra, na Itália, 70 anos, aos 2 anos de idade se mudou com a sua família para o Brasil. Formado em economia política e direito, com especialização em direito comercial pela Universidade de Turim. Advogado e titular do escritório Petruzzello Advogados, em Curitiba. Por mais de 10 anos foi professor de economia política na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e procurador de Curitiba. Foi presidente do Comitês do PR/SC e conselheiro CGIE por dois mandatos, além de ter sido vice-presidente da Italocam e presidente da Sociedade Giuseppe Garibaldi.



Stephania Puton

Natural de Liberato Salzano (RS), 46 anos, ela é advogada desde 2002 e atua na área de direito de imigração e de investimentos internacionais prestando serviços a empresas estrangeiras que pretendem realizar negócios no Brasil. Formada na Universidade Luterana do Brasil, é doutora em direito pela Universidade Ca' Foscari, de Veneza. Morou na Itália por oito anos estudando e trabalhando. É diretora da Câmara de Comércio Italiana do RS e vice-presidente do Comitês do RS.



Daniel Taddone

Natural de São Paulo (SP), Taddone tem 43 anos, é empresário, sociólogo formado pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e especialista em organização de arquivos pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e em genealogia e arquivos pela Universidade de Córdoba, na Espanha. É também ex-funcionário do Instituto Italiano di Cultura, do Consulado-Geral da Itália, em São Paulo, e do Consulado da Itália, no Recife. Taddone foi presidente do Comitês da Região Nordeste, de 2015 a 2021.

eleita com uma votação muito expressiva. Foi realmente um trabalho único — declarou a nova conselheira.

Para ela, a assembleia foi um momento de recíproco conhecimento e de troca de experiências e de projetos também entre os próprios Comites que foram recentemente renovados. Stephania ainda salientou a presença de muitos jovens e de muitas mulheres.

— A presença feminina tanto nas associações como nos Comites é muito grande, o que nos dá muita esperança porque as mulheres têm uma força de vontade e uma dedicação importante — comentou a advogada ítalo-gaúcha.

Stephania, que integra a diretoria da Câmara de Comércio Italiana do Rio Grande do Sul e é vice-presidente do Comites de Porto Alegre, vê o CGIE como um importante órgão, juntamente com o Comites, que está próximo da comunidade italiana e tenta entender suas necessidades, tra-

balhando em colaboração com os Consulados, a Embaixada e os parlamentares para criar essa sintonia e a colaboração entre as entidades.

— A redução dos parlamentares em função do último referendo acabou fortalecendo muito a posição do CGIE porque juntamente com o Comites trabalham de uma forma mais presente do que os próprios parlamentares no território — afirmou a candidata mais votada.

Esse trabalho em conjunto com os demais membros em prol da comunidade foi a bandeira de Stephania na corrida eleitoral, bem como a defesa do direito ao reconhecimento da cidadania italiana com eficiência plena e o fortalecimento do papel das associações e dos vínculos entre as câmaras de comércio e os Comites, entre outras questões.

Outro candidato eleito foi o também advogado Walter Petruzzello, ou melhor, reeleito, pois

‘Foi um momento ímpar, único para união e agregação da nossa comunidade. O objetivo principal era a escolha dos novos representantes e eu tive a oportunidade de participar e de ser eleita com uma votação muito expressiva. Foi realmente um trabalho único’

Stephania Puton

já é um “veterano” que ocupou o cargo de conselheiro por dois mandatos em anos anteriores, além de ser ex-presidente do Comites do Paraná e Santa Catarina e de ter sido candidato por quatro vezes em eleições parlamentares italianas. No seu discurso como candidato, ele afirmou que sua maior motivação era a vontade e a disposição que ainda tem de ser útil à comunidade ítalo-brasileira com mais de 30 anos de atividades ininterruptas.

— Todos devem saber que o CGIE é um órgão colegiado composto por 69 conselheiros de todo o mundo e nem sempre os problemas em um país são divididos por outro. Então vamos analisar a situação e ver o que podemos propor nas Assembleias e que possa ser útil à coletividade italiana no Brasil. Independentemente dos problemas, acredito



A nova conselheira do CGIE Stephania Puton assina um documento durante a Assembleia Paese e o recém-eleito conselheiro do CGIE Walter Petruzzello durante as votações. No detalhe, Ana Cani, a atual presidente do Comites do RJ/ES, e o vice-presidente do Comites Brasília, Max Lucich, também votando

● COMUNIDADE



Fotos: Paola Andri



Os novos eleitos do CGIE do Brasil comemoram a vitória: Walter Petruzzello, Stephania Puton, Silvia Alciati e Daniel Taddone



que devemos trabalhar para a aprovação de uma lei que reforme os Comites e o próprio CGIE. Isso para que fique mais clara a função de cada um desses organismos — resumiu o conselheiro, que reside em Curitiba.

Ele informa também que a *Assemblea Paese* ocorreu dentro da normalidade, excetuando a proibição da participação da imprensa durante o processo.

—Esse é um tema que deve ser discutido e resolvido de forma definitiva, pois não é possível que em todas as vezes se discuta esse tema — alertou Petruzzello.

Prioridades do CGIE, segundo Taddone e Silvia Alciati

Entre os conselheiros eleitos, Taddone, que concorreu pela primeira vez a uma vaga no CGIE, é há mui-

to tempo atuante na coletividade como presidente do Comites do Nordeste e também foi candidato a deputado nas últimas eleições da Itália. O sociólogo ítalo-paulista considera sua prioridade poder representar os cidadãos na sua acepção mais genuína sem nunca pretender representar somente a si mesmo ou representar o “sistema”.

— Obviamente, é preciso entender como de fato funciona o CGIE para poder representar os interesses da comunidade de maneira mais efetiva e para isso pretendo contar com a experiência dos colegas Walter Petruzzello e Silvia Alciati — completou Taddone.

Para ele, foi extremamente gratificante poder encontrar tanta gente boa e interessada em trazer as demandas dos concidadãos durante a assembleia.

— Foram inúmeros aqueles que me abordaram para relatar as inúmeras dificuldades enfrentadas em várias situações da vida comunitária. Então o aprendizado fica e os contatos também. Agradeço à Embaixada por ter organizado o evento, embora fique aqui o amargor de não termos podido ter a presença da imprensa para registrar a assembleia em sua totalidade. É algo que precisamos questionar nas instâncias adequadas e corrigir para a próxima assembleia — questionou o ex-presidente Comites.

Dos três membros do CGIE do Brasil, Silvia Alciati foi a única que se apresentou para concorrer a uma vaga e os eleitores deram um voto de confiança reelegendo-a.

— Foi incrível viver mais uma *Assemblea Paese* como candidata e sair dela protagonista! Cada um ali estava preparado, tinha argumentos contéudos e capacidade de assumir o cargo. Achei o nível bem alto e por isso a contagem dos votos manteve todos na ansiedade até o final. Achei bastante concorrido e confesso que já não esperava mais alcançar este resultado. Sou grata aos grandes eleitores que confiaram em mim — afirmou a italiana radicada em Belo Horizonte.

Na opinião dela, a primeira coisa a se fazer no CGIE é finalmente resolver a reforma da própria entidade, mudando inclusive a forma de sua eleição, sua composição e até mesmo algumas de suas funções para que consiga ser mais incisiva e mais influente junto às instituições do Sistema Italia e junto aos próprios parlamentares.

— No mandato que se encerra foi feita uma primeira proposta de reforma, que, porém, ficou esquecida em alguma gaveta! — desabafou a nova conselheira. Além disso, entre as outras prioridades do CGIE, Silvia destacou a necessidade de se corrigir a lei que discrimina a transmissão de cidadania materna e a liberação da cidadania trentina, além do resgate do ensino da língua italiana.

— Preparar as associações para receber os projetos que estão sendo elaborados para promover o turismo de raízes que vai permitir que muitos realizem o sonho de conhecer o pequeno vilarejo onde seu *nonno* ou *bisnonno* nasceu. Vamos tentar tornar os encontros dos jovens algo anual para gerar linfa nova e criar oportunidade aos nossos jovens de fazer uma experiência na Itália e compensar a fuga dei cervelli (*fuga dos cérebros*) — elencou Silvia entre outras propostas.

O mandato para os novos conselheiros inicia-se oficialmente no próximo semestre, quando tomarão posse em uma cerimônia em Roma. 🇮🇹



Milão segura

Os habitantes da grande Milão vão contar com uma cobertura policial mais eficiente. Cada zona da cidade vai ganhar a própria delegacia. Assim, vai ser mais fácil para o cidadão encontrar

apoio e, por outro lado, os destacamentos vão poder racionalizar melhor as despesas econômicas, além de melhorar e agilizar a sinergia policial. Já começa com a inclusão de 140 novos policiais.



Jogos 2026

A Olimpíada de Inverno Milão-Cortina vai ter a capital lombarda como sede. Isso expõe a cidade a uma corrida contra o tempo para deixar tudo pronto. O presidente do Comitê Olímpico Italiano, Giovanni Malagò, elogiou o “velho” estádio de San Siro como o lugar para a cerimônia de abertura. Até porque os tempos para a construção do novo palco do futebol milanês pode não coincidir com o tempo dos Jogos por causa de recursos na justiça.



Publicidade

Lentamente, a publicidade pública em Milão começa a dar sinais de vida. Os anúncios analógicos ou digitais crescem a olhos vistos em “outdoors” espalhados pelas principais artérias da cidade e também nos velhos bondes. O primeiro trimestre de 2022 registrou 4,5 milhões de euros, três vezes superior ao mesmo período do ano passado. E no lugar de carros surgem anúncios de espetáculos, de entrega rápida e de supermercados.

Milão e a logística

A capital da Lombardia vem se afirmando como um polo fundamental da logística. Cada vez mais o nó intermodal, com aeroporto, estação ferroviária e rodovias, torna-se importante para a vida moderna. Ao redor do centro da metrópole existem galpões de 5 a 15 mil metros quadrados que atendem à cerca de 8 mil empresas de transporte e armazenagem. A entrega rápida, dentro de “dez minutos”, é cada vez mais real.



Arte retorna

Os russos exigem e os italianos atendem à restituição de obras de arte italianas, como quadros de Tiziano expostos no Palazzo Reale, mas de propriedade estrangeira. Assim, algumas esculturas e telas começam a retornar à origem antes do fim da exposição para a qual foram emprestados, em tempo de paz. *Amorino Alato*, de Antonio Canova (1794-1797), que estava sendo exibido na Galleria d'Italia é apenas uma escultura das 23 obras “russas” de propriedade do museu Ermitage, de San Petersburgo, que retornam para casa antes do tempo previsto inicialmente.

Voz e vida da grande artista

Laura Pausini é uma das artistas mais emblemáticas da Itália, e não é para menos. Falando aos jornalistas sobre seu filme, ela mostra sinceridade e simplicidade comoventes, características que fazem dela um símbolo musical sem fronteiras construído com alegria, prazer e paixão: "Aquilo que ninguém jamais poderá tirar de você"

GINA MARQUES

No filme *Laura Pausini — Prazer em Conhecer*, a cantora interpreta si mesma em duas vidas, a da Laura A e da Laura B. Laura A é aquela que o público conhece ou imagina conhecer. Aquela artista que nunca parou de crescer desde que triunfou em Sanremo, em 1993, aos 18 anos e conquistou os palcos do mundo vendendo 70 milhões de discos e ganhando os principais prêmios, do Grammy ao

Globo de Ouro. Já a Laura B é uma mulher que continuou a viver na cidadezinha de Solarolo, na região da Emilia-Romanha. Ela tem um ateliê de cerâmica e é mãe solteira de um filho adolescente. O amor pelo canto também faz parte da sua vida. No passado, ela tentou participar do Festival de Sanremo, mas não teve sorte. No entanto, quando os amigos precisam de ajuda para salvar a Trattoria del Sole em dificuldade, é ela que afina a voz e organiza uma apresentação musical para angariar o dinheiro necessário para o restaurante.

A Pausini empresta seu corpo e voz a ambas Lauras, sobretudo seu coração, seus pensamentos, sua forma de entender a vida. Segundo ela, o sucesso não está ligado aos aplausos, curtidas ou ao número de discos vendidos,

mas à capacidade de realizar suas paixões, persegui-las com o empenho necessário.

— Eu teria ficado feliz mesmo na versão da Laura não famosa — explicou Pausini, com sinceridade, diante da plateia repleta de jornalistas no The Space Cinema Moderno, em Roma, logo após a exibição exclusiva do filme para a imprensa no dia 5 de abril.

— Refleti muito antes de fazer esse filme. Tive muitas ofertas para fazer um documentário sobre minha vida, mas sempre recusei porque não queria que parecesse uma tentativa de autocelebração ou mesmo de ingratidão por um destino tão benevolente. Então, em uma noite de março de 2020, durante o *lockdown* no começo da



pandemia, comecei a escrever essa história que está na minha cabeça há 29 anos desde que participei de Sanremo. Muitas vezes me perguntei como teria sido minha vida se não tivesse participado daquele Festival, se não tivesse vencido, se não tivesse ficado famosa. E então tentei visualizar minha vida não famosa, mergulhando completamente nela. Fiz isso para encontrar



a mim mesma, alguém que nunca perdi de vista, mas que precisava estar mais focada. Porque a Laura, de 18 anos, já entendia isso há muito tempo. Assim nasceu este filme que mostra uma espécie de “porta de correr” das duas Lauras, tão distantes, mas tão parecidas, que no final se conhecem como que diz o título — contou.

Fama não era seu sonho

O filme, produzido pela Endemol Shine Itália para a Amazon Studios e disponível no Prime Video, transmite a sensação da autenticidade de Laura Pausini.

— Nunca sonhei em ser famosa. Não havia todo esse desejo de sucesso em mim. Eu queria continuar tocando no piano bar, estava feliz fazendo isso. Aliás, eu queria ser uma das primeiras mulheres tocando sozinha no piano bar. Sempre adorei desafios e coisas complicadas — revelou Laura Pausini, reiterando: — Se eu não tivesse vencido Sanremo, realmente acho que teria feito isso. Ou teria aberto um ateliê para trabalhar com cerâmica, que foi uma das muitas paixões que sempre me alimentaram, ou talvez tivesse estudado arquitetura — disse a cantora.

“Comecei a escrever essa história que está na minha cabeça há 29 anos desde que participei de Sanremo. Muitas vezes me perguntei como teria sido minha vida se não tivesse participado daquele Festival, se não tivesse vencido, se não tivesse ficado famosa. E então tentei visualizar minha vida não famosa, mergulhando completamente nela”



‘Me vi no topo do mundo, com um Grammy brilhando na cabeceira da cama do quarto do hotel, mas estava muito infeliz e solitária. Naquela noite, o garçom trouxe uma garrafa de champanhe e brindou comigo porque não havia mais ninguém para brindar. Qual é o sentido de receber um prêmio se você não tem com quem compartilhar sua alegria?’



Foto: Prime Video & Amazon Studios



Em 2006, Laura Pausini tornou-se a primeira cantora italiana a ganhar um Grammy Award, recebendo o prêmio de Best Latin Pop Album



Desgosto da solidão

Durante a coletiva, Laura Pausini falou com sinceridade, sorriu diversas vezes, explicando suas razões e emoções.

— Sei que posso parecer ingrata, mas não é o caso. Veja bem, estou muito feliz por fazer o que faço, por ter podido viver de uma maneira especial, por ter privilégios. Mas para mim a verdadeira autorrealização e felicidade não vêm dessas coisas. Me vi no topo do mundo, com um Grammy brilhando na cabeceira da cama do quarto do hotel, mas estava muito infeliz e solitária. Naquela noite, o garçom trouxe uma garrafa de champanhe e brindou comigo porque não havia mais ninguém para brindar. Qual é o sentido de receber um prêmio se você não tem com quem compartilhar sua alegria? Eu disse a mim mesma que algo na minha vida tinha que ser revisto porque o que realmente importa são relacionamentos, entes queridos, amigos que te tratam da mesma forma que quando você não era famoso — contou.

E algo realmente mudou com a chegada do amor pelo músico Paolo

Carta e depois com a realização de seu maior sonho, o de ser mãe da pequena Paola, que hoje tem 9 anos. Tudo isso é contado de forma intimista e autêntica no filme.

Aprender com a derrota

O filme mostra sua derrota no Oscar do ano passado, ao mesmo tempo a expectativa forte dos seus pais, que ficaram na Itália com sua filha e acompanharam a cerimônia de premiação pela televisão.

Logo depois do resultado, a cantora telefonou para a família para dizer que estava feliz. Em seguida aparecem Laura e Paolo em Los Angeles. O casal com alegria saboreiam hambúrgueres e batatas fritas no carro luxuoso que os levou para o hotel após a cerimônia. Acima de tudo, é perceptível a autêntica alegria de Laura, quase um suspiro de alívio por não ter vencido mais uma vez.

— Porque para mim prêmios significam responsabilidade, significam devolver o que foi dado a você. Já tive muito da vida. Sobretudo a vida não é feita apenas de vitórias, mas também de derrotas. Ninguém nos ensina perder. Uma verdade que

queria mostrar à minha garotinha. Muitas vezes tive medo de ser muito grande aos olhos dela. Mostrei à minha filhinha que eu também perco, mas que sou a mesma pessoa, não mudo com ou sem o prêmio. Temo que ela seja fascinada por uma cultura feita de curtidas, de pessoas que buscam a fama para si mesmas. Em vez disso, quero explicar que se deve partir de outra premissa, que é fazer o que quiser com alegria e paixão. Isso é um verdadeiro sucesso. Aquilo que ninguém jamais poderá tirar de você, quando no final de sua vida você olhar para trás fará você dizer “eu consegui”.

Amor pelo Brasil

O filme, cujo título em italiano é *Laura Pausini — Piacere di concerti*, foi escrito por Ivan Cotroneo, Monica Rametta e a própria Laura Pausini, sendo dirigido por Ivan Cotroneo, com supervisão criativa de Francesca Picozza e a direção de fotografia de Gherardo Gossi.

Com roteiro bem ritmado, o filme mostra cenas de diversos shows da artista e sua participação em programas televisivos pelo mundo, inclusive no Brasil.

Vale destacar o trecho do programa da Hebe Camargo (1929-2012), por quem a cantora tinha um grande afeto e quem encontrava sempre que ia ao Brasil. Em outra cena, ela é recebida calorosamente pelo público do programa de Serginho Groisman.

No filme, Laura Pausini deixa claro seu amor pelo Brasil. É comovente ouvi-la cantar *Garota de Ipanema* para sua filha Paola, quando era bebê, no berço.

Interpelada sobre o Brasil pela **Comunità Italiana**, ela contou que seu amor é também preocupação pelo meio ambiente.

— O Brasil é um país que me adotou. Portanto, quando ouço meus amigos brasileiros que me falam das catástrofes ambientais, fico muito mal. Mas a educação do meio ambiente é educação cívica e pode partir da música, envolver nós como músicos. Esta educação tem que começar pelas crianças nas escolas — disse Laura emocionada à **Comunità Italiana**.

Laura Pausini, 47 anos e quase 30 de carreira, contra a emoção não tem escudo, felizmente. 🇧🇷

Faces de uma nobre mulher

Evento da Alerj alusivo à imperatriz Teresa Cristina atrai cariocas e reforça laços seculares do Brasil com a Itália

FERNANDA QUEIROZ

Realizada no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, a exposição *As múltiplas faces da Imperatriz: Teresa Cristina em Construção* encantou os mais de 730 visitantes que foram prestigiar a justa homenagem ao bicentenário da “Mãe dos brasileiros”. Resultado de mais uma parceria entre a Assembleia Legislativa do Estado do Rio (Alerj) e o Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro, a mostra foi encerrada no dia 8 de abril, mas já deixa saudades da pequena viagem no tempo que proporcionou.

Os visitantes puderam conferir os figurinos utilizados pela atriz Letícia Sabatella na novela *Nos tempos do imperador* para a caracterização da personagem e parte da cenografia usada na dramaturgia, cedidos pela TV Globo. Também tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a arqueologia e adentrarem em um ambiente de exploração com réplicas para escavação, uma das paixões da princesa napolitana, esposa de Dom Pedro II.

O público ainda teve a chance de participar de rodas de conversas e palestras presenciais e virtuais sobre a simpática imperatriz italiana que tanto fez pela consolidação do intercâmbio cultural Brasil-Itália, incentivando a ida de artistas brasileiros para sua terra natal e patrocinando a vinda de trabalhadores italianos para o território brasileiro.

Para o presidente da Alerj, André Ceciliano, a mostra representou mais uma importante oportunidade de aproximar a Assembleia da cultura italiana e de estreitar cada vez mais os laços fraternos entre os dois países.

— A mostra joga luz na trajetória daquela que, nos tempos do Império, teve papel fundamental



na consolidação do intercâmbio Brasil-Itália — afirmou Ceciliano.

Tendo os jovens como foco, sendo eles um terço de todos os visitantes, a mostra, cujo foco concentrou-se no público infanto-juvenil, contou com reproduções do sítio arqueológico de Pompeia e réplicas para escavação. Além disso, outro espaço voltado para a arte e a educação foi o seminário *Teresa Cristina: redescobrimos a imperatriz*, no qual uma série de rodas de conversa e palestras presenciais, em formato de lives, apresentação de pôsteres e comunicações orais foram transmitidas por plataforma de streaming.

Uma curiosidade presente na mostra foi a réplica do *Trono Daomé*, do reino africano, que fez parte de uma exposição em 1889, na França, e cuja peça original foi queimada no incêndio do Museu Nacional, em setembro de 2018. Outro destaque foi a reprodução do afresco do *Templo de Ísis*, retirado das ruínas da cidade perdida de Pompeia, destruída pelo vulcão Vesúvio.

Cônsul Paolo Miraglia: “Exposição alcançou seu objetivo de divulgar a vida e a história da imperatriz Teresa Cristina junto aos mais jovens, aproximando ainda mais a Itália e o Brasil e fortalecendo a proveitosa parceria cultural entre o Consulado e a Alerj”

Em declaração à **Comunità**, o cônsul-geral da Itália no Rio, Paolo Miraglia, demonstrou satisfação com o resultado do evento.

— Fico muito feliz pelo sucesso da exposição, que alcançou seu objetivo de divulgar a vida e a história da imperatriz Teresa Cristina junto aos mais jovens, aproximando ainda mais a Itália e o Brasil e fortalecendo a proveitosa parceria cultural entre o Consulado e a Alerj — disse Miraglia, lembrando que de setembro de 2021 a fevereiro deste ano a Alerj e o Consulado da Itália no Rio promoveram uma exposição em homenagem aos 700 anos da morte de Dante Alighieri para exaltar *A Divina Comédia*, uma das obras literárias mais famosas do mundo.

Com curadoria da professora adjunta de História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Evelyne Azevedo, *As múltiplas faces da Imperatriz: Teresa Cristina em Construção* serviu como oportunidade única para se conhecer um pouco mais sobre a mulher que se dedicou às filhas, Isabel e Leopoldina, à caridade e que cumpriu um papel de grande relevância na articulação do Brasil com os meios de produção artística, cultural e de comunicação da Europa.

Série de homenagens

A exposição na Alerj foi um dos eventos promovidos pelo Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro para homenagear os 200 anos da Imperatriz. As comemorações foram abertas com a inauguração, em março, de um busto-monumento de Teresa Cristina instalado na Praça Itália, no Centro do Rio, espaço adotado pelo Consulado e que passa por um processo de revitalização.

Também em março, no dia 16, foi lançado o livro infantil *A Cidade de Teresa* assinado pela professora Ana Maria de Andrade, com texto em português e em italiano. O lançamento foi realizado no Colégio Estadual Rodrigo Otávio Filho, em Vaz Lobo, zona norte da cidade, primeira escola pública bilíngue e bicultural Itália-Brasil no estado de Rio, fruto de uma parceria firmada entre o Consulado Geral da Itália, a Secretaria de Estado da Educação e o Departamento de Italiano da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 🇮🇹

Ah, de novo...

Italianos não compreendem como a *Azzurra* conseguiu, após conquistar a Copa da Europa no ano passado, ficar (pela segunda vez consecutiva) fora de uma Copa do Mundo. E o mais surreal: Mancini permanecerá como técnico na busca pela classificação para o Mundial de 2026

MAURICIO CANNONE

Quem disse que raio não cai duas vezes seguidas no mesmo lugar? Depois da eliminação da Copa do Mundo da Rússia, de 2018, a Itália fica fora outra vez da principal competição de futebol do planeta. A conquista da Copa da Europa, em julho do ano passado, acabou sendo sonho de uma noite de verão. A derrota de 1 a 0 para a Macedônia do Norte, uma das frações da ex-Iugoslávia, tirou a *Azzurra* do Qatar 2022. E depois a Macedônia, por sua vez, perdeu a vaga na Copa para Portugal. O mundo italiano desabou outra vez.

Para Alberto Cerruti, colunista do jornal *La Gazzetta dello Sport* e que cobriu oito Copas do Mundo, não houve surpresas. Também explicou porque Gabriele Gravina, presidente da Federação Italiana de Futebol, não mandou embora o técnico Roberto Mancini logo após a eliminação do Mundial:

— Nada aconteceu. A exceção foi o título europeu após três empates nos 90 minutos de quatro jogos eliminatórios. Gravina não pode mandar embora Mancini porque ele assinou contrato até 2026, como não ocorreu com ninguém no passado. E Mancini não renuncia

para não perder dinheiro. Ele o fará quando encontrar outra equipe, como fez Sacchi em 1996, após o fracasso do europeu daquele ano. A imprensa, que não critica, é cúmplice. Bearzot foi massacrado antes e depois da conquista do Mundial.

Enzo Bearzot, técnico ao qual Cerruti se refere, foi campeão mundial no comando da Itália em 1982, quando eliminou, inclusive, o Brasil, então a sensação da competição. Bearzot também dirigiu a Itália nos Mundiais de 1978 e 1986. Arrigo Sacchi foi técnico vice-campeão pela Itália em 1994, perdendo o título nos pênaltis para o Brasil. Em 1996, a *Azzurra* seria eliminada na primeira fase do Europeu e pouco depois Sacchi voltava ao comando técnico do Milan, onde tinha conquistado anteriormente vários títulos.

Em 2017, a Itália havia sido eliminada do Mundial de 2018 na repescagem que classificara a Suécia. O desastre causou as saídas não só do técnico Gian Piero Ventura como a de Carlo Tavecchio, então presidente da Federação Italiana de Futebol. Luigi Di Biagio assumiu provisoriamente o comando



técnico da *Azzurra* até que Mancini fosse nomeado, o que ocorreu oficialmente em 14 de maio de 2018. Em 17 de maio de 2021, antes do Europeu que a Itália conquistaria, Gravina prolongou o contrato de Mancini até junho de 2026.

Para Roberto Beccantini, outro decano da crônica esportiva italiana, do site *eurosport*, há culpados também dentro de campo:

— Nada de clamoroso. Os jogadores. Nos pênaltis ganhamos um Europeu, nos pênaltis, os dois perdidos por Jorginho contra a Suíça, perdemos mais uma Copa do Mundo. Macedônia à parte. Gravina e Mancini, em comparação com o passado, podem ressaltar o Europeu que ganharam. Eles não são o problema. Se há alguma coisa, uma classe de dirigentes sem classe. O problema são os jogadores. Jorginho: dois pênaltis perdidos contra a Suíça. Acontece.

Os dois pênaltis perdidos pelo meio-campo ítalo-brasileiro Jorginho contra a Suíça ocorreram em dois jogos pelo grupo das eliminatórias mundiais. Dois empates da Itália. A Suíça acabou ficando em primeiro lugar no grupo e a Itália teve de disputar a repescagem perdida contra a Macedônia do Norte. “Assumo minhas responsabilidades. Realmente dói quando penso e vou carregar isso por toda a minha vida. Bater o pênalti, não marcar e decepcionar seu país é algo que decepciona muito”, admitiu Jorginho, em declaração à imprensa.

“Brasitalia” não funcionou Jorginho, Jorge Luiz Frello Filho, catarinense de Imbituba, 30 anos, já havia errado chute na disputa de pênaltis da final europeia, ano passado contra a Inglaterra. Mas passou em segundo plano porque a Itália ficou com o título. O oriundo italiano joga pelo Chelsea, da Inglaterra. Ele ganhou o prêmio da Uefa (União Europeia de Futebol) de jogador do ano em 2021. Além de Jorginho, a seleção da Itália que perdeu para a Macedônia do Norte na repescagem mundial tinha outros três brasileiros. O lateral-esquerdo Emerson Palmieri, do Lyon (França), jogou o tempo inteiro, assim como Jorginho,

ambos campeões europeus no ano passado.

Estreante na seleção da Itália, João Pedro, atacante do Cagliari, entrou aos 44 minutos do segundo tempo, pouco antes do gol fatídico da Macedônia marcado por Trajkovski, aos 47, já nos acréscimos, em chute de fora da área. Luiz Felipe, zagueiro do Lazio e outro brasileiro convocado por Mancini, nem ficou no banco. Estava machucado.

A *Squadra Azzurra* já estava sendo chamada no *Belpaese* de “Brasitalia” pela quantidade de brasileiros no elenco. Além dos quatro convocados para a fracassada partida pela repescagem da Copa, o oriundo Rafael Tolo, zagueiro do Atalanta e que fez parte do grupo campeão europeu, ficou fora da lista do técnico Mancini por lesão. Jorginho, Emerson Palmieri e Luiz Felipe, que tem o sobrenome Marchi, obtiveram a dupla cidadania pelo sangue italiano. João Pedro naturalizou-se beneficiado pelo casamento com uma italiana. Procedimentos diferentes.

A segunda eliminação consecutiva da *Azzurra* do Mundial reacendeu a discussão na mídia local sobre o excesso de jogadores estrangeiros nos Campeonatos Italianos. E as poucas oportunidades para os jovens italianos. Em 1966, após a seleção ter sido derrotada pela Coreia do Norte e voltado para casa ainda na primeira fase do Mundial da Inglaterra, as contratações de jogadores estrangeiros pelos clubes italianos foram proibidas até serem retomadas na temporada 1980-81.

Além de 2018 e 2022, a Itália também foi desclassificada nas eliminatórias do Mundial de 1958. Em 1930, a *Azzurra* não foi ao Uruguai para a primeira Copa do Mundo. Muitas seleções europeias desistiram pela distância da viagem, mas atritos entre as federações dos dois países teriam também influenciado na ausência naquele Mundial. A Itália tinha hábito de utilizar jogadores uruguaios que obtinham nacionalidade italiana para jogar pela sua seleção. Nas Copas do Mundo de 2010 e 2014, a *Squadra Azzurra* não passou da primeira fase. Depois de ganhar seu quarto título mundial em 2006, os principais torneios do

planeta foram verdadeiros desastres para a Itália.

Balotelli defende Mancini

O polêmico atacante Mario Balotelli não foi chamado para tentar a classificação na repescagem contra a Macedônia do Norte. O italiano de origem africana desabafou numa entrevista à TV *Sky Sport 24* que só é lembrado nos momentos ruins. “Só sentem falta de mim quando se perde. É fácil dizer isso agora. Antes do jogo ninguém pensava em mim. Também me senti muito mal com a eliminação da Itália. Eu assisti ao jogo e houve oportunidades para marcar. Sou bom na frente do gol. Não sei se venceríamos necessariamente se Mario estivesse lá. Mas havia boa chance de marcar um gol.”



‘Gravina não pode mandar embora o técnico Mancini porque ele assinou contrato até 2026 e Mancini não renuncia para não perder dinheiro. A imprensa, que não critica, é cúmplice’

Alberto Cerruti, do *La Gazzetta dello Sport*

Balotelli, que completa 32 anos no dia 12 de agosto, joga atualmente pelo Adana Demirspor, da Turquia. Apesar de ficar fora da lista contra a Macedônia, ele tinha sido convocado por Mancini para treinos da seleção no fim de janeiro. Apesar da exclusão, o atacante defendeu Mancini principalmente por ter conquistado o título europeu e disse que o técnico deveria continuar no comando da *Azzurra*. Balotelli tinha esperanças de ser chamado para a Copa do Mundo se a Itália tivesse conseguido a classificação. 🇮🇹



São 64 ANOS DE CARREIRA EM 76 DE IDADE. PIANISTA, REGENTE, COMPOSITOR, ARRANJADOR, PARCEIRO DE MILTON NASCIMENTO, SEU AMIGO DE INFÂNCIA DOS TEMPOS DE TRÊS PONTAS, CIDADE MINEIRA ONDE NASCEU. O PERSONAGEM DESTA LETTURA RACONTA É WAGNER TISO, LENDA VIVA DA MÚSICA BRASILEIRA COM ORIGENS ITALIANAS. ORIGENS QUE ELE CONTOU AO REPÓRTER MAURÍCIO CANNONE.

A chegada da família Tiso ao Brasil ocorreu há mais de 100 anos. O avô materno do músico imigrou vindo da província de Pádua (Padova, em italiano), região do Vêneto, em um borgo, espécie de distrito do município de Borgoricco:

— Aqui recebeu o nome de Sérgio, mas era Saverio — conta o artista sobre o avô, complementando: — Nasceu em Sant’Eufemia, Padova. Convivi com ele, morava na sua casa. Meu avô veio para o Brasil um pouquinho antes de 1900. A família chegou ao Brasil, andou, andou, andou e se estabeleceu em Três Pontas. Família de nômades. Ele, o pai dele e os irmãos resolveram parar ali. Arrumaram terra e começaram a plantar.

Pádua é justamente onde morreu um dos santos mais populares da Igreja Católica:

— Meu avô falava português com sotaque italiano. Ele contava histórias dos avós dele que receberam Santo Antônio.

A família Tiso chegou ao Brasil vinda da Itália. Mas antes de fixar raízes no belpaese esteve na Europa Oriental e um rio deu origem ao sobrenome:

— É de origem do leste europeu. Os ancestrais desceram para ir para o centro da Europa

pelos margens do rio Tisza. Desciam do Tisza pelo rio Danúbio. E estabeleceram-se em vários lugares. O meu ramo ficou em Padova. Já estive lá, desci pelas margens do Tisza, fui à Hungria. Passei por ali e depois fui a Padova também. Na minha família, os irmãos do meu avô se esforçavam para falar português. Falavam italiano entre eles. Meu avô desenvolveu plantações e fundou uma vila perto de Três Pontas. E tinha três fazendas ou sítios grandes de plantação, que depois ele perdeu no jogo. Ou uma ou duas, não me lembro mais.

Em Três Pontas, Wagner Tiso conheceu Milton Nascimento. Originário do Rio de Janeiro, Nascimento mudou ainda muito criança para a cidade mineira.

— Ele foi levado para lá com três anos de idade — lembra Tiso, que diz: — Fui criado na mesma rua que Milton. Eu morava com meu avô, que depois construiu uma casa para minha mãe e meu pai na rua Sete de Setembro. Por coincidência a rua em que Milton foi criado. Ficamos amigos para a vida toda. Eu e Bituca (apelido de Milton Nascimento).

Os dois parceiros já se apresentaram juntos na Itália:

— Tocamos bastante lá com várias formações. Tanto com o Milton como com banda minha, com grupos de violoncelos que eu levava. Em Roma, Milão, Florença.



A amizade e a parceria musical de Wagner Tiso com Milton Nascimento representam uma das páginas mais ricas na história da MPB

A música originária da Itália também teve influência na carreira de Tiso:

— Bastante. Minha mãe conhecia a música italiana, tanto as canções como clássicos. E a gente ouvia muito Puccini, fonte inspiradora. Um pouco de Verdi também, mas a gente gostava mais de Puccini. Minha mãe era professora de piano. Quando mudamos para Alfenas (MG), ela dava aulas lá. Até o conservatório de música de Alfenas tem o nome dela: Walda Tiso Veiga.

Entre tantas composições estão diversas músicas de cinema. Dentre as quais se destaca Coração de Estudante, inicialmente feita com outro nome para o filme Jango, de 1984, do cineasta Sílvio Tendler.

— Chamava-se Tema de Jango, depois Milton Nascimento colocou a letra.

Coração de Estudante tornou-se mais tarde trilha sonora da campanha pelas eleições diretas,

projeto rejeitado em 1984. Depois, de Tancredo Neves, escolhido presidente da República em 1985, pelo Colégio Eleitoral, mas que morreu no mesmo ano sem poder tomar posse. Composições para cinema são frequentes na carreira de Tiso, como agora na música para documentário do mesmo Tendler, que será lançado em breve, sobre Leonel Brizola.



Três Pontas (MG)



Padova

Mande sua história com material fotográfico para: redacao@comunitaitaliana.com.br



Com o retorno à normalidade e a abolição até mesmo dos testes de antígeno e PCR, sendo necessária apenas a comprovação do ciclo vacinal contra a covid-19 para embarque, são retomadas as viagens e a programação de turistas ao redor do mundo. Confira nossa seleção de itens para viajar no melhor do *made in italy!*

Mala de viagens Govago

Fabricada em material ABS, esta mala tem quatro rodas multidirecionais (360°), alça retrátil, alça superior integrada, interior forrado e compartimento principal com faixas de vestuário. Disponível nas versões “mala de mão” e “mala de despacho”. € 41,99 (mala de mão), € 55,99 (mala de despacho)

www.pittarosso.com/it



Almofada de pescoço Supportiback

Para prevenir contra a rigidez do pescoço, dormência nas costas e dores de cabeça durante longas viagens, esta almofada permite adormecer confortavelmente e acordar descansado, sem dores, onde quer que esteja. Sua forma em “U” envolve e suporta a nuca e a cabeça alinhando corretamente com a coluna. Fabricada em material espumoso, a almofada tem uma inserção em gel para manter a temperatura do pescoço estável. Vem com um estojo de viagens para transporte. € 29,87

www.amazon.it



Porta passaporte Moleskine

Fabricada em couro macio preto, o produto tem um bolso para moedas com fecho em zíper, um bolso para passaporte, um compartimento para notas e seis compartimentos para guardar cartões. € 69

www.sanguinetishoponline.it

Tênis Fila

Nas versões masculina e feminina, o tênis modelo Disruptor, da Fila, remete aos anos de 1990 com um design todo em couro com amarração em cadarço. O material superior é feito de couro sintético, enquanto o interior do sapato é de tecido têxtil. A sola é feita de TPR sintético. A lingueta e o calcanhar são equipados com presilhas e o interior do sapato é perfurado. Além do branco clássico, o tênis está disponível em cinza, roxo, branco e laranja, vermelho bordô, preto e branco e todo preto. € 99,95

www.fila.de



Moletom Diesel

Feito 100% de algodão, este moletom tem corte regular e apresenta uma imagem de Veneza estampada na frente com a escrita *Italian Glamour* com acabamento duplo. Confortável para viagens e também para o dia a dia, ele está disponível em duas cores: preta e branca.

€ 195 <https://it.diesel.com/it>



Fotos: Diniz/Agência





Sucesso e felicidade

Não são gêmeos univitelinos

Ary Grandinetti Nogueira é formado em administração de empresas e trabalhou por 40 anos na TV Globo, onde implantou modelo de gestão e chefiou a área de Desenvolvimento Artístico

Recorrer ao dicionário descontrói alguns mitos e lendas urbanas. Há palavras corrosivas entre si, mas imaginadas como complementares. Sucesso e felicidade é um caso clássico. Têm um espectro imenso entre como são vistas pelas diferentes pessoas das diversas civilizações, culturas, formação pessoal ou personalidade. Até os dicionários confundem sucesso e felicidade, atribuindo à felicidade o sentido de êxito, fortuna.

Sucesso pode ser uma vitória, um triunfo elevado à enésima potência, levar uma vida de abundância e fausto, um sucesso que transborda para percepção externa, que não cabe nos limites do indivíduo. Para outros significa a realização de tudo o que sempre se sonhou e planejou para a vida. Ou simplesmente uma vitória pessoal, como formar uma família sólida e feliz, vivendo dignamente, dando estudo de qualidade para os filhos. Um sucesso íntimo.

Mas no senso coletivo o sucesso é um crescimento exponencial, premiado com muito dinheiro e bens advindos de uma trajetória de grandes conquistas, com visão estratégica de mercado, um business plan vencedor, sob o rigor de indicadores e superação de metas.

Sucesso é definível a partir da visão de cada um, dos seus objetivos, seus anseios, dos limites para autossatisfação. Friedrich Nietzsche traz uma boa definição: “A vida vai ficando cada vez mais dura perto do topo”. O filósofo americano Napoleon Hill disse “Se você pensa que é um derrotado, você será derrotado. Se não pensar quero a qualquer custo!, não consegue nada”. Precisos. Estar no topo paga o preço da responsabilidade por resultados para os sócios e acionistas, pela vida dos funcionários, do isolamento conhecido como “síndrome do presidente”. A falta de consciência sobre os próprios atributos e fragilidades dificilmente conduzirá a bons resultados para os negócios, trazendo frustração e infelicidade.

Já a felicidade é um sentimento de altíssima complexidade, é a bateria da alma. Felicidade é mais e além de sucesso, é o substantivo de ser feliz, é o estado de satisfação individual plena. Não há um planejamento ou metas para ser feliz. A simplicidade e a solidariedade são caminhos para chegar lá. Mas é necessária uma consciência interna, uma doação, desprendimento pessoal, o desenvolvimento da empatia para enxergar Deus atrás de cada olhar.

Para Carlos Drummond de Andrade, “Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade”. É o sentimento de amar e ser amado. Amar a família, os amigos, as pequenas coisas à nossa

volta, o nosso próximo como a nós mesmos. É a plenitude da alma.

Pesquisadores ainda buscam comprovar que a felicidade e a saúde formam um círculo virtuoso. Mas os “cientistas de rua” já consideram a felicidade como a ignição eletrônica para uma vida saudável, um imunizante natural contra os problemas do corpo e da alma.

Os filósofos gregos trataram a felicidade desde que o pré-socrático Tales de Mileto (aprox. 623 a 546 a.C.), um dos 7 sábios da Grécia, cunhou que ser feliz é “ter o corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada”, pois boa sorte era a base da felicidade para os gregos mais antigos. Demócrito de Abdera defendia que a felicidade era “a medida do prazer e a proporção da vida”, o que demandava abandonar as ilusões e os desejos para conhecer a serenidade, tendo a filosofia como bússola para esse caminho. Sócrates realinhou o conceito de felicidade, transferindo a coroa da satisfação dos desejos e necessidades do corpo para a alma, pregando que a felicidade era o bem da alma através de uma conduta virtuosa e justa. Platão, seu discípulo preferido, estendeu o conceito do seu mestre Sócrates atribuindo à alma a função de ser virtuosa e justa para alcançar a felicidade. Aristóteles pôs em cheque o idealismo dos mestres, defendendo que a boa saúde, a liberdade (relacionada à escravidão) e boa situação socioeconômica, conceitos mais próximos aos correlacionados ainda hoje, seriam elementos básicos para se atingir a felicidade.

Enfim, as visões sobre o sucesso e a felicidade são muito individuais. Uma legião considera que distanciar-se da família é o preço a pagar pelo próprio sucesso. Os que colocam a família em primeiro plano na fase da vida que exige muito trabalho e busca de recompensa para se ter maior conforto na idade menos produtiva, certamente colherão frutos proporcionais à semeadura. Enquanto felicidade, para uns é ter uma família sólida, unida e feliz, para outros, é colecionar imóveis, iates e aviões. As coisas podem ser bem equilibradas se cuidarmos de cada fase dentro dos potenciais e das limitações da nossa longa jornada da vida. Independente das opções escolhidas, olhar o copo meio cheio da vida é jamais perder a esperança e um primeiro passo para sempre encontrar soluções.

Fecho o artigo com uma citação de Albert Einstein: “Se num dia de tristeza você tiver de escolher entre o mundo e o amor, escolha o amor, e com ele conquiste o mundo”. Vida longa e saudável para todos! 🌱



Terrazza Borromini

Na célebre e belíssima Piazza Navona fica um Palácio que ocupa boa parte da praça: o Palazzo Pamphilij. Aqui fica a nossa majestosa Embaixada desde 1920 e ao lado dela a barroca igreja de Sant'Agnese in Agone com a sua enorme cúpula, tudo formando uma fachada única. Há poucos anos foi criado um elegante hotel ao lado da igreja que é famoso pelas vistas seja do restaurante (no quarto andar) ou do bar (no último andar). Os dois ambientes são conhecidos como Terrazza Borromini inspirado no nome do arquiteto que realizou o Palazzo. Vale a pena saborear uma refeição ou tomar um drinque para ser premiado com uma das mais belas vistas da cidade.



Vinte anos de Roma

Há um mês completei vinte anos da minha chegada em Roma. Quem diria que minha estadia que deveria durar seis meses pudesse chegar a tanto!

Lembro que minha chegada em Roma parecia um milagre. Digo isso, pois minha viagem de São Paulo, onde eu morava, até Roma foi uma verdadeira Odisseia. Tive que pegar uns cinco aviões e três trens e tenho muito medo de voar. A razão de toda essa longa viagem era porque depois de muito tempo sem tirar férias meu pai tinha organizado umas férias malucas incluindo os filhos: uma semana de praia e muito sol na Jamaica e uma semana curtindo uma neve na Suíça.

Portanto peguei um voo de São Paulo para o Rio, depois um voo para Miami e outro para a Jamaica. Lá ficamos uma semana num *resort*, a única viagem da minha vida nesse tipo de hotel. Só saímos do hotel para fazer um passeio no qual era possível nadar com os golfinhos: uma experiência inesquecível. O que mais gostei do hotel foram as noites no bar onde o pianista tocava e indagava “Qual é a música?” e todos cantavam ao redor do piano. Também adorei o bar com balcão e banquinhos dentro da piscina onde se tomava um drinque.

Da Jamaica, pegamos um voo para a Suíça via Miami. Ufa, meus cinco voos estavam completados e, quando o avião pousou em Zurique, o que eu mais queria era beijar o chão, agradecer por ter chegado à Europa sã e salva. Não queria nem pensar em pegar avião por um bom tempo.

Da Suíça, onde eu pratiquei por alguns dias meu esporte preferido, o esqui passivo (um tipo de esqui onde você toma chocolate quente no chalé e observa as outras pessoas esquiares), eu peguei o trem para Milão e fiz uma parada de dois dias. Tinha vindo visitar uma grande amiga, a Daniela, que tinha sido responsável por me convencer a morar na Itália por um período. Ela tinha vindo um ano antes, mas para minha surpresa estava no final de sua estadia, já de mudança para Amsterdã, onde uma nova vida a aguardava ao lado de seu grande amor.

Os dois dias em Milão foram cheios de emoção. Minha amiga estava grávida e feliz da vida. Foi muito bom compartilhar um momento tão importante na vida dela. Tiramos algumas fotos juntas, mas uma ficou na história: em preto e branco, na frente de um bar onde tomamos um drinque no bairro de Navigli. Na foto, estamos rindo muito e a guardo até hoje com muito carinho: meu primeiro dia na Itália. De Milão, segui para Roma, o início de tantas aventuras.

Quem diria! Vim para Roma para ficar seis meses e acabei ficando 20 anos. Acho que as viagens breves, simples e planejadas não são meu forte.





Uma dose a mais de Esperança

ENDEREÇOS DE VACINAÇÃO DE IDOSOS A PARTIR DE 80 ANOS - COVID-19 E INFLUENZA

- Policlínica Sérgio Arouca - Rua Vital Brazil Filho, s/nº - Vital Brazil.
- Policlínica Dr. João da Silva Vizella - Rua Luiz Palmier, 726 - Barreto.
- Policlínica Regional de Itaipu - Avenida Irene Lopes Sodré - Itaipu.
- Policlínica Regional Carlos Antônio da Silva - Av. Jansen de Melo, s/nº - São Lourenço.

A Covid-19 ainda é um problema que exige muita atenção. E a Prefeitura de Niterói já iniciou a aplicação da quarta dose para pessoas com 80 anos ou mais - sendo necessário um intervalo de quatro meses da terceira dose. Seguindo o mesmo calendário, também começou a vacinação contra a Influenza, e os idosos podem tomar as duas vacinas no mesmo dia. A vida tem que voltar 100% ao normal.

Complete a imunização.

vacina



NITERÓI
SEMPRE À FRENTE

niteroi.rj.gov.br

A imunização contra Covid-19 estará disponível de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, com entrada até às 16h.

DOCUMENTAÇÃO

- Comprovante da primeira, segunda e terceira dose da vacina
- Identidade
- CPF
- Comprovante de residência



**LA VITA È COME UNA FOTO,
SE SORRIDI VIENE MEGLIO.**

**A VIDA É COMO UMA FOTO,
SE VOCÊ SORRIR, FICA MELHOR.**

 **piraquê**

omundopira.com.br



Editora Comunità

MOSAICO

I T A L I A N O

SOTTO L'EGIDA DELL'ISTITUTO ITALIANO DI CULTURA - RJ E DEI DIPARTIMENTI DI ITALIANO DELLE UNIVERSITÀ PUBBLICHE BRASILIANE

ANO XIII - NUMERO 211



**Le porte
strette**

Aprile 2022Editora Comunità
Rio de Janeiro - Brasilwww.comunitaitaliana.com
mosaico@comunitaitaliana.com.br**Direttore responsabile**

Pietro Petraglia

EditoriAndrea Santurbano
Fabio Pierangeli
Patricia Peterle**Grafico**

Alberto Carvalho

COMITATO SCIENTIFICO

Andrea Gareffi (Univ. di Roma "Tor Vergata"); Andrea Santurbano (UFSC); Andrea Lombardi (UFRJ); Asteria Casadio (Univ. "G. d'Annunzio, Chieti e Pescara); Beatrice Talamo (Univ. della Tuscia di Viterbo) Cecilia Casini (USP); Cristiana Lardo (Univ. di Roma "Tor Vergata"); Daniele Fioretti (Univ. Wisconsin-Madison); Elisabetta Santoro (USP); Ernesto Livorni (Univ. Wisconsin-Madison); Fabio Pierangeli (Univ. di Roma "Tor Vergata"); Giorgio De Marchis (Univ. di Roma III); Giovanni La Rosa (Univ. di Roma "Tor Vergata"); Lucia Wataghin (USP); Mauricio Santana Dias (USP); Maurizio Babini (UNESP); Patricia Peterle (UFSC); Paolo Torresan (Univ. Ca' Foscari); Roberto Francavilla (Univ. di Genova); Sergio Romanelli (UFSC); Silvia La Regina (UFBA); Wander Melo Miranda (UFMG).

COMITATO EDITORIALE

Affonso Romano de Sant'Anna; Alberto Asor Rosa; Beatriz Resende; Dacia Maraini; Elsa Savino (in memoriam); Everardo Norões; Floriano Martins; Francesco Alberoni; Giacomo Marramao; Giovanni Meo Zilio; Giulia Lanciani; Leda Papaleo Ruffo; Maria Helena Kühner; Marina Colasanti; Pietro Petraglia; Rubens Piovano; Sergio Michele; Victor Mateus

ESEMPLARI ANTERIORI

Redazione e Amministrazione
Rua Marquês de Caxias, 31
Centro - Niterói - RJ - 24030-050
Tel/Fax: (55+21) 2722-0181 / 2719-1468
Mosaico italiano è aperto ai contributi e alle ricerche di studiosi ed esperti brasiliani, italiani e stranieri. I collaboratori esprimono, nella massima libertà, personali opinioni che non riflettono necessariamente il pensiero della direzione.

SI RINGRAZIANO

"Tutte le istituzioni e i collaboratori che hanno contribuito in qualche modo all'elaborazione del presente numero"

STAMPATORE

Editora Comunità Ltda.

ISSN 2175-9537

Le porte strette

L'espressione "scrittura femminile" è stata a lungo una sorta di classificazione negativa, anche se non troppo precisa, a cui scrittrici affermate come Natalia Ginzburg e Armanda Guiducci hanno preferito sottrarsi. L'espressione "poesia femminile" in particolare – poiché al campo della poesia canonica si accede per una porta ancora più stretta di quella della prosa – è stata praticamente un insulto, che indicava una "sottopoesia" (secondo Guiducci) o l'assenza *tout court* di poesia (difficile dimenticare quella frase di Montale sulla poesia di Antonia Pozzi, di cui ambigualmente lodava il processo di superamento della "cosiddetta spontaneità", "lo scoglio della poesia femminile, l'incaglio che fa dubitare tanti della possibilità stessa di una poesia di donna").

Passa il tempo e l'espressione "scrittura femminile" entra nell'uso comune, per indicare semplicemente letteratura, poesia o prosa, scritta da donne; alla scrittura femminile, in lingua italiana, dedichiamo questo numero di Mosaico, con l'intento di contribuire a una revisione della storia del canone letterario che rifletta sulle opere firmate da donne, restituisca il prestigio negato a priori, rimobiliti il sistema di contatti e relazioni tra le diverse opere.

Grandi studi e progetti di ricerca discesi dal movimento femminista ci dicono, come è esposto nell'articolo di Giuliana Zagra, *La lingua perduta delle donne*, che la letteratura scritta da donne non è stata in realtà *assente*, nei secoli, ma piuttosto *rimossa*, rifiutata, esclusa; e da questo dato parte il lavoro di recupero per una "revisione e riscrittura della storia della letteratura e della Storia in generale dal punto di vista femminile". È il punto di vista che deve cambiare; si deve sapere ciò che si cerca, solo così si troverà (o meglio, come scrisse Sant'Agostino, "Nonnulla pars inventionis est nosse quid quaeras"). Un cambiamento – a cui offriamo il contributo di questo numero di Mosaico - che ci sembrerà forse simile a quello prospettato da Herman Hesse, quando riflette sui movimenti delle nostre percezioni del significato e dell'importanza delle opere: "Ciò che oggi sembra a me la quintessenza della letteratura universale sembrerà un giorno ai miei figli unilaterale e insufficiente, così come a mio padre e a mio nonno sarebbe parso risibile."

I saggi qui raccolti sono dedicati a autrici più o meno famose: famosissima, Donatella di Pietrantonio, studiata da Lucia Strappini; Ebe Cagli Seidenberg, dimenticata e quasi sconosciuta ma riproposta all'attenzione del pubblico dal libro *Ritratto d'artista. Ebe Cagli Seidenberg*, di Michael Lettieri e Rocco M. Morano, qui recensito da Simone Turco. Un punto più estremo di oblio è toccato da Daria Menicanti, che qui al contrario ha trovato spazio in due articoli, firmati da Valentina Russi, Silvia Cattoni e Lucia Wataghin. Anche il saggio di Patricia Peterle è dedicato a una poeta – questa però in ascesa –, l'intellettuale, scrittrice, militante, attivissima Maria Grazia Calandrone. Un caso paradossale, dal punto di vista della fama, è quello di Roberta Rambelli, autrice di fantascienza e traduttrice estremamente prolifica e molto letta, ma mascherata e coperta da pseudonimi, destinati a proteggerla nell'ambiente del genere fantascientifico, misogino e anglofilo, studiato da Silvia La Regina. Di carattere più storiografico è il saggio di Erica Salatini sul bovarismo all'italiana (Matilde Serao, Neera, Sibilla Aleramo), mentre Aurora Bernardini confronta i temi scrittura e esperienza femminile e viaggi nelle opere di Melania Mazzucco e Annemarie Schwarzenbach. Ringraziamo le autrici e gli autori degli interventi, e auguriamo a tutti buona lettura.

Lucia Wataghin

Indice

SAGGI

La lingua perduta delle donne

Giuliana Zagra

pag. 04

Bovarismo all'italiana: Neera, Matilde Serao e Sibilla Aleramo

Erica Salatini

pag. 09

Sotto altri nomi. L'invisibilità di Roberta Rambelli

Silvia La Regina

pag. 14

Le vie per Kabul: Annemarie Schwarzenbach, Roger Perret, Melania G. Mazzucco

Aurora Bernardini

pag. 19

Il fossile vorticoso di Maria Grazia Calandrone

Patricia Peterle

pag. 23

Passaggio, passato, passante. Lo spazio nelle prime tre raccolte di Daria Menicanti

Valentina Russi

pag. 29

Poesia delle donne, poesia in traduzione, poesia trilingue.

***Il Canzoniere per Giulio* di Daria Menicanti**

Lucia Wataghin e Silvia Cattoni

pag. 33

Donatella Di Pietrantonio

Lucia Strappini

pag. 40

RECENSIONI

Ritratto d'artista. Ebe Cagli Seidenberg

Simone Turco

pag. 45

RUBRICA

Definizione di esclusività amorosa

pag. 50

PASSATEMPO

pag. 51



La lingua perduta delle donne*

Giuliana Zagra

La storia della letteratura italiana ha espresso per secoli quasi solo autori di sesso maschile, e pochissime sono state le scrittrici ammesse a far parte del canone. Sfogliando le storie e le antologie letterarie destinate alle scuole si coglie con tutta evidenza la disparità di genere. Si dovrà aspettare la seconda metà del Novecento, a partire dagli anni Settanta, per disporre di manuali in cui le scrittrici contemporanee vengano almeno nominate.

A partire da quegli anni si assiste di fatto a una progressiva attenzione intorno al tema della scrittura femminile nata soprattutto dal grande lavoro innescato dal movimento delle donne, con la crea-

zione di progetti di ricerca molti dei quali oggi collegati in reti nazionali (alcuni esempi, *Archivia: archivi - biblioteche - centri di documentazione delle donne*; *Rete Lilith*; *L'enciclopedia delle donne*), e dagli studi di genere discesi dal pensiero femminista.

Il primo dato che emerge da tale percorso di studi è sorprendente: le scrittrici italiane nei secoli sono state molto più numerose di quelle che la critica letteraria e la storia sono state disposte ad accogliere. Tutto ciò riapre almeno in parte il giudizio sulla storica esclusione delle donne dalla cultura in una prospettiva critica diversa che si basa piuttosto che su una assenza sulla loro rimozione dalla scena letteraria e artistica.

* Il presente articolo fa riferimento allo studio pubblicato in «Quaderni del 900», XIX (2019): *Archivi letterari del '900. Parte II: Gli archivi femminili*. A cura di Giuliana Zagra, Monica Davini, Magdalena Maria Kubas.

Giuliana Zagra è bibliotecaria, esperta di biblioteche e archivi d'autore del '900, ha curato l'acquisizione e valorizzazione dell'Archivio di Elsa Morante presso la Biblioteca nazionale centrale di Roma e svariate mostre, convegni, rassegne su autori contemporanei. Tra le numerosissime pubblicazioni, saggi, articoli, cataloghi di mostre, atti di convegno di cui è autrice si ricorda *L'amata. Lettere di e a Elsa Morante* (con Daniele Morante), Einaudi 2012, *La tela favolosa. Carte e libri sulla scrivania di Elsa Morante*, Carocci 2019. È stata designata *Ambasciatrice della lettura 2021* nel progetto del CEPELL (Centro del libro e della lettura - MIBACT)

Se molto di ciò che le donne hanno scritto nel passato è andato perduto, dimenticato o rimosso, molto si va riscoprendo grazie a un lavoro di recupero, censimento ed esame degli archivi femminili che già dagli anni Sessanta è parte integrante e necessaria del programma di revisione e di riscrittura della storia della letteratura e della Storia in generale dal punto di vista femminile.

Il Novecento è il secolo in cui il processo di affermazione delle donne nella società civile, e in particolare nel campo delle lettere e della scrittura, segna una accelerazione e in cui si sviluppa in parallelo la riflessione sulle ragioni che ne hanno determinato l'assenza.

Punto di partenza del pensiero femminista novecentesco è lo storico saggio di Virginia Woolf *A room of One's Own* del 1929, dove si ripercorre il rapporto donne e scrittura dal punto di vista di una secolare esclusione e dove vengono delineati i contorni di una questione complessa che ancora oggi lascia aperti molti punti di discussione. Se da un lato le ragioni della marginalizzazione delle donne nella società trovano delle risposte storiche, sociali e culturali oggettive, rimane per molti versi irrisolto l'interrogativo se esista una peculiarità dello sguardo femminile sul mondo e in che cosa si differenzi da quello degli uomini, o se piuttosto vadano riconosciute trasversalmente le categorie del maschile e del femminile legandole di volta in volta alla sensibilità dei singoli, indipendentemente dalla loro appartenenza di genere.

La cultura delle donne è di fatto il risultato dell'intreccio di ragioni diverse che legano la condizione femminile, delineatasi all'interno di società dominate dagli uomini, ai saperi sviluppati all'interno della divisione dei ruoli e ai caratteri peculiari che discendono dalla appartenenza di genere.

Non potendo disporre di una «stanza tutta per sé», che Virginia Woolf indica al contempo come il luogo fisico dove concentrarsi a scrivere e lo spazio interiore dove ritrovare e dare forma alla propria espressione più profonda, le donne sono rimaste per secoli tagliate fuori dalla vita pubblica, dalla cultura ed economicamente subalterne. Il perimetro privato in cui si sono mosse ha alimentato la loro scrittura e ha affinato lo sguardo introspettivo rivolto soprattutto al proprio interno, a scandagliare la memoria e a sviluppare l'osservazione.

La Woolf nel suo saggio definisce Jane Austen una «disegnatrice di caratteri» ed è la stessa autri-

ce di *Orgoglio e pregiudizio* a dire, in una lettera al fratello, che il suo modo di scrivere è come «incidere su un pezzettino di avorio, largo due pollici, su cui lavoro col più fine dei pennelli, in modo da produrre il minimo degli effetti col massimo dello sforzo». Un metodo che si fonda sulla acutezza dello sguardo, sulla precisione del tratto e sulla applicazione paziente, al pari di una miniaturista che riesce a raccontare tutto nel piccolissimo, mostrando quali profondità e quale eleganza si possano raggiungere, sebbene la pagina nasca spesso nel tempo rubato alla monotonia delle cure domestiche, su pezzetti di carta scritti in salotto.

L'aspetto artigianale e quasi materico del rapporto che una scrittrice tende ad instaurare con le proprie carte viene sottolineato anche da Cesare Garboli, nel saggio *Il gioco segreto* (1994) quando, descrivendo il laboratorio di Elsa Morante, lo paragona all'atelier di una sarta, a un mestiere femminile antico che richiede pari acutezza nella vista e precisione: «attenta, scrupolosa, assistita da quella grande capacità di astrarsi dal mondo e di stare assorto nel loro lavoro che avevano un tempo le sarte».

Per secoli la scrittrice non è esistita come figura pubblica e quelle di loro che sono andate oltre le convenzioni lo hanno fatto accettando il compromesso dell'anonimato o dello pseudonimo.

A partire dalla seconda metà dell'Ottocento, grazie alla alfabetizzazione e alla apertura alle donne dei diversi gradi di istruzione, le scrittrici diventano una realtà consistente e ineludibile anche in Italia; il mercato si espande e in parallelo la produzione femminile si configura come un vero e proprio genere letterario, uno spazio riservato alle donne che scrivono per le donne di argomenti considerati prettamente femminili.

La scrittura delle donne viene etichettata entro i confini della cosiddetta "letteratura rosa" che ne limita l'espansione a un pubblico più vasto e alimenta un pregiudizio difficile da scardinare se, ancora oggi, recenti rilevazioni fanno emergere la resistenza, forse inconsapevole, da parte di molti uomini a leggere libri scritti da donne, come si è dibattuto anche nel corso della manifestazione milanese *Book City* del 2018.

Il Novecento italiano può vantare, nel campo del riconoscimento pubblico delle donne anche il premio Nobel per la letteratura, assegnato a Grazia Deledda nel 1926, tuttavia permane nel corso di tutto



il secolo, e in parte fino ad oggi, la marginalizzazione della letteratura femminile.

Benedetto Croce in verità nella *Letteratura della Nuova Italia* (1903 - 1924) dedica un considerevole spazio alle scrittrici emergenti di quegli anni: Matilde Serao, Annie Vivanti, Clarice Tartufari, Amalia Guglielminetti, Neera, Contessa Lara, Marchesa Colombi, Emma.

«Tutte sono pochissimo letterate, con gli svantaggi della poca letteratura, che si mostrano nella scorrettezza, nella imprecisione e nella ineguaglianza della forma, ma altresì coi vantaggi comprovati dalla umanità della loro arte e dal calore del loro stile; il che fa sovente dimenticare o perdonare i difetti della forma.» (vol. VI)

Ma il giudizio crociano ancorché sostenuto da una benevola curiosità contiene un tratto paternalistico che peserà come un macigno sui pregiudizi legati alla scrittura femminile e alla conseguente esclusione dal canone.

Se la progressiva emersione di figure di letterate, poetesse, scrittrici, filosofe, nel panorama culturale italiano ha il grande merito di mettere in luce realtà rimosse o dimenticate in grado di rimettere in discussione la storia della letteratura, l'esame diretto degli archivi femminili apre a sua volta a riflessioni inedite che gettano le basi per ridiscutere e ridefinire il canone letterario.



Tanto più che oggi si può contare sull'acquisizione da parte di istituzioni pubbliche di interi fondi archivistici appartenuti a scrittrici del secolo scorso, come ad esempio, solo per citarne alcuni: il fondo Annamaria Ortese presso l'Archivio di Stato di Napoli, i manoscritti, i libri, i dischi appartenuti a Elsa Morante presso la Biblioteca nazionale centrale di Roma, il Fondo Alda Merini al Centro Manoscritti dell'Università di Pavia, le carte per lo più inedite di Dolores Prato conservate all'Archivio Bonsanti a Firenze, i diari e l'epistolario di Gianna Manzini all'Archivio del '900 della Università la Sapienza di Roma, la biblioteca di Amelia Rosselli all'Università di Viterbo, l'intero lascito documentario, fatto di carte, libri, quadri, svariati oggetti di Lalla Romano presso la Biblioteca Braidense di Milano.

Lo studio degli archivi delle scrittrici rappresenta un capitolo rilevante della filologia d'autore, soprattutto se con esso si pongono in parallelo l'esame dei documenti, il pensiero femminista, la teoria di genere.

Un approccio di studio complessivo verso le carte prodotte dalle donne oltre a fornire la base per un'analisi genetica rivelatrice dei processi attraverso i quali si è sviluppata la scrittura di ciascuna di esse, rende possibile un esame comparato tra i diversi archivi, che ricerchi costanti e varianti in senso trasversale.

Ciò consente di approfondire il tema se esista un modo proprio delle donne di accostarsi alla scrittura, una metodologia che le accomuni nella genesi del testo, allargando l'analisi anche all'esame di documenti ricorrenti come ad esempio diari e epistolari, il prevalere di supporti specifici come i quaderni o l'attitudine a scrivere a mano.

Un archivio personale si può di fatto considerare come una forma di autobiografia che l'autore sedimenta nel corso degli anni grazie ai documenti che sceglie di conservare e di trasmettere alle generazioni future: esplorarlo significa spesso attraversare la vita di colei o colui che l'ha prodotto.

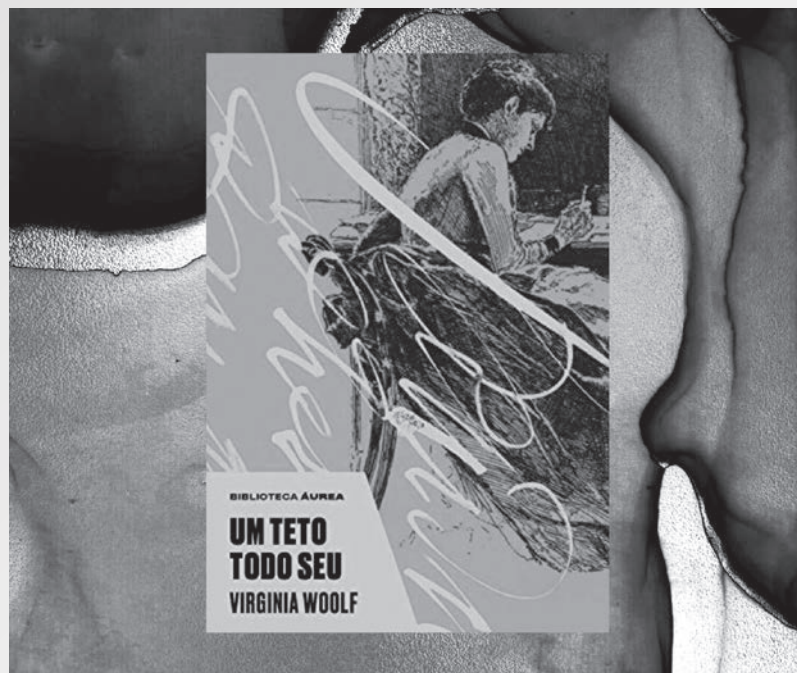
Negli archivi letterari delle donne l'intreccio tra vita e letteratura si percepisce in modo particolarmente intenso, talvolta inscindibile nel fitto lavoro di revisione e di rielaborazione, di ricerca di un linguaggio che affonda le radici nel privato, in un lessico familiare che vuole farsi Storia senza perdere la sua identità originaria. Ne danno conto gli avantesti quasi sempre scritti a mano, in cui frammenti del vissuto si mescolano con l'elaborazione letteraria,

mostrando il progressivo processo di sottrazione e alleggerimento del dato biografico.

La scrittura rappresenta per queste autrici l'apripista per l'affermazione della propria identità e per la ricostruzione della memoria, unico strumento di cui dispongono per riappropriarsi della Storia dalla quale altrimenti sarebbero rimaste escluse.

L'incessante attività di recupero della memoria che è dietro alla composizione di *Giù la piazza non c'è nessuno*, romanzo di Dolores Prato (pubblicato per la prima volta da Einaudi nel 1982 in una edizione ampiamente ridotta, quando la scrittrice aveva 88 anni) è documentato si potrebbe dire in modo quasi ossessivo dalle carte conservate all'Archivio Bonsanti di Firenze, materiali fondamentali per la ricostruzione della sua metodologia di lavoro consistenti in frammenti, appunti, ricordi vergati su cartoncini e foglietti. Figura nascosta e quasi sconosciuta in vita, in qualche modo incompresa e tenuta ai margini dell'editoria fintanto che è vissuta, la Prato può essere assurta ad esempio di quanta ricchezza vi sia nel patrimonio letterario ancora sommerso prodotto dalle donne e quanto lavoro possa essere fatto in questa direzione.

Abbiamo, attraverso le sue carte, una testimonianza particolarmente toccante dell'intreccio indissolubile di vita e letteratura, in cui la scrittura si spinge oltre l'attitudine e la vocazione, ma diventa un atto di sopravvivenza.



Menzogna e sortilegio (1948), il romanzo familiare che Elsa Morante progettava di scrivere sin da bambina e che di fatto apre la strada alla sua affermazione come una delle più grandi narratrici novecentesche, è una saga che attraversa tre generazioni in cui i ricordi reali della protagonista si mescolano a fatti immaginari. Il manoscritto del romanzo, contenuto in 40 quaderni scolastici arricchiti da una ragnatela di annotazioni di vario genere, restituisce la straordinaria facoltà di elaborare il mito della propria famiglia in un processo che via via trasfigura il vissuto rendendolo irricognoscibile e lo filtra attraverso la tradizione letteraria. Elisa, la protagonista, costruisce la sua storia "ricordando" vicende dei genitori alle quali non poteva aver assistito. I quaderni nei loro paratesti creano delle cornici fitte di suggestioni, visioni poetiche che poi a poco a poco si scioglieranno nel testo, elenchi di parole che diventeranno linguaggio. Si rende esplicito nella pagina manoscritta quello che la Morante aveva già espresso nel *Diario del '38*: come la scrittura sia per lei soprattutto ricordare, fosse anche un ricordare qualcosa che non si è mai vissuto veramente ma solo intuito, sognato o ritrovato nella profondità di sé stessi nell'arco di una vita immaginaria: «Che il segreto dell'arte sia qui. Ricordare come l'opera si sia vista in uno stato di sogno, ridirla come si è vista, cercare soprattutto di ricordare. Che forse tutto l'inventare è ricordare?»

Nell'archivio letterario di Annamaria Ortese, l'epistolario costituisce una parte corposa da cui emerge, insieme alla vasta rete di relazioni e contatti con intellettuali e scrittori suoi contemporanei, il difficile

rapporto con le case editrici che ha sempre caratterizzato la sua produzione letteraria e in particolare ha accompagnato la pubblicazione de *Il porto di Toledo*.

Anche qui si avverte il sentimento di solitudine, la difficoltà ad essere riconosciuta e valorizzata a fronte del proprio indiscusso genio.

Come per la Morante, i manoscritti delle opere letterarie restituiscono la tendenza meticolosa a ritornare sulle composizioni con correzioni e riscritture, ricerca di parole, creando un ampio apparato di varianti e diventando parte integrante del suo metodo di lavoro.

Alda Merini è l'autrice in cui l'autobiografia e la scrittura più si fondono in modo esplicito e dichiarato. La poesia pervade talmente la sua vita da diventare una forma di autocura, un argine al dolore, il senso più profondo e unico della sua vita. Molta critica si è concentrata nella ricerca di una linea di demarcazione tra la poesia nata da una intenzione letteraria consapevole e quella che discende direttamente dallo stato di sofferenza psichica. Tale aspetto ha avuto come risultato di lasciare ancora sommersa una fetta significativa della produzione poetica della poetessa milanese. Anche in questo caso il vasto epistolario presso il Fondo Manoscritti del Centro



di ricerca dell'Università di Pavia rappresenta molto più di una semplice raccolta di lettere.

La consuetudine della Merini di spedire agli amici le sue composizioni, nel tempo reale in cui venivano scritte, lo trasforma in un serbatoio straordinario da cui attingere poesie e prose inedite, in buona parte escluse perché scaturite dalla cosiddetta «motivazione terapeutica».

L'archivio di Gianna Manzini, quasi simbioticamente mescolato a quello del suo compagno, Enrico Falqui, colpisce per le oltre 1000 lettere a lui indirizzate e per i cinque diari, che attraversano la sua vita. Come per la Prato emerge il profondo intreccio tra autobiografia e scrittura e come la scrittura privata sia spesso il nucleo originario della produzione letteraria e strumento prezioso per l'analisi della sua poetica.

L'indagine comparata degli archivi letterari femminili sembra far emergere alcune parole chiave che ritornano nelle letture delle carte e traccia un filo che di volta in volta mette in relazione le scrittrici tra loro: la ricerca della memoria, la condizione di isolamento, il senso di solitudine, il desiderio di riscatto, le difficoltà economiche, il rapporto sofferto con gli editori.

Si potrebbe affermare che in qualche modo sono in grado di raccontare il lungo percorso compiuto da ciascuna scrittrice per arrivare alla propria identità più profonda e alla affermazione di sé, e al contempo, letti nel loro insieme, di tracciare un'unica linea della scrittura protesa a ritrovare la lingua perduta delle donne e con essa le parole per raccontare il mondo attraverso il loro sguardo.



Bovarismo all'italiana: Neera, Matilde Serao e Sibilla Aleramo

Erica Salatini

Il romanzo borghese, la sua popolarizzazione e la formazione di un pubblico di lettori è una realtà in Francia e in Inghilterra alla metà dell'Ottocento, mentre in Italia il genere romanzesco si consolida più tardi: in uno scenario letterario in cui la tradizione privilegia la poesia, il romanzo popolare, di matrice naturalista e decadentista, occupa la quasi totalità delle pubblicazioni nell'Italia della fine del XIX secolo. Le due più importanti correnti letterarie che si affermano in questo scenario, il Verismo e il Decadentismo, sono rappresentate da Giovanni Verga (1840-1922) e Gabriele D'Annunzio (1863-1938). Verga è il romanziere che consacra la corrente naturalista in Italia, conferendole una tonalità particolare con il suo regionalismo. Dall'altra parte, c'è D'Annunzio, il più conosciuto esponente del Decadentismo. Questi sono i due grandi nomi che popolarizzano il romanzo italiano alla fine dell'Ottocento.

Questo genere letterario, di vocazione popolare, diventa ancora più popolare con la cosiddetta letteratura di appendice, costituita dalla pubblicazione sui giornali di romanzi a puntate che stimolano la fidelizzazione dei lettori, segnando l'inizio dell'industrializzazione dell'editoria italiana. Sia nella sua versione libresco che in quella d'appendice, il genere romanzesco, scritto quasi sempre da uomini per un pubblico quasi sempre femminile, piano piano si espande e si specializza in diversi settori: quelli di avventure, l'horror, il romanzo di mistero, il sentimentale, a seconda delle esigenze di un pubblico in costante espansione.

In questo contesto di crescita e progressivo aumento dei lettori, le donne hanno una particolare importanza perché contribuiscono molto alla formazione del gusto dell'epoca, non solo come lettrici, ma

anche come scrittrici, poiché aiutano a sviluppare il genere romanzesco, anche se spesso questo contributo non viene loro riconosciuto. Se pensiamo, per esempio, alla diffusione internazionale di un tema imprescindibile per la costituzione del romanzo sentimentale, il bovarismo, e allo sviluppo di questa tematica nel contesto italiano, scrittrici come Neera (Ana Radius Zuccari 1846-1918), Matilde Serao (1856-1927) e Sibilla Aleramo (1876-1960) hanno una particolare rilevanza nell'inserimento di questo tema nella letteratura romanzesca italiana.

I personaggi di Neera, come Teresa, Lydia e Marta della "Trilogia della donna giovane"; di Matilde Se-



Neera Duello d'anime



Paperleaves

rao, come nella novella *La virtù di Checchina*; il personaggio autobiografico di Sibilla Aleramo in *Una donna*, sono esempi importanti del *bovarismo all'italiana*, giacché portano in se stessi il contrasto tra una vita provinciale, borghese e banale, e il sogno di un'esistenza autentica. Donne costrette a scegliere fra la propria sfera intima (le aspirazioni e i desideri personali) e le regole e i valori imposti dalla società, che proibiscono loro di vivere le proprie passioni e individualità, relegandole al rigido ruolo di madri e mogli nel matrimonio borghese.

Il concetto di bovarismo, coniato dal filosofo francese Jules de Galtier (1852-1942), deriva dal romanzo dello scrittore francese Gustave Flaubert *Madame Bovary* e indica l'atteggiamento del "concepirsi diverso da ciò che si è". Rappresenta la tendenza a sfuggire alla monotonia della vita di provincia, proiettando nella metropoli una sorta di desiderio che vede nella lettura di romanzi un mezzo di svincolarsi dalla realtà, raffigurando un'esperienza di evasione dal reale, al quale però il personaggio deve poi per forza ritornare. I personaggi, molte volte donne deluse dal matrimonio, insoddisfatte da tutto ciò che le circonda, da una vita coniugale senza stimoli, si dedicano alla lettura di romanzi in cui possono immaginare di realizzare sogni romantici, fantasie sentimentali, l'amore per il lusso. Insomma, tutto quello che dà forma ai loro desideri irrealizzati, facendole sentire soddisfatte in un mondo che però non è reale.

Emma Bovary, secondo gli studi di Andrea Hosne, rappresenta il movimento interno di smontaggio progressivo delle norme che reggono la società positivista, razionale, maschile, capitalista della fine dell'Ottocento, mostrando le sue contraddizioni, privilegiando il romanzesco, l'intrattenimento, la presenza dell'immaginazione e della fantasia come forma di rappresentazione del lato femminile di questa società. Emma è, quindi, rappresentante del conflitto tra l'immaginazione e la realtà prosaica che la circonda, imprigionandola¹.

È in questo ambito che possiamo inserire i personaggi femminili dei romanzi della "Trilogia della donna giovane" di Neera (Teresa, Lydia e Marta); quello della novella di Matilde Serao, *La virtù di Checchina*; il personaggio autobiografico di *Una Donna*, di Sibilla Aleramo. Le autrici presentano dei romanzi e racconti in cui le donne sono esempi di questi universi in contrasto, due mondi in opposizione: da una parte la realtà di una società provinciale, soffocante, chiusa nei suoi valori e, dall'altra, il desiderio di modernità e di evasione, di avventura e di passione che le costituiscono.

Neera, pseudonimo della scrittrice milanese Anna Zuccari, dà ampio spazio alla rappresentazione dell'esperienza femminile nella sua produzione narrativa, raffigurando dei personaggi che si scontrano con l'ordine sociale prestabilito di fine Ottocento. Autrice prolifica, riesce a descrivere "molteplici profili femminili alla ricerca di un'esistenza diversa da quella a cui l'insieme delle norme sociali e delle ideologie del tempo le avrebbe relegate"². Autrice di ventidue romanzi, di racconti e poesie, Neera ha collaborato anche con alcune riviste illustri dell'epoca; ha pubblicato dieci saggi in cui ha affrontato, tra i numerosi argomenti, la complessa tematica della posizione sociale delle donne postunitarie, soprattutto quelle delle classi medie.

Nella sua scrittura romanzesca, Neera propone frequentemente dei modelli alternativi di donne alla ricerca di una nuova identità, donne in perenne lotta con la società patriarcale del tempo, che cercano di



1 Cf. HOSSNE, A.S. *Bovarismo e romance*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p. 277-8.

2 CALAMITA, F. "Neera". Disponibile su: <http://www.enciclopediadelledonne.it/biografie/anna-radius-zuccari-neera/>



evadere dai tradizionali ruoli precostruiti, come accade alle tre protagoniste della “Trilogia della donna giovane”: *Teresa* (1886), *Lydia* (1887) e *Marta de L'indomani* (1889). È il caso di Lydia,

ricca esponente della società aristocratica milanese, che nell’omonimo romanzo fa suo un motto scandaloso, che non combacia con le norme culturali a cui dovrebbe attenersi una giovane donna dell’Italia postunitaria: “divertirsi”. Questa voglia di evasione sociale la allontana dal matrimonio, ma non dalla ricerca dell’amore vero che la giovane aristocratica insegue incessantemente³.

Anche Marta, la protagonista de *L'indomani*, l’ultimo dei tre romanzi della trilogia, è delusa dalla sua vita coniugale borghese: giovane sposa innamorata del marito, un uomo poco sentimentale e per niente romantico, la giovane deve imparare il significato di essere donna, ma non a partire dagli ideali romantici ai quali ha sempre aspirato, bensì in un rapporto autentico con il marito.

A sua volta, Teresa, personaggio tra l’adolescenza e l’età adulta, vive la sua passione per Egidio, ostacolata dalla grettezza del padre che, per meschine valutazioni economiche, le impedisce di sposarlo. Il peso delle convenzioni sociali e l’obbedienza familiare condizionano anche il comportamento di Teresa, obbligandola a rinunciare alla felicità e soltanto con il passar del tempo, già più matura, riuscirà a trovare la consapevolezza e la forza di reagire alle imposizioni, riuscendo con tenacia a coronare il suo sogno d’amore proibito, a costo, tuttavia, di un “sacrificio lungo quasi quanto la sua intera esistenza”. Nelle parole di Antonia Arslan, *Teresa* è

una storia coraggiosa, audace e persino, tessuta intorno a una protagonista innocente ma non ignara, che appare subito come la vittima designata di una concorde volontà e crudeltà familiare [...] un ritratto – e un ambiente – tipici dell’oppressione femminile ottocentesca, che agisce più pesantemente sulla donna retta e ingenua, su quella che istintivamente non si presta a ‘giocare il gioco femminile’ dell’astuzia, dell’ipocrisia e del sorriso ammaliatore.⁴

3 CALAMITA, F. “Neera”.

4 ARSLAN, A. “Rileggendo Teresa, o l’immagine nello specchio”. In: NEERA, *Teresa*. Pádua: Il Poligrafo 2009, p.11.

Diversamente da quello che succede nel romanzo flaubertiano, i finali dei romanzi di Neera presentano soluzioni favorevoli alle donne: le vicende narrate non hanno una conclusione tragica, e molto spesso rappresentano momenti di formazione e apprendimento per le donne, che piano piano conquistano la loro indipendenza e autocoscienza. Anche se, forse inevitabilmente, essendo post-flaubertiani, in quanto il desiderio dei personaggi femminili è bovariano, i romanzi di Neera riescono a proporre modelli femminili positivi, più didascalici, se li esaminiamo a partire da un altro grande modello per la scrittura femminile dell'epoca che sono i romanzi di Jane Austen. Anche questi ultimi spesso propongono alternative ragionate e ragionevoli (ma piene di sensibilità) per resistere in un mondo che è sempre ostile alle donne che vogliono fuggire e sfidare le convenzioni sociali.

Un altro esempio di bovarismo all'italiana è la novella *La virtù di Checchina*, di Matilde Serao, pubblicata inizialmente su "La Domenica letteraria", in quattro puntate, fra il 25 novembre e il 16 dicem-

bre 1883, ripubblicata poi nel 1884 insieme ad altri racconti⁵. L'autrice stessa spiega le intenzioni che l'hanno spinta a raccontare la storia di Checchina: voleva dimostrare come fosse infelice e monotona la condizione di vita di una donna piccolo-borghese, rappresentare un tipo di femminilità rinchiusa e ripetitiva che riguarda non solo Checchina, ma anche altre donne come lei:

Checchina non è assolutamente priva di idealità. Io volevo qualche cosa, oltre l'arte, scrivendola: volevo dimostrare quanto sia infelice la vita borghese e come si svolga monotona, senza lucentezza di sentimenti, tutta vincolata dalle piccole cose, consumata nella noia, in cui lo stesso peccato è privo di poesia e la colpa appare più brutta, perché più meschina⁶.

La novella di Serao racconta l'esistenza tipica di una donna della piccola borghesia alla fine del XIX secolo, chiusa nel suo spazio domestico e annoiata da un'esistenza piatta e monotona. Presenta una trama del tutto semplice e dall'intreccio lineare: si tratta della storia di un tentato adulterio di una donna sposata che accetta l'attenzione di un affascinante marchese, per concedersi l'opportunità di una relazione di passione. Serao riprende l'abituale trama di una storia passionale extraconiugale, ma le conferisce un carattere ironico⁷.

Anche in questa novella il bovarismo è ripreso come tematica e modello, ma l'adulterio qui è solo ipotizzato e non viene consumato, come accade anche al personaggio autobiografico di Sibilla Aleramo in *Una donna*. I due testi presentano quindi delle donne sposate, immerse in vite coniugali piene di regole, senza nessun romanticismo e che vedono nel rapporto extraconiugale una possibilità di scappare da un quotidiano ripetitivo, di avere un po' di sentimento e emozione. Sono donne costrette a scegliere, come abbiamo visto, fra la propria sfera intima, di realizzazione dell'emozione e del sentimento e quella razionale, imposta dalla società patriarcale, visto che "l'aspetto emotivo o sessuale della donna sono impedimenti all'ingranaggio della civiltà, e per questo devono essere estirpati"⁸.



5 SERAO, M. *Il romanzo della fanciulla. La virtù di Checchina*, a cura di Francesco Bruni. Napoli: Liguori, 1985.

6 SERAO apud MONDINI, V., "Chiusa come un baco da seta in un bozzolo filato": la figurazione del femminile nella narrativa breve di Matilde Serao. Tesi di Laurea. Padova: Università di Padova, 2017.

7 Cf. MONDINI, V., "Chiusa come un baco da seta in un bozzolo filato": la figurazione del femminile nella narrativa breve di Matilde Serao.

8 CASTELLINO, F. *Sibilla Aleramo: Il Femminismo che nasce dal racconto di sé*. Disponibile su: <http://www.lachiavedisophia.com/blog/sibilla-aleramo-femminismo-nasce-dal-racconto>



Il desiderio di trasgressione si presenta a queste donne come alternativa, ma loro non riescono, come Emma Bovary, a vivere questa trasgressione, rifiutandola in nome del mantenimento dell'ordine prestabilito. Sibilla poi farà vedere nella sua scrittura come solo l'ipotesi di tradimento capovolgerà la sua vita in violenza e crudeltà da parte del marito a causa dei pettegolezzi e delle maldicenze caratteristiche dell'ipocrisia dell'ambiente provinciale in cui è costretta a vivere.

Sibilla Aleramo riesce a sfuggire a questo appiattimento della vita "grazie alla scrittura", ovvero grazie "all'arte che le permette di ricordare la sua profondità", e le restituisce "l'autocoscienza". La sua sarà comunque una scrittura in cui "l'affermazione dei diritti delle donne è la riconquista di una dimen-

sione pluralistica della propria vita", che propone una esistenza in cui "è possibile essere moglie e non cosa, lavoratrice e madre"⁹. Infine, Sibilla affermerà con la sua scrittura un ruolo sociale positivo della donna, contrapponendosi a quello rappresentato dai romanzi scritti, tra l'altro, da uomini, della fine dell'Ottocento. La donna passerà da "ingranaggio" che permette il funzionamento della società a soggetto autocosciente, sfuggendo alla determinazione sociale e dalla riduzione a oggetto. Appunto per questo il suo romanzo sarà considerato come il primo romanzo femminista della letteratura italiana: di un femminismo che "nasce come ricordo e racconto di sé, come la capacità di guardarsi da fuori e di decidere della propria vita"¹⁰.

Possiamo dire che, anche se i finali di questi romanzi sono differenti da quello di Flaubert, visto che sono caratterizzati da scelte particolari di scrittura, da concezioni narrative diverse (il romanzo di Sibilla è considerato autobiografico e femminista mentre i romanzi di Neera e la novella di Serao si presentano come finzioni), i testi rappresentano il bovarismo come parti costitutive della letteratura romanzesca italiana, trasferendo in questa letteratura una tematica fondamentale e fondante della concezione stessa di "romanzo". Il bovarismo sarà inevitabilmente associato al carattere romanzesco, e in questo senso, le scrittrici qui presentate sono pioniere nel diffondere una tematica importante per il romanzo europeo in una cultura, quella italiana a cavallo tra fine Ottocento e Novecento, che associava in maniera quasi esclusiva la letteratura alla poesia.

Insomma, queste scrittrici avranno un importante ruolo nella configurazione del moderno romanzo italiano, perché tratteranno di temi universali, spesso legati al ruolo femminile nella società borghese, sfuggendo alla condizione regionalista, molto spesso associata ai romanzi ben riusciti di matrice verista, avvicinandosi comunque a una tematica più legata alla modernità europea, oltre a proporre un modo di scrivere e pensare la letteratura al femminile, cioè che non si restringe all'usuale prospettiva maschile del romanzo italiano della fine del XIX secolo.

9 CASTELLINO, F. *Sibilla Aleramo: Il Femminismo che nasce dal racconto di sé*.

10 CASTELLINO, F. *Sibilla Aleramo: Il Femminismo che nasce dal racconto di sé*.

Sotto altri nomi L'invisibilità di Roberta Rambelli¹

Silvia La Regina

R Robert Rainbell, John Rainbell, Joe C. Karpati, Rocky Docson, Hunk Hanover, Igor Latychev, R. R., A. Robert: scrittori di fantascienza, pubblicati in Italia fra la fine degli anni '50 e l'inizio degli anni '60. Ciò che accomuna questi nomi o iniziali è che sono tutti pseudonimi di un'unica autrice, Roberta Rambelli, poco nota a chi non si occupa di fantascienza in Italia e principalmente a chi si è avvicinato al genere negli ultimi anni. Rambelli oggi è prevalentemente ricordata, quando lo è, come traduttrice per Mondadori, Longanesi, Sperling & Kupfer e altre case editrici: l'elenco delle sue traduzioni dall'inglese, sia di testi di fantascienza che di romanzi e saggistica di vari generi, è impressionante e occupa decine di pagine del catalogo della Biblioteca Nazionale². Anche per le traduzioni ha spesso usato pseudonimi: G.P. Errani; C. Gavioli; M. Gavioli; Romolo Minelli; Lucia Morelli; Lucia Moretti; G. Pollini; Jole Pollini; Lella Pollini; Jole Luisa Rambelli; Luciano Torri³. Va sottolineato come Rambelli sia stata una pioniera della lotta per i diritti dei traduttori in Italia: Lippi la ricorda come "barricadera dell'editoria" che "trascinò in tribunale un editore milanese"⁴.

Occuparsi di questa scrittrice prolifica e spesso dimenticata significa svelare la profonda misoginia del genere fantascientifico, principalmente, ma non solo, in Italia, ed allo stesso tempo l'esterofilia, ancor più anglofilia, che ha segnato per decenni la maggior parte delle pubblicazioni italiane (natu-

ralmente, non solo di fantascienza). Anche in Italia, come negli USA, la fantascienza si è diffusa prevalentemente grazie alle riviste: oltre alla egemone e pioniera *Urania*, attiva fin dal 1952 e l'unica ancora in attività, erano molto note *Galassia*, doppiopone della versione italiana di *Galaxy*, *Oltre il cielo* e *I romanzi del Cosmo*. *Urania* pubblicava per lo più autori angloamericani - già o in seguito classici - ma anche autori italiani, identificandoli come tali (il primo è stato Emilio Walesko, con *L'Atlantide svelata*, *Urania* n.31, 1954) ed in seguito ha istituito premi per autori italiani, rivelando, fra gli altri, Valerio Evangelisti. *Galassia*, attiva dal 1961 al 1979, ma, principalmente, *I romanzi del Cosmo* (1957-1967) pubblicavano numerosi autori dai nomi per lo più anglosassoni, pseudonimi di italiani: Hugh Maylon (che successivamente sarà assai conosciuto nell'ambito della SF col suo vero nome, Ugo Malaguti) ed altri come Louis Navire (ma anche Lewis Flash, Jack Azimov, Red Fayad, Samy Fayas, Alex Gordon, Nina Laru, Fred Mc Murray, Louis Nigra, Red Ryan)⁵, tutti pseudonimi di Luigi Naviglio; Welcome Brown (Luigi Ghilardi), Robert Wheeler (Roberto Temporini), George Winnow (Giorgio Vaglio). Come scriveva Ugo Malaguti nel 1997, negli anni '60 in Italia "autori, direttori, editori si ignoravano tra loro, ed erano pochissimi coloro che sospettavano, magari tra gli scrittori di *Oltre il cielo*, che i loro colleghi dai nomi esotici de *I romanzi del Cosmo* abitassero ma-

1 Questo breve articolo è parte di una ricerca in corso di stampa su scrittrici di fantascienza italiane e brasiliane.

2 <http://bve.opac.almavivaItalia.it/opac2/BVE/CR/result>

3 INTERCOM, Science Fiction Station, Rambelli, <http://www.intercom-sf.com/modules.php?name=Encyclopedia&op=content&tid=3434>, s/d.

4 G.LIPPI, *Roberta Rambelli. Science Fiction mia droga*, in R.Rambelli, *I creatori di mostri*, Collezione Urania n.51, Milano, Mondadori 2007. s/p (epub).

5 Cfr. l'esauritivo e fondamentale Catalogo Vegetti per tutta la fantascienza pubblicata in Italia fino al 2010: CATALOGO VEGETTI DELLA LETTERATURA FANTASTICA, al quale rimando anche per Rambelli e Philip Dick, citato infra. Disponibile su <https://www.fantascienza.com/catalogo/>



gari a pochi metri da casa loro, e fossero italianissimi dietro quegli strani pseudonimi”⁶. Al gruppo si aggiunge appunto Roberta Rambelli, così prolifica che in due anni pubblica su *I romanzi del Cosmo* di Ponzoni, casa editrice “di fotoromanzi e periodici ultrapopolari”⁷, undici romanzi con cinque diversi pseudonimi – fra i quali preferiva Robert Rainbell, che compare sei volte. Vedremo più avanti questi e gli altri suoi romanzi e racconti.

Questa sfilza di nomi e date sorge, come si diceva, dal desiderio di presentare un fenomeno forse oggi meno noto e che appunto rivela l’anglofilia e principalmente la misoginia di un genere molto popolare, molto letto, molto pubblicato in Italia. Se spesso i lettori di SF storcevano il naso davanti a un nome italiano, certamente il rifiuto sarebbe stato molto più deciso se il nome fosse stato italiano e femminile.

Del resto, solo per citare un caso molto noto, le sorelle Brontë, Charlotte, Emily e Anne, si firmavano, rispettivamente, Currer, Ellis e Acton Bell – nomi ambigui ma che furono interpretati come maschili.

Oggi possiamo citare numerose autrici anglosassoni di SF, Ursula K. Le Guin, Leight Brackett, Joanna Russ, Nancy Kress, Tanith Lee, Alice Bradley Sheldon (famosa con lo pseudonimo maschile di James Tiptree Jr.) e svariate altre, ma in Italia, perlomeno all’inizio della fortuna del genere, esso era precluso alle scrittrici. Attualmente si conoscono alcune autrici italiane di fantascienza: oltre a Rambelli, Gilda Musa, Daniela Piegai, Nicoletta Vallorani, Elena Di Fazio, fra le altre. Roberta Rambelli, della quale Malaguti ha pubblicato un commosso ritratto su *Nova SF* 27 subito dopo la scomparsa dell’autrice⁸, è comunque un esempio peculiare di una scrittrice e traduttrice del tutto invisibile, ancora più oggi, a 25 anni dalla morte. In questo senso, va lodata l’iniziativa di Laura Coci, che all’inizio del 2021 le ha dedicato un ampio articolo online, purtroppo forse ristretto agli amanti della fantascienza⁹. Invisibile, si diceva, tanto che, in modo assai simbolico, pare che non si conoscano sue foto. Invisibile, trasparente, ed allo stesso tempo titanica, pensando alla mole di lavori scritti e ancor più tradotti. Giustamente Raul Ciannella parla di “una presenza invisibile”¹⁰ riguardo a Rambelli, e non a caso quello di Ciannella è uno dei pochissimi contributi recenti, se non l’uni-



6 U. MALAGUTI, *Pagina tre*, *Nova SF*, Anno XII, n.27, nuova serie, febbraio 1996, s/p, disponibile su <https://brilib.org/book/17120594/8d1396>.

7 G. LIPPI, *Roberta Rambelli. Science Fiction mia droga*, s/p.

8 U. MALAGUTI, *Pagina tre*.

9 L. COCI, Laura, *Fantascienza, un genere femminile. Italia, anni Sessanta e oltre*, seconda parte, disponibile su <https://vitaminevaganti.com/2021/04/03/fantascienza-un-genero-femminile-italia-anni-sessanta-e-oltre-seconda-parte/>

10 R. CIANNELLA, *Roberta Rambelli: una presenza invisibile*, *Altre Modernità*, 2018, n. 19, p.55-76.

co, riguardo alla scrittrice di Cremona (1928-1996) pubblicato in ambito accademico. È forte dunque l'inquietudine relativa al cancellamento del genere femminile, al suo travestimento come unica alternativa al silenziamento completo. Due secoli dopo Mary Wollestonecraft, trent'anni dopo il woolfiano *A room of one's own*, lungi dall'aver una stanza per sé, alla scrittrice era negato il mero uso del nome e della sua identità.

È doveroso chiedersi se la peculiare anoni/pseudonimia che per anni ha coperto e mascherato l'opera di Rambelli sia stato comune anche ad altre autrici italiane del XX secolo: apparentemente, però, il fenomeno non ha interessato né le autrici di letteratura "alta" né quelle di letteratura "rosa", prima fra tutte Carolina Invernizio¹¹ o, in seguito e con una cifra più annacquata e convenzionale, Liala. Un caso a parte è quello di Elena Ferrante, al cui enorme successo forse contribuisce anche proprio l'impossibilità di determinarne con certezza il vero nome.

La notizia della prossima pubblicazione di un Meridiano Mondadori con "il meglio" di Philip K. Dick¹² è certamente entusiasmante per quanti pensano che la fantascienza sia una magnifica e crudele

chiave di lettura metaforica del nostro presente più ancora che del futuro, delle contraddizioni, aporie e ipocrisie della società contemporanea – ed è interessante e anzi spaventoso oggi pensare ad un classico più che centenario come *La peste scarlatta*, del 1912, di Jack London, nel quale una misteriosa pestilenza decima il genere umano, riconducendolo ad una truculenta preistoria fatta di crudeltà, fame, tradimento e bestialità¹³. Tornando a Dick, lucido e allo stesso tempo allucinato narratore di mondi lontanissimi e così vicini, lo scrittore nordamericano è stato pubblicato in Italia fin dal 1958, tradotto inizialmente da Laura Grimaldi, Beata della Frattina, Tom Arno (alias Giorgio Monicelli), Lella Pollini, Lucia Morelli, Romolo Minelli, Roberta Rambelli: Lella, Lucia e Romolo sono naturalmente alter ego di Rambelli. Tutti i grandi nomi della fantascienza italiana, da Vittorio Curtoni a Carlo Pagetti, da Gianni Montanari a Maurizio Nati, si sono poi misurati con la *magnum opus* di Dick, spesso ritraducendo. Colpisce però, nel volume dei Meridiani a cura dello scrittore romano Emanuele Trevi, la dichiarazione del fatto che vi sarà una nuova traduttrice, Marinella Magrì. Certamente è importante



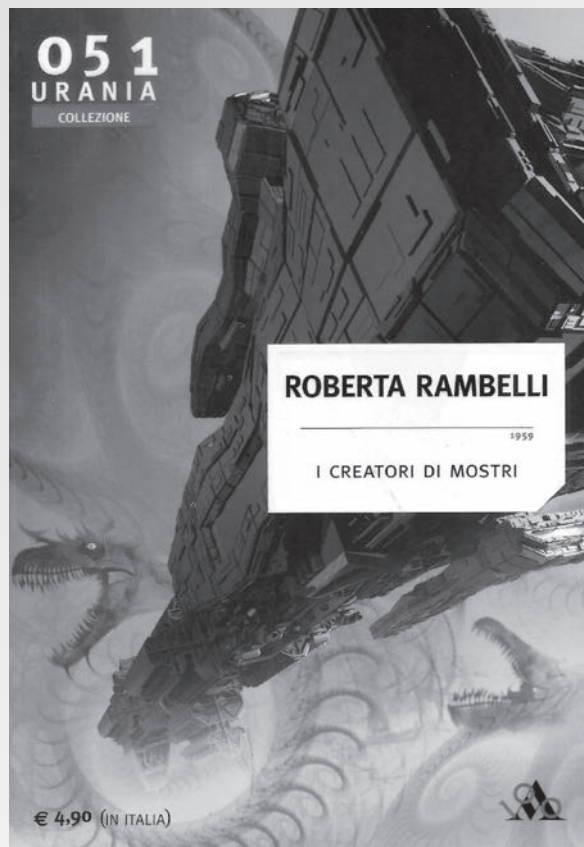
¹¹ Sulla Invernizio, rimando a due contributi pubblicati recentemente: S. LA REGINA, *Traduzir vidas, mundos e fantasias: Carolina Invernizio e a literatura d'appendice italiana no Brasil*. Caligrama, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 167-183, 2020; LA REGINA, *Aventura e sentimento. Carolina Invernizio e a literatura popular*. In A.W.S.Vasconcelos, V.R.Pinheiro, *Literatura e minorias: diálogos*, Paco Editorial, Jundiaí, SP, 2020, p.135-152.

¹² Cfr. G. DI DONFRANCESCO, *Un Meridiano per Philip K. Dick: "Con la fantascienza ha interrogato l'universo"*, Repubblica 03/12/2021, disponibile su https://www.repubblica.it/cultura/2021/12/03/news/philip_dick_meridiano_mondadori_emanuele_trevi-328772115/

¹³ J.LONDON, *La peste scarlatta*, a cura di Ottavio Fatica, Adelphi, Milano, 2009.

l'omogeneità dello stile traduttorio, ma, se è vero che "mentre la parola del poeta sopravvive nella propria lingua, anche la più grande delle traduzioni è destinata ad entrare (ed essere assorbita) nello sviluppo della língua, e a perire nel suo rinnovamento"¹⁴, e quindi le traduzioni inevitabilmente invecchiano, d'altra parte non so se si possa dire che le traduzioni dickiane di Rambelli non erano "grandes traduções"¹⁵, secondo la categorizzazione in qualche modo problematica e contraddittoria di Berman quanto alle ritraduzioni. Soprattutto, sembra che il mantello dell'invisibilità di Harry Potter ricada ancor più pesantemente su Rambelli, il cui contributo alla storia della fantascienza in Italia, ed alla conoscenza dello stesso Dick, viene in qualche modo cancellato. Resta sapere, evidentemente, se alla scrittrice e traduttrice sarà dedicato qualche riferimento nel volume dei Meridiani.

Rambelli era amata e odiata, considerata comunque la grande figura di riferimento della fantascienza italiana ma spesso ferocemente contestata. In una lettera al direttore pubblicata su *Galassia* subito dopo il passaggio della direzione da Rambelli a Ugo Malaguti, la scrittrice viene chiamata "il 'Boss' incontrastato della SF italiana, la 'grande' R.R."¹⁶. Forse il sarcasmo dell'autore della lettera si spiega anche pensando appunto al carattere misogino della fantascienza, almeno (ma non solo) quella italiana: sullo stesso numero di *Galassia*, un altro lettore "ridacchiando sardonicamente" scopre che un romanzo di "un certo Jgor Latychev" è di "Roberta Rambelli! Capisco che 'la più grande scrittrice di SF' che ci sia in Italia abbia la libertà di scrivere quello che le pare, ma non mi sembra il caso di mettersi alla pari con campioni del calibro di Lionel Fanthorpe [...] per non citarne che uno"¹⁷. Lo stesso Ugo Malaguti ricorda "antipatie e vecchi rancori" eredità degli anni in cui Rambelli aveva diretto, con notevole successo, lo Science Fiction Book Club, rancori ai quali egli attribuisce il fatto che una parte della critica abbia "sorvolato" sul



suo ruolo di scrittrice (che infatti definisce "sottovalutata"), concentrandosi solo, eventualmente, su quelli di saggista, direttrice di collana e critica letteraria.¹⁸ Infatti la scrittrice si mostrava risentita, anche se garbatamente, per il trattamento ricevuto (o non ricevuto, pensando alla sua invisibilità): "Gli 'italiani' [...] mi ignoravano. [...] A certuni, non so ancora cosa avessi fatto per meritarmi tanto rancore: c'erano alcuni che non avevo mai conosciuto, e con i quali non ero mai stata neppure in rapporti epistolari"¹⁹.

Scrittrice prolifica, si diceva, ma solo per un periodo: gli 11 titoli de *I romanzi del Cosmo*, dal 1959 al 1961, racconti d'avventura presentati coi vari pseudonimi e, naturalmente, con l'indicazione del traduttore fittizio²⁰: *I creatori di mostri* (1959), *Le stelle perdute* (1960), *Alla deriva nello spazio* (1960) sono alcuni fra i titoli dei romanzi che s'inserivano nella tradizione della fantascienza avventurosa e ambientata per lo più nello spazio, uno

14 W. BENJAMIN, *Il compito del traduttore*, in *Angelus Novus*, trad. R. Solmi, Einaudi, Torino, 1976, p. 37-50, p.41.

15 A. BERMAN, Antoine, *A retradução como espaço da tradução*, trad. C. Prado Marini e M. H. Torres, *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n° 2, p. 261-268, mai-ago 2017, p.263.

16 A. VITALE, Andrea, [Lettera al direttore], *Galassia* 73, Piacenza, La Tribuna Editrice, gennaio 1967, p.230.

17 R. DEL PIANO, [Lettera al direttore], *Galassia* 73, p.231.

18 U. MALAGUTI, *Pagina tre*, s/p.

19 R. RAMBELLI, *apud* CIANNELLA, *Roberta Rambelli: una presenza invisibile*, p.67.

20 In questo senso, cfr. S. LA REGINA, *Traduzir falsas traduções*, *Cadernos de tradução*, UFSC, v. 38, p. 50-67, 2018.

spazio inteso come nuova possibilità per un genere umano ormai stanco e spesso simbolo di fallimento. Poi un lungo periodo di silenzio, altri tre romanzi, finalmente col suo vero nome, e due collaborazioni con A.E. Van Vogt. Oltre a questi, una ventina di racconti e molti saggi e introduzioni. Rambelli ha saputo formare una scuola di curatori e studiosi, oltre a stimolare la produzione di autori italiani in raccolte e antologie. Di tutti i suoi romanzi, quello di maggior successo fu *Profilo in lineare B* (1980), interessante esempio e forse capostipite del genere fantarcheologico in Italia, al quale però, sempre più presa dalla frenetica attività di traduttrice, non diede seguito. Interessante anche il testo precedente, *Il ministero della felicità* (1972), un esempio di fantascienza sociologica venata di satira apparentemente leggera e a tratti macchiettistica su un'Italia provinciale e orwelliana inebetita da calcio, televisione, fotoromanzi e attorucoli, alla permanente ricerca dell'assoluto ed entusiastico consenso, "l'imitazione cieca e sconsiderata dei modelli imposti dall'alto, l'assoluta incapacità di autocritica"²¹: ci fossero anche le reti sociali, un bel ritratto dell'Italia attuale.



Potrebbe essere casuale, ma forse no, che il racconto lungo più noto dell'autrice, una sorta di raffinato thriller psicologico in cui la fantascienza è un panno di fondo non superfluo ma certamente non centrale, si intitoli *Parricidio* (1961, poi ristampato nel 1963, 1996 e 2007, edizione dalla quale cito)²². Il tema più rilevante del racconto, che concentra in pochi personaggi un dramma personale e professionale delineato con tocchi sapienti e accurati, è un intreccio psicoanalitico e deontologico, in

cui la simbiosi umano/macchina anticipa singolarmente la microchirurgia. Il padre simbolicamente ucciso dal protagonista, Persio Alemejo, potrebbe in fondo rappresentare anche il misogino e crudele ambiente della fantascienza italiana, così falloccentrico e delegittimante da far sorgere nell'autrice un atteggiamento "deluso e disincantato" e spingerla a sviluppare "una reale ma assolutamente ingiustificata umiltà critica nei confronti delle sue opere letterarie"²³. Anche il prezioso racconto *Ma i fior del prato*, giustamente definito da Vitali "simakiano" pur se nel testo apparentemente l'autrice sviluppa un'idea "squisitamente femminile" (*sic*: se l'idea fosse stata *robustamente virile*, immagino che il protagonista avrebbe infilzato gli alieni su simbolici e concreti spiedi d'acciaio)²⁴, sotto la delicatezza della narrazione nella quale i pochi personaggi, fra i quali gli adorabili alieni, interagiscono in un ritmo e in movenze spesso da favola, rivela un'essenza profondamente crudele. Crudeltà non solo di casta – gli ex allievi, ormai affermati professionisti che non riconoscono più, fuori contesto, il vecchio bidello, quasi parte inanimata dell'arredamento scolastico – ma principalmente di un ambiente intellettuale escludente e senza speranza per un autore dalle risorse esili, condizione esasperata da Rambelli inserendo immagini trite e quasi ridicole nelle poesie del bidello, o più probabilmente fuori dal giro, in una provincia addormentata e immobile nella quale non aveva sentito nominare "poetiche [...], strutturalismo, problemi del linguaggio, scuola d'avanguardia"²⁵. In fondo, però, anche Roberta Rambelli, con la sua "ingiustificata umiltà critica", e infatti autrice di una prosa di volta in volta tagliente, morbida, sempre esatta, in una visione del mondo lucida e coerente, doveva sapersi fuori dal giro, tenuta e respinta ai margini di una cultura letteraria nella quale la sua voce avrebbe potuto e dovuto farsi sentire col vigore di una scrittura matura e innovativa, mentre è rimasta, come lei stessa definisce un personaggio de *Il ministero della felicità*, "elusiva non-presenza"²⁶.

21 R. RAMBELLI, *Il ministero della felicità*, Galassia n.162, Padova, La Tribuna, 1972, s/p.

22 R. RAMBELLI, *Parricidio*, in *I creatori di mostri*, 2007.

23 U. MALAGUTI, *Pagina tre*, s/p.

24 M. VITALI, M [Mavi], *Presentazione*, in RAMBELLI, *Il ministero della felicità*, s/p.

25 R. RAMBELLI, *Ma i fior del prato*, in *Il ministero della felicità*, s/p.

26 R. RAMBELLI, *Il ministero della felicità*, s/p.

Le vie per Kabul: Annemarie Schwarzenbach, Roger Perret, Melania G. Mazzucco

Aurora Bernardini

I - Informazioni biobibliografiche su Annemarie Schwarzenbach

Nonostante Annemarie Schwarzenbach (1908-1942) conoscesse già gran parte del Medio Oriente, l'idea di visitarlo per l'ultima volta nell'estate del 1939 (la scrittrice, giornalista e fotografa svizzera morì a 34 anni) si realizzò quando convinse la scrittrice di viaggi Ella Mainart (1903-1997), che desiderava studiare gli usi e costumi del Nuristan, a partire insieme a lei per l'Afghanistan. La storia del suo viaggio si chiamò *La via per Kabul*.¹ Ad un certo punto il loro rapporto divenne difficile (Annemarie, psicologicamente instabile, ebbe una ricaduta nella droga da cui aveva cercato di disintossicarsi in diverse cliniche) e si separarono. Ella partì per l'India del Sud e Annemarie proseguì verso il Nord dell'Afghanistan, il Turkerstan, vicino al confine con l'URSS. Nel novembre dello stesso anno, Annemarie ritorna a Kabul con l'intuito di porre fine a quel periodo di vita lontana dal mondo.

II - Citando Perret

“Annemarie scopre nell'Afghanistan una sorta di 'terra incognita' dai paesaggi arcaici. Risparmiato dai molti mali della civiltà occidentale, questo paese ha da sempre esercitato sui viaggiatori un fascino enorme. Lontano da tutto ciò che è familiare, questo luogo si presta meglio di qualsiasi altro a un incontro con la propria interiorità, come entrambe le donne desiderano [Ella e Annemarie]. Perché l'Oriente era il



¹ A. Schwarzenbach, *La via per Kabul*. Il Saggiatore, Milano, 2002.



deserto, l'infinita solitudine dell'alba, la steppa spinosa della coscienza'. Eppure, l'Afghanistan ricorda stranamente ad Annemarie la patria: per il paesaggio montano, per la posizione geografica (un paese senza sbocco sul mare, circondato da potenti vicini), per l'indipendenza politica e il plurilinguismo, l'Afghanistan viene spesso definito 'Svizzera dell'Asia' (...) Tutto ciò comunque non le aveva impedito di chiedersi, prima della partenza: (...) 'Perché lasciamo il paese più bello del mondo? Che cosa ci spinge

verso est su strade deserte?' Si darà lei stessa la risposta: 'La nostalgia dell'assoluto è senza dubbio la reale motivazione di ogni vero viaggiatore'²

E ancora Perret, sul "contenuto dei nomi":

"In *Tre volte l'Hindu Kush*, Annemarie dimostra con efficacia la capacità quasi magica di unire scrittura e viaggio. I nomi vengono allineati ad arte, come le perle di una collana, e non consentono più, in quella forma, di distinguere tra i ricordi suscitati dai luoghi visitati e la loro evocazione verbale. Il 'contenuto dei nomi', il loro 'suono' e il loro 'colore' si rivelano come una realtà diversa, enigmatica. D'altra parte, i nomi sprigionano la loro forza solo quando se ne percepisce la magia 'sul proprio corpo' e nell'incontro con ciò che stanno a indicare. Per questo si impone la seguente definizione: un resoconto di viaggio è convincente solo quando la lingua stessa diventa viaggio"³

III - Citando Annemarie Schwarzenbach

Riportiamo alcune impressioni di Annemarie, in quanto cronista, da *La via per Kabul*, insieme di cronache di Annemarie che narrano di quest'ultimo viaggio in Oriente e che si dividono in *L'Ararat*, *La Steppa*, *Le donne di Kabul*, *La riva dell'Oxus*, *Due donne in Afghanistan* e *Verso Peshawar* e che ne riveleranno

lo stile e ci permetteranno di confrontarlo con quanto hanno scritto su argomenti analoghi il critico Roger Perret (1950-) e la scrittrice Melania Mazzucco (1966-). Leggiamo quanto Annemarie scrive sullo stesso argomento scelto da Perret, il fascino dei nomi:

"Quando arrivai per la prima volta dal Nord, dalla rovente pianura del Turkestan, raggiunti l'Hindu Kush e superai i suoi grandiosi passi storici, mi venne la tentazione di scrivere un inno e nient'altro. Un inno al suo nome, perché i nomi sono molto più che indicazioni geografiche, i nomi sono suono e colore, sogno e ricordo, mistero, magia; e non è disincanto quello che si prova, ma piuttosto l'inizio di un processo meraviglioso, quando un giorno li ritroveremo, carichi di splendore e ombra, di fuoco e della fredda cenere della realtà. Pamir, Hindu Kush, Karakorum: oggi non era per me diverso da quando nel passato, sul banco di scuola, mi rifiutavo testardamente di credere che i nomi che imparavo e leggevo sulla carta geografica potessero diventare reali prima di averli visti con i miei occhi, sfiorati con il mio respiro, toccati, per così dire, con mano"⁴

IV - I viaggi di Annemarie nel romanzo di Melania Mazzucco

Come si sa, i principali romanzi "biografici" della scrittrice Melania Mazzucco – e mi riferisco qui particolarmente a *Vita* e a *Lei così amata* – sono frutto di una minuziosa ricerca fattuale, politica e sociale che serve da background agli eventi da lei "romanzzati". Curiosamente, quest'ultimo viaggio in Oriente di Annemarie è stato riportato appena cronologicamente dalla Mazzucco, nelle ultime pagine di *Lei così amata*⁵. Sono stati, invece, trattati "letterariamente" gli altri viaggi di Annemarie in Oriente. Accompagnando le tappe di questi viaggi tali come descritte nella tesi di Sara Debenedetti *Formação e viagem: a vida de Annemarie Schwarzenbach no romance Lei così amata de Melania Mazzucco*⁶, esse si aprono con il viaggio in Persia di Annemarie ventottenne, accompagnata dalla madre a imbarcarsi

2 R. Perret, *La mia esistenza condannata all'esilio e all'avventura*, in A. Schwarzenbach, *La via per Kabul*, p.139-140.

3 R. Perret, *La mia esistenza condannata all'esilio e all'avventura*, p.143.

4 A. Schwarzenbach, *La via per Kabul*, p.51.

5 M.G. Mazzucco, *Lei così amata*, Rizzoli, Milano 2000.

6 S. Debenedetti, *Formação e viagem: a vida de Annemarie Schwarzenbach no romance Lei così amata de Melania Mazzucco*, Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2010.

a Trieste, diretta a Beirut per sposarsi con un diplomatico francese soprannominato “Claude” e si chiudono con il suo ritorno dopo questa sfortunata parentesi matrimoniale (che si riproporrà però più felicemente, con i due protagonisti già più maturi e provati dalla vita, verso la fine del libro, in Marocco).

Mentre si compie il viaggio in Libano, a Beirut, la narrativa retrocede al primo viaggio in Oriente fatto da Annemarie, che la induce a studiare archeologia. In seguito, dopo il secondo viaggio, lei torna in Oriente, questa volta in Persia, vicino a Teheran, dove lavora con un gruppo di archeologi e dove conosce Claude.

Traducendo da Sara Debenedetti: “La narrativa [di Mazzucco], che si svolge per i luoghi percorsi, visti e conosciuti, accompagna in parallelo i pensieri, le decisioni e le ambiguità di Annemarie – che si notano in tempi e luoghi diversi --fino all’accettazione della proposta di matrimonio di Claude; la narrativa ritorna alla cerimonia nuziale a Teheran e continua per i sei mesi seguenti, in cui i due sposi vivono insieme in Iran. Si tratta, essenzialmente, degli stessi spazi vissuti e percorsi in tempi e condizioni differenti...”⁷

V - Citando Mazzucco, sul matrimonio

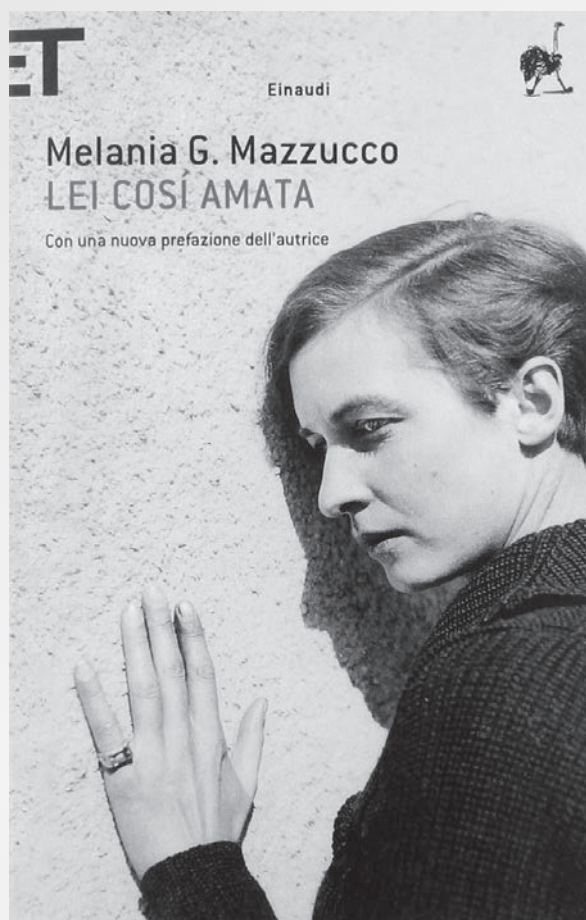
“Ma forse, in realtà, si aspetta perfino troppo : di vivere con qualcuno che la ama, e che non le sia troppo estraneo – che sia un uomo senza esserlo troppo, o in un modo che la spaventa - e che sappia darle stabilità. Ecco, se Claude riuscisse a darle questo, in un momento in cui le sembra di camminare sull’acqua, le avrebbe dato tutto. Eppure, va a lui, proprio sull’acqua, e sull’acqua, già in rada, oscillando al riflusso delle onde, l’aspetta il piroscifo”⁸

E ancora Mazzucco, sull’arrivo di Annemarie nella città di Baghdad:

“La favolosa città delle centomila moschee di Harun-al-Rashid era ridotta a una lunga strada maleodorante, da cui si levava un tanfo rancido di sudicime, grasso e spezie che finì per sostituire nei suoi ricordi il decantato profumo dell’Oriente. Eppure era anche una città babelica, caotica, un allegro disordine di carrozze e cammelli, taxi e bambini, asini, cani, fango. Nel bazar rigurgi-

tante di cianfrusaglie non trovò tuttavia da comprare nient’altro che un campanello”⁹

E qui, confrontando il passo della Mazzucco sulla città di Baghdad con la descrizione di una città in *La via per Kabul*:



7 S. Debenedetti, *Formação e viagem: a vida de Annemarie Schwarzenbach no romance Lei così amata de Melania Mazzucco*, p. 129.

8 M.G. Mazzucco, *Lei così amata*, p. 116-7.

9 M.G. Mazzucco, *Lei così amata*, p. 129.

“Abbiamo superato Mashhad. Dimentichiamo la città, le sue strade nuove e dritte e gli stretti vicoli coperti e semibui del bazar sui quali splende la cupola dorata della tomba dell’*iman* Reza, come una campana calata da un immobile cielo azzurro, simile a un astro fiammeggiante nel mezzogiorno. Dimentichiamo il blu immortale della moschea di Gohar Shad, la greve calura nei cortili che sembrano risuonare in un’armonia di colori e di forme. Dimentichiamo il buio e il fulgore degli specchi all’interno del sacrario, i lamenti e i pianti dei pellegrini estenuati, sciiti provenienti da ogni angolo dell’Asia, che hanno sognato per decenni di baciare le grate del sarcofago”.¹⁰

VI - L’Oriente di Annemarie, secondo Mazzucco

“Alla magnificenza del paesaggio si mescolavano troppe tensioni perché – anche nei giorni più spensierati dell’avventura – potesse illudersi di aver trovato la sua meta. L’Oriente non divenne mai per lei sogno, mito o destino. Era un mondo spietato, fatto di solitudine, in cui la condizione umana perde ogni orpello e si riduce alla sua più desolante essenza – cioè oppressione e menzo-

gna – ed esige in cambio la più profonda pazienza - che sarà comunque inutile”.¹¹

L’ultimo viaggio in Oriente, secondo Annemarie:

“La nostra vita assomiglia a un viaggio...’ e così il viaggio mi sembra, più che un’avventura e un’escursione in luoghi isoliti, un’immagine concentrata della nostra esistenza: residenti in una città, cittadini di un paese, vincolati a una posizione o a una classe sociale, apparteneti a una famiglia e a una stirpe, e legati agli obblighi di una professione, alle abitudini di una ‘vita quotidiana’ intessuta di tutte queste circostanze, ci sentiamo spesso fin troppo sicuri, crediamo di aver costruito la nostra dimora una volta per tutte, siamo facilmente portati a credere a una stabilità che agli uni rende problematico invecchiare, agli altri fa apparire catastrofico ogni cambiamento del mondo esterno. Dimentichiamo che si tratta del corso della vita, che la terra è in perpetuo movimento e che l’alta e la bassa marea, i terremoti e gli eventi lontani dalla nostra realtà visibile e tangibile toccano tutti: mendicanti, re, figure dello stesso grande gioco. Lo dimentichiamo, apparentemente per amore della pace della nostra anima, la quale però è costruita su granelli di sabbia”.¹²

Commenti

La differenza specifica che più cospicuamente si nota tra Annemarie, Roger e Melania riguarda il “tono” degli scritti: relativista nei primi due e decisamente pessimista in Melania. Inoltre, Schwarzenbach e Perret, in quanto giornalisti, tendono ad essere obiettivi e generalizzanti mentre Mazzucco, probabilmente per meglio aderire al carattere da lei creato di Annemarie, tende al soggettivo e ad una percezione personale della realtà descritta, che attribuisce alla protagonista del suo romanzo. Quanto alle somiglianze, si nota nei tre autori una tendenza alla liricità - forme di poesia in cui prevalgono, nei temi considerati, stati d’animo e una serie di figure retoriche come metafore, ipostasi e simboli che abbiamo sottolineato nei brani che sono serviti come esempio di comparazione.



¹⁰ A. Schwarzenbach, *La via per Kabul*, p. 41.

¹¹ M.G. Mazzucco, *Lei così amata*, p.136.

¹² A. Schwarzenbach, *La via per Kabul*, p. 31-2.



Il fossile vorticoso di Maria Grazia Calandrone

Patricia Peterle

1.

“L'amore chiede una risposta reale, è fatto di materia che incontra altra materia e si modifica” (*Giardino della gioia*, Maria Grazia Calandrone)

La poesia di Maria Grazia Calandrone fin da subito, fin dalle sue radici, si confronta con la tematica amorosa, mettendola in risalto tramite una tensione – o tensioni – e trasformandola, scuotendola, dislocandola addirittura a livelli più minuti, che attingono sia la forma sia la lingua. Tutto un percorso, avviato in particolare dai libri *Scimmia randagia* (Crocetti, 2003), *La macchina responsabile* (Crocetti, 2007), *Sulla bocca di tutti* (Crocetti, 2010), *Serie fossile* (Crocetti, 2015), *Gli scomparsi* (pordeonelegge, 2016), *Il bene morale* (2017) – titoli che parlano già di per sé –, che raggiunge un punto senz'altro di intensità nel volume *Giardino della gioia*

(2019) e, soprattutto, nella prosa poetica *Splendi come vita*, del 2021.

È dunque in una tale prospettiva che si possono leggere i versi scelti e messi in epigrafe a *Giardino della gioia*: “Siccome nasce / come poesia d'amore, questa poesia / è politica”. Versi che non smettono di evidenziare la contaminazione insita tra la sfera privata e quella pubblica, fra un dentro e un fuori; o ancora nelle parole di Jean-Luc Nancy:

L'amore è il nome della fine infinita secondo il buon infinito. In esso il compimento consiste non in una produzione ma in qualche modo nella riproduzione, nella ripetizione, ossia nella *ruminatio* di un incommensurabile: l'amore, precisamente, come assegnazione (attribuzione, attestazione, dichiarazione e anche creazione: bisognerebbe analizzare tutti questi modi) di un

valore assoluto – nemmeno «valente», in qualche modo, o valente di non essere valutabile.¹

Nei suoi movimenti poetici, anche pensando a quelli più formali di dilatazione e concentrazione massima del verso, il gesto di scrittura di Calandrone porta con sé un peso, un peso che è quello delle parole che evocano spazi, esperienze residue di ciò che si è, un passato che appartiene inesorabilmente al presente, e che ad ogni passo o moto non è e non può essere scartato, proprio perché frammenti, cocci, balbettii e visioni si accumulano.

La scrittura di ognuno credo attinga alla vita, ma soltanto per essere vera: come da un magazzino, per fare di sé un archivio disponibile di esperienza viva al servizio delle vite di altri e, meglio ancora, dell'interpretazione della storia e del mondo. Si usa la propria esperienza per comprendere. Non per questo un poeta è obbligato ad avere una vita avventurosa, l'esperienza si assume anche nel silenzio e nella solitudine. Ma un poeta è obbligato a osservare, a non lasciarsi sfuggire nulla, ad avere "attenzione", come diceva benissimo Giovanna Sicari. Perché la scrittura abbia minimamente senso credo che l'io dell'autore debba essere reso al suo stato zero, ovvero al suo stato di comunione umana e minerale.²



Trattasi pertanto di una poesia che non devia dai fantasmi o demoni che abitano in ognuno di noi, ma che si spinge negli angoli più riposti, fitti e oscuri, che guarda senza temere le minacce più intime, qualche volta spogliandole. Ne risulta una profonda ricerca antropologica, la quale diviene parte di una investigazione poetica, che non può tralasciare gli scontri e le tensioni insite nel complesso rapporto tra bene e male, a cui Calandrone dedica un'intensa riflessione (basta a pensare ai titoli di alcune sezioni del *Giardino della gioia* come "Intelletto d'amore" e "Il disamore"). In effetti, il suo attento e paziente sguardo allontana un rapporto dicotomico, poiché si tratta dei due lati di una stessa medaglia: chi stende la mano per fare del bene può anche, da un momento all'altro, provocare un irrimediabile male.

Dicono che questo dolore non ne voglia sapere di finire perché ha a che vedere con qualcosa che ti precedeva. Non è così. Tu esisti. E mi hai danneggiata. Sei tu ad aver compiuto contro di me la tua ostinata opera di rimozione.

Mi viene sempre in mente una ruspa gialla, con la benna larga, che allontana una massa di detriti. La massa di detriti è la mia vita, sono io in persona, che vengo spinta fuori dal giardino senza appello. Massa di gioia già concepita che viene espulsa. Tagliata fuori. Aborto. Ma ero viva. Madre-cesoia. Veleno Madre. Guardami. Tra il pozzo, le panchine e le file dei panni al sole da ritirare.³

Qual è allora la soglia ("magari non mi avesse mai abbracciata. Magari non mi avesse avvelenato il sangue")? Come si può intravederla? Domande alle quali non c'è una risposta, ma che portano alla luce una ferita, una ferita umana, inflitta dall'umano a se stesso e all'altro. Forse la coscienza delle proprie azioni può rappresentare un segnale d'allerta davanti all'abisso a cui tutti nel corso della vita siamo esposti. Poesia corposa, inquietante, perturbante, che gioca a diversi livelli con le strutture dello stesso poetico e che in certi momenti non smette di strizzare l'occhio alla prosa e alla cronaca, come testimoniano anche altri testi dell'ultima raccolta di

1 NANCY, Jean-Luc. *Sull'amore*. Trad. Matteo Bonazzi. Torino: Bollati Boringhieri, 2009, p. 33.

2 Intervista che fa parte della tesi di dottorato di ZORAT, Ambra. *La poesia femminile italiana dagli anni Settanta ad oggi. Percorsi di analisi testuale*. Università degli Studi di Trieste, Université Paris VI Sorbonne, 2009, p. 433.

3 CALANDRONE, Maria Grazia. "Magari non mi avesse mai abbracciata". *Giardino della gioia*. Milano, Mondadori, 2019, p. 103.



Calandrone, incentrati sulle figure di Mary Patrizio e di Pietro Maso; o ancora, se si vuole, la poesia scritta a partire dal crollo del ponte Morandi a Genova, nell'agosto del 2018.

Scrittura che in tal senso può essere vista addirittura come una lettura analogica del mondo, la quale non scarta il risentimento di fronte all'evento o, in altre parole, certa dignità a ciò che avviene al soggetto.⁴ Materia, materia corporea dunque che diventa essenziale a questa scrittura.⁵ In essa viene infatti identificata una fisicità nelle parole e, paradossalmente, c'è in esse anche un flusso, il cui magma plasma le lettere e gli spazi grigi della pagina. Se da un lato il linguaggio ha un suo carattere scivoloso, è appunto in esso che si trova la possibilità della costituzione di un soggetto; cioè, ogni volta che si ha

un discorso si ha la presenza di un soggetto, che si realizza a partire dal linguaggio in atto; l'"io" nella poesia di Calandrone si mostra singolare-plurale, visto che la sua esistenza dipende dal fuori e dall'altro(a). Non è allora semplicemente casuale che la prima sezione del *Giardino* si intitoli "Io sono gli altri" (che potrebbe essere anche intesa come una dichiarazione di poetica). Se c'è un compito per la poesia, in Calandrone, esso è forse quello di lasciare più visibili i nodi, i grovigli, i filamenti di quell'ordito – pieno di cesure, lacune, buchi – che viene intessuto dai rapporti tra gli esseri viventi e tra essi e quelli inanimati. È la stessa Calandrone a dirlo recentemente: "Il corpo della lingua è l'organismo vivo che si aggiunge al corpo del poeta, tradotto anch'esso in *verba* [...] tutta la lingua ha una vivacità fisica e

4 ANTONELLI, Marcelo. "Deleuze: três perspectivas sobre o niilismo". *Princípios: Revista de Filosofia*, v. 20, n. 34, 14 jul. 2015, pp. 253-270

5 A questo proposito si può ascoltare anche la testimonianza di Maria Grazia Calandrone rilasciata al progetto *Krisis - Tempos de Covid-19*, disponibile su: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/209564>. E poi anche in volume, PETERLE, Patricia; SANTURBANO, Andrea; DEGANI, Francisco; SALVADOR, Rossana. *Krisis - Tempos de Covid-19*, Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2020.



una irrefrenabile efficienza propulsiva. Il corpo del poeta sta in piedi sul carro in fiamme delle sue parole e, anche mentre lo governa – o forse soprattutto mentre doma i cavalli coi ferri della logica – patisce ferocemente l'emorragia razionale della nostalgia⁶. È una scrittura dunque che ha a che fare con i reperti sia della storia privata che collettiva, anzi l'una si mischia, o per meglio dire, penetra nell'altra, perché tutte e due parlano della condizione umana, dei nostri egoismi, dei nostri traumi, del nostro essere non-umano davanti agli altri esseri.

Il canto, se così lo si può chiamare qui, non si chiude mai in quel coriaceo io lirico di certa tradizione, si apre e cerca una condivisione possibile del *pathos*. Una dilatazione dell'io, che è anche una possibile risposta, una resistenza: un giardino che per essere della gioia deve aver a che fare con le scorie e le impurezze. Già Deleuze, alla fine degli anni '80, affermava in una sua conferenza che l'atto di creazione è anche un atto di resistenza, nella quale è insita anche resistenza nei confronti della condizione umana, perfino una certa vergogna.

Impara a fare le poesie come si fa il pane.

Impara a fare il superfluo [...]

Oltre, stanno le rocce e gli alberi, quiete entità respiranti che non appartengono a nessuno

e a niente di quanto si dissolve nell'atmosfera prima di toccare terra⁷

2.

“tra gli umani richiami dove spira il
sussurro degli animali”

(*Scimmia randagia*, Maria Grazia Calandrone)

Un libro che parte dal minerale, dal resto, dall'elemento residuale è *Serie fossile*, del 2015, che è dedicato all'amore, all'atto amoroso, alla preparazione all'amore, una promessa che non è un contratto, ma che indica di per sé un impegno affinché essa possa mantenersi viva. In queste pagine, l'amore appare anche come un rischio, ma i suoi attori non sono necessariamente identificabili, giacché esso si realizza nei versi attraverso la materia e i corpi (visibile e invisibile, organico e inorganico appaiono inestricabilmente connessi).⁸ A dirla tutta, *Serie fossile* è un libro contrassegnato dall'elemento dell'inquietante, dello scomodo, proprio per la sua capacità, da un lato, di “realismo” e, dall'altro, di un linguaggio che pare scappare e disfarsi nella lettura. È un libro geologico nella sua concretezza, in cui il termine “fossile” è presente fin dal titolo: ma che cos'è un fossile? È la presenza di qualcosa che non c'è; è la presenza di un incrocio di tempi – qualcosa di temporale e di anacronico –, è anche la presenza di una lingua poetica che a ogni attimo si indaga e non trascura il dialogo con la tradizione, nello stesso tempo in cui la scava e



6 GIALLORETO, Andrea (a cura). “Gli scrittori contemporanei e Dante”. In *Studi Medievali e Moderni*, 1-2, 2021, pp. 666-667.

7 CALANDRONE, Maria Grazia. “Strumenti”. *Giardino della gioia*, op. cit. p. 149.

8 Cf. NANCY, Jean-Luc. *M'ama, non m'ama*. Trad. Maria Chiara Bolocco. Torino: UTET, 2009.

la ibridizza contaminandola con il lessico scientifico, tecnico e con tanti altri linguaggi settoriali, portando l'operazione poetica a una tensione altissima. Fossile è rovina e ci parla rovinosamente:

© – fossile

metti una mano qui come una benda bianca,
chiudimi gli occhi,
colma la soglia di benedizioni, dopo che
sei passata attraverso
l'oro verde dell'iride
come un'ape regale
e – pagliuzza
su pagliuzza,
d'oro e grano trebbiato –
hai fatto di me
il tuo favo di luce

una costellazione di api ruota sul tiglio
con saggezza inumana, un vorticare di intelligenze
non si stacca
dall'albero del miele

– sarebbe riduttivo dire amore

questa necessità della natura –

mentre un vuoto anteriore rimargina
tra fiore e fiore senza lasciare traccia:

usa la bocca, sfilami dal cuore
il pungiglione d'oro,
la memoria di un lampo che ha bruciato la mia forma umana
in una qualche preistoria

dove i pazzi accarezzano le pietre come fossero teste
di bambini:

avvicinati, come la prima
tra le cose perdute
e quel volto si leva dalla pietra per sorridere ancora

24.5.13⁹

La maggior parte delle poesie di *Serie fossile* viene introdotta da una cifra (un geroglifico) seguita da una nomenclatura. Ciò forse può indicare la difficoltà che c'è nel trattare una tematica così complessa come quella amorosa, poiché è molto più facile parlare dei suoi effetti, dei sentimenti, dei rapimenti, delle affezioni e percezioni. Tutti i sensi affiorano e segnano in qualche modo l'epidermide, il corpo è comunque un mezzo (una medialità) e, al contempo, un residuo irriducibile.¹⁰ Non si spiega l'amore. Perciò leggere una poesia come "© - fossile" significa addentrarsi e scavare in una foresta, sia essa del linguaggio o delle esperienze fatte e trasfigurate ora sulla pagina. Corpo verbale e corpo della natura si mescolano come dice un verso-citazione di Antonella Anedda presente in *Serie fossile*: "per metà fuoco per metà abbandono".

La data messa in calce a questa ed altre poesie si riferisce all'indicazione di una cronologia, di una serie di fatti, ma allo stesso tempo diventa il contrappunto a una pre-storia, che è un tempo altro presente in questi versi. Un tempo appunto non misurabile, potenziale e non lineare. Tale fenomeno di ibridazione del tempo annuncia ancora un altro fenomeno: il carattere magmatico di questo linguaggio poetico che insegue



9 CALANDRONE, Maria Grazia. *Serie fossile*. Milano: Crocetti, 2015, p. 20.

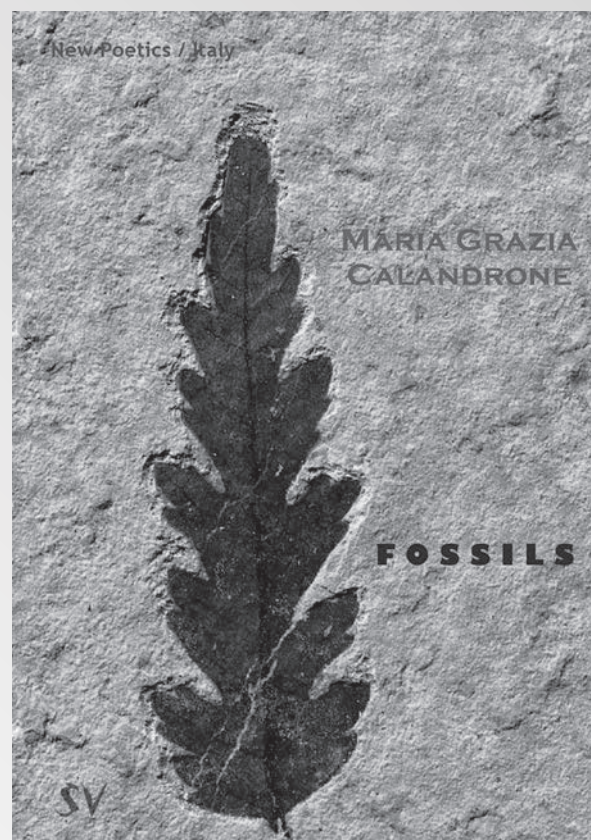
10 "Il corpo è lo strumento che si usa per scrivere. Scrivere comporta una fatica fisica dunque il corpo sta tecnicamente alla base della scrittura e abita in vari modi la mia poesia, generalmente come dettaglio, frammento organico, osso – o come corpo in amore. Anche il corpo delle cose è presente per intero, così come – io credo – la tramatura molto densa vorrebbe fare della poesia un oggetto quasi tangibile", CALANDRONE, Maria Grazia, in ZORAT, Ambra. *La poesia femminile italiana dagli anni settanta ad oggi. Percorsi di analisi testuale*, op. cit., p. 435.

un moto di condensazione ed espansione. L'assenza di una misura metrica più regolare e lo spalmarsi dei versi intaccando quasi la soglia fisica della pagina sono, senza dubbio, elementi formali che toccano il lettore e paiono definire un ritmo del tutto particolare di tutto un universo dal di dentro che si lascia intravedere soltanto nel suo *processo*, una logica analogica (presente nella voce interiore). I versi, i vari enjambement, certa dissonanza tra versi più lunghi e altri molto brevi concretizzano il tentativo di voler condensare sulla pagina questa voce forse scivolosa, "una voce che parla dal di dentro", più che una sfiducia vera e propria nel linguaggio, che ha per altri versi segnato certa produzione poetica. L'uso delle parentesi e dei trattini si configurano, ancora, come altre due risorse strutturali, accanto alla ripetizione – anch'essa presente in "© - fossile" –, che sottolineano ancora una volta l'importanza del flusso, della discontinuità, di una voce che si svincola dalla camicia di forza del linguaggio.

"chiudo gli occhi per vedere" è un verso di un'altra poesia, sempre di *Serie fossile*, ma quest'immagine si trova anche, appunto, all'inizio di "© - fossile", quando viene detto "metti una mano qui come una benda bianca, chiudimi gli occhi". Questo gesto iniziale-iniziatico è ciò che permette gli ulteriori movimenti della pagina, che viene usata come campo aperto in cui sono disseminate immagini e situazioni cariche, secondo Maurizio Cucchi¹¹, di virtualità vitali, come si può vedere anche dai disegni di Maria Grazia Calandrone¹², a partire appunto dai versi di questa poesia.



Il coprire gli occhi offre la possibilità del percorso tortuoso quando si passa per l'"oro verde dell'iride" (echi forse montaliani), che a sua volta si apre a tutto quello che viene dopo, fin dal riferimento biblico ("pagliuzza su pagliuzza"), con il grano, l'effervescenza della vita concretizzata nell'immagine delle api con tutta la loro "saggezza inumana" attorno al



tiglio, la memoria di un lampeggio, le pietre – l'elemento minerale così caro a questa scrittura – fino alle cose perse. Un percorso dunque vorticoso, per immagini, possibili flash, quando appunto non ci si vede; o meglio, proprio a partire dal momento in cui gli occhi sono stati coperti, si può vedere "tutto".

Cosa dire a questo punto su un fossile, oltre alla descrizione di come è e di come è stato ritrovato? Al fossile innanzitutto è inerente il gesto dello scavo. Esso è, certo, un'immagine, un'ingegnosa e potente analogia per poter trattare di ciò di cui è difficile parlare e di ciò di cui non si può smettere di pensare e parlare. C'è qui un ordito segnato da un'oltranza, il senso visto appunto come comunicazione delle significazioni. Fossile è anche resistenza, resistere al dolore senza essere annichilito/(a). Il linguaggio della poesia convive per forza con le vestigia di un passato lontano, ha a che fare con quello che è contingenziale, ricostruisce e cuce i pezzettini minuti a volte persi nello stesso linguaggio. E da tutto ciò si profila un particolare rapporto con il tempo, con la sua durata che, a sua volta, ci riporta alla memoria, alla natura e, soprattutto, alla relazione che viene stabilita con esse: cioè, un altro termometro della nostra presenza nel mondo.

¹¹ CUCCHI, Maurizio. "Tutto Libri". *La Stampa*, 14/2/2015.

¹² A questo proposito si veda anche il suo sito ufficiale: <https://www.mariagraziacalandrone.it>

Passaggio, passato, passante. Lo spazio nelle prime tre raccolte di Daria Menicanti

Valentina Russi

«La Daria è una vittoria dello spirito. Qualcosa di lei passa nella sua scrittura, segreto, come per tutti i veri poeti. Da sotto alla compostezza classica trapela – la compostezza s’incrina? – uno struggimento. Più in fondo si intravede qualche volta l’abisso¹».

Così Lalla Romano, nel brevissimo scritto che precede la raccolta del 1990 *Ultimo quarto*, tratteggia nel modo più sintetico e insieme più intimamente consapevole e partecipe l’essenza della parola menicantea. Tra i molti spunti suggeriti da questa pur scarna osservazione ho scelto di concentrarmi sulla parola «abisso» per la sua appartenenza a quella dimensione spaziale che mi è sembrata prepotentemente decisiva sin dal primo incontro con la lirica di Menicanti. Tale centralità emerge anche solo prendendo in considerazione i titoli delle prime tre raccolte. In *Città come* (1964) la brulicante dimensione urbana viene prima allusivamente circoscritta nella lirica *Il lago*, collocata in apertura della silloge in modo solo apparentemente paradossale («Conchiuso tuttavia come un anello,/ calmo, compiutamente/ perfetto, sé riassume dentro sé.// E non linee di fuga,/ non assenze socchiude il suo orizzonte,/ non impronte/ conserva nella livida lama, / ma estraneo ad ogni mutazione/ onda per onda si ripete/ identico eternamente/ come un dio che si pensa,/ come

un capolavoro/ che in perpetuo si inventa»); poi progressivamente incisa al suo interno, a costituire porzioni di realtà simili a schegge di vetro acuminate, che esauriscono l’intero senso dell’esperienza vissuta, nella loro adamantina icasticità. Ecco dunque il luogo dello smarrimento in *Via Pré* («Vo lungo il muro fresco/ delle grotte di una città/ [...] Sono qui per ognuno/ anonima, in fuga»); la semplice osservazione del trascorrere dell’esistenza in *Inverno al Bar Bozzi*; il ritaglio che inquadra la complice faticida danza con *Il ciccaiolo*:

Piccolo, rattoppato, un grigio figlio
del Sud, piegato ad arco,
raccatta cicche lungo il marciapiede
tra i tavoli del bar. – Buona fortuna,
compagno!

Ed io raccolgo
Vocali e consonanti sull’aria:
un ricciolo di fumo per scaldarci
questa mia solitudine

Lo spazio talvolta assume la fisionomia di un involucro che preserva dal fuori e contemporaneamente si lascia permeare da esso, in virtù di un ineludibile sentire («Mi chiedi come passo il tempo.

¹ L. Romano, *La mia grande amica*, in D. Menicanti, *Il concerto del grillo. L’opera poetica completa con tutte le poesie inedite*, a cura di B. Bonghi, F. Minazzi e S. Raffo, Mimesis, Milano-Udine, 2013, p. 611. Tutti i testi poetici citati sono tratti da questa edizione.

Come/ vivo quassù, lontana./ Mortalmente colpita/
da un triste amore per l'umanità/ corro traverso gli
anni/ verso una meta di silenzi»²), che può anche
travalicare la dimensione umana. Tra le molte po-
esie che hanno come protagonisti gli animali (con-
fluiranno nella raccolta del 1986 *Altri amici*), quella
dedicata al cane Osvaldo marca la mancata soluzio-
ne di continuità con la percezione delle esperienze
solitamente pertinenti agli uomini, in un affettuoso
rimpasto di natura e cultura in cui l'empatia finisce
per sovrastare l'onnipresente ironia:

Mi guarda con occhi di glicine
mesti struggenti
Osvaldo, cane bassotto,
lieve traccia sul libro di Natura.
Non risveglia i vicini con la gola
proterva, e, dalle tasse
esentato,
non grava sulle spese.
Osvaldo:
cane dabbene,
timida striscia di vita.

La «traccia» e la «striscia» sono i confini di quelle
porzioni di spazio cui si accennava in precedenza, ma
non costituiscono un privilegiato punto d'osserva-
zione in qualche modo marginale rispetto alla realtà
descritta: sono invece luoghi di passaggio, condivisi
coi i protagonisti stessi delle liriche («Tra due righe
di case sull'attenti/ passava in mezzo/ dritto, fisso.
Tutta/ la Terra era sua»³; «Tra le perdute andando/
un giorno ancora sé ritroverà/ sulla panchina tut-
ta nomi e cuori/ e frecce/ seduta ad aspettarsi/ da
un tempo infinito»⁴), o con la stessa parola poetica:
«Dopo tanto silenzio/ mi arriva di lontano/ festan-
te, fragorosa/ una banda di rime,/ di assonanze./
Le corro incontro/ felice/ fino sull'angolo»⁵. Trac-
ce, linee e angoli accolgono una presenza perpetua,
com'è esplicitamente dichiarato in *Lettera*:

Non sola, non mai proprio abbandonata
vivo in questa città:
anzi è facile farmi una cadenza

a tutte le cose qua attorno,
alberi, case... Le patisco a volte,
ma più spesso ne sono beata.
Siedo ed ascolto, tanti e così lievi
messaggi di cose mi attorniano
perpetuamente. E vivo
se non il mio
quel loro ritmo d'aria [...].

In *Viale dei Tigli* il tratteggio quasi anatomico
di cose e persone ne svela l'intima essenza d'om-
bra, che costituirà la cifra principale della seconda
raccolta: «Ma sul viale già è pace, già è scesa/ una
pallida rete infinita/ di sottili ombre elusive,/ di mi-
nuzie, di foglie sfiorite./ [...] E qui nei sonni/ ai liberi
covili/ voi, ricchezza di sante gradinate,/ clientela di
benefiche/ mense, signore dei vichi,/ gitanti clan-
destini,/ voi, compagni mendichi e vagabondi,/ la-
sciate i corpi mutili, i sospiri,/ gli sguardi trafitti,/
i pensieri senza pace». In *Un nero d'ombra* (1969)
la luce abbacinante di un'unica città, Milano, non la-
scia scampo nemmeno al corpo dell'autrice («il suo



2 *Epigramma* 4, p. 138.

3 *Tre epigrammi* – A Napoli, uno, p. 146.

4 *Tre epigrammi* – La «livornese», *ibid.*

5 Βίος ποιητικός, p. 151.

nero d'ombra, in questo caso, si configura proprio come "l'ombra di un corpo umano che cammina al sole"⁶), come si avverte distintamente nella lirica di apertura: «Rosee pei muri con la sera balzano/ ad una ad una tutte le finestre. Passo/ di fretta come un ricordo elusivo:/ sul marciapiede un nero d'ombra»⁷. La percezione di sé stessa come ombra tra le ombre è determinata dall'elemento di maggiore discontinuità rispetto alla prima raccolta, consistente nella comparsa di un *tu* noto che immancabilmente diventa un *noi* nelle consuete porzioni di spazio («Milano tuona, volano/ foglie. Le strade allagate/ mulinano alle svolte./ Entro cappucci/ di carta di giornale ci mettiamo/ a correre anche noi ridendo/ aguzzi/ come due maghi»⁸) e nei più tradizionali luoghi di passaggio (« - Quanto tempo - dirai. E ci sarà/ odore di treni, di fritto/ e una piuma di vento marino/ già all'Uscita. Sugli agri giardinetti/ della Stazione tornerà la luna./ - Come va - chiederai. Da un indomato/ vecchio spiccio poema d'amore/ sorriderti sarà meraviglioso:/ - Bene, quando ti vedo»⁹). La familiarità con l'altro attiva una sorta di corto circuito tra il passaggio, incessantemente colto nel suo farsi in *Città come*, e il passato, determinando la potente irruzione della dimensione temporale:

Non ho calmi ricordi d'amore
se non di te e se sogno mi ritrovo
bras dessus bras dessous
tra i carretti e le tende d'un verziere,
le mostre d'arte, i broli
o in vetta a scalinate e belvedere.
Se sogno - a volte capita - io sogno
d'un passato non ancora passato
queste cose con te¹⁰

L'explicit consente di comprendere che il passato, in quanto connesso al passaggio, non è esaurito né collocato in una linearità che lo rende rievocabile, ma risulta come cristallizzato nelle medesime strisce spaziali

(«Solo/ questo: di cose perdute/ un'ombra posso darti oggi»¹¹), nello stesso luogo degli incontri che diventa paesaggio: «Quest'amabile nebbia. Che copriva/ di sé il più amore di tutti gli amori/ indietro mi risucchia a paesaggi/ interiori/ dolcissimi e feroci»¹². Anche quando l'altro è irrimediabilmente perduto il trascorso si riversa sul presente, come risulta evidente dal passato prossimo - attivamente operante - che emerge prepotente dopo la sequenza degli imperfetti e l'irruzione traumatica del passato remoto nei versi finali de *La mamma*:

Lei custodiva le mie frasi sciocche.
Lei celebrava. Dentro lei inverdivo
perpetuamente. Per i suoi ricordi
continuavano i miei pazzi galoppi:
raggiava come un sole disegnato
la domenica eterna dell'infanzia.
Quando morì prese con sé le stesse
radici di quel mondo mai maturo.
Da allora sono diventata adulta.
Vecchia, via. Non temiamo le parole.

In questa dimensione spazio-temporale così compressa, così eternamente presente a sé stessa, è talora possibile reperire un'esile idea di futuro, anch'essa tuttavia priva di autonomia rispetto all'irriducibile urgenza dell'*hic et nunc* e alla sempre avvertita sostanza del passato: «Non so. Mi chiedo quanto può durare/ questa mia vita e intanto mi innamoro/ d'ogni cosa e ne seguo con le dita/ i contorni e mi specchio nei colori./ Così sono felice di ciascuno, di costoro con cui sorrido e parlo/ di costoro per cui vivo e mi abbandono./ E intanto da ogni cosa e da ciascuno/ giorno per giorno mi vo congedando»¹³.

In *Poesie per un passante* (1978) il participio presente del titolo si configura come una sorta di risarcimento per quella che invece è una perdita definitiva, un passato che non può più essere permeato dal presente: la morte di Giulio Preti - prima marito e poi relazione privilegiata per Menicanti. I consueti spazi non sono più condivisibili come nelle raccolte

6 F. Minazzi, *Sul bios poietikòs illuminista del grillo*, in D. Menicanti, *Il concerto del grillo. L'opera poetica completa con tutte le poesie inedite*, p. 42. Il virgolettato interno riporta le parole dell'autrice stessa durante un'intervista.

7 *Rosee pei muri*, p. 195.

8 *Acquazzone*, p. 215.

9 *Genova P. P.*, p. 285.

10 *Non ho*, p. 306.

11 *Solo questo*, p. 213.

12 *Ponte coperto*, p. 254.

13 *Non so*, p. 331.



precedenti, per la presenza di un'invisibile barriera che separa la poeta non solo da chi è effettivamente scomparso, ma anche da quella folla di cose e persone vivacemente onnipresente fino a quel momento, come se egli fosse diventato quelle stesse cose o persone: «Lontano in qualche parte/ della città anche tu mi stai cercando/ smaniosamente. Io non so chi, non so/ il nome. Ma ti aspetto/ in febbre e sudori»¹⁴.

La ricerca, nel suo inevitabile fallimento, può farsi spasmodica e angosciata, esporsi all'abisso, come in *Al castello* - che sembra riprendere a tinte cupe il Palazzeschi di *Lanterna*, tanto per l'ambientazione quanto per l'uso insistito dell'anfibraco:

Più alto più grande del vero
 trascorre la stanza dell'armi
 le sale di rappresentanza:
 m'insegue gemendo con volto famelico
 e oltre il mantello - mi volto a guardare - gli vedo
 passare la luna, le stelle passare, il telaio
 in croce di lunghe finestre -

¹⁴ *Per un passante*, p. 349.

¹⁵ *Da ieri da sempre*, p. 380.

¹⁶ *Poeta*, p. 393.

¹⁷ *Se*, p. 423.

per tutta la notte piangendo mi sento cercare.
 Poi il sole col cùpido raggio cancella e lo inghiotte

Il senso di lontananza ed estraneità coinvolge, come si diceva, anche chi prima veniva percepito in modo solidale e complice determinando, di fatto, l'isolamento e la solitudine: «Da ieri da sempre da quando/ rappresento una parte nella vita/ (vaga incomprendibile parte/ come quei personaggi minori/ che nei lunghi romanzi non si sa/ mai bene come vadano a finire)/ da sempre da allora/ io vo inseguendo qualcuno o qualcosa/ che non vuole saperne di me»¹⁵. La conseguenza, per quanto concerne la dimensione spaziale, è che lo sguardo sul mondo muove ora da un luogo separato (un ritaglio nel ritaglio), dal quale non si può o non si vuole uscire perché garantisce una qualche forma di serenità: «In giro me ne vado come un cirro/ silenzioso color ombra. Mi piace/ stare alto sui tetti a galleggiare/ guardando. Io mi sento il palloncino/ fuggito dal suo grappolo: una cosa/ ironica leggera e all'apparenza/ felice»¹⁶.

Il recupero dell'ironia e lo spostamento (esiguo ma determinante) del punto d'osservazione consentono finalmente a Menicanti di recuperare quella consapevolezza delle proprie potenzialità e delle proprie qualità umane in virtù delle quali il passato torna ad essere passante:

E qui ritrovo quel mio divenire
 infinito con tutta l'altra terra
 e la saggezza ironica: sapere
 d'essere insostituibile sempre.
 - Se questo, dico all'improvviso, questo
 fosse il mio ultimo giorno -
 E subito di tutto m'innamoro
 tanto ogni cosa mi risembra bella
 nella sua fuga, ogni spiro, ogni insetto.
 E quel tuo viso stesso
 - che ieri non riuscivo più a vedere -
 ecco ridiventarmi fiore e festa.
 O vita, o cara mia felicità.
 Mi sento nuovamente buia e calda
 come una linfa di pianta nel sole,
 come una cosa amata¹⁷

Poesia delle donne, poesia in traduzione, progetto Trilingue. *Il Canzoniere per Giulio* di Daria Menicanti

Lucia Wataghin e Silvia Cattoni

Da circa un anno è in corso un progetto Trilingue, dedicato alla traduzione di poesia femminile italiana in portoghese e spagnolo, grazie all'impegno di docenti e traduttori di due università brasiliane (USP e UFSC), una argentina (Córdoba), una italiana (Università degli Studi dell'Insubria) e della casa editrice romana Valore Italiano. Rivolta alla "poesia femminile", l'iniziativa ripropone una questione già lungamente dibattuta, ovvero se è opportuno e se è utile, dal punto di vista delle donne, distinguere, discriminare, cercare qualità specifiche, differenti, della scrittura femminile rispetto a quella maschile.

L'espressione "scrittura femminile" è stata usata in senso dispregiativo, per indicare sentimentalismo, patetismo, intimismo, autoreferenzialità, estraneità alla storia, scarso dominio degli strumenti formali. Contestata e respinta da Elsa Morante, Armanda Guiducci, Natalia Ginzburg, Amelia Rosselli – per fare solo alcuni nomi –, l'idea della scrittura "femminile" si è riaffermata oggi nell'uso normale, in manuali, antologie, articoli e studi, ma resta aperta la questione delle possibili descrizioni di una specificità "femminile" in letteratura. Questionari¹ rivolti a donne che scrivono hanno rivelato una varietà di opinioni in merito. Molte negano che una specificità "femminile" nella scrittura possa essere definita e identificata,

ma molte altre hanno risposto di sì, che una specificità femminile esiste, che la scrittura femminile è più "aderente (...) a qualcosa che possa essere toccato, alle cose reali" e che c'è una "temperatura un pochino più alta e corporale nella poesia delle donne" (Maria Grazia Calandrone), o che essa è "aderente al proprio stato. Alla propria condizione" (Ida Travi), o ancora, vedono "una maggiore adesione (rispetto a quella maschile) al vero" (Aldina De Stefano). Secondo Florinda Fusco, si può parlare di una specificità femminile, perché "la poesia è in gran parte qualcosa di biologico e di pulsionale e il corpo e la psiche della donna hanno caratteristiche diverse da quelli di un uomo. Per cui perché non bisognerebbe parlare di specificità della scrittura femminile?" Anche Amelia Rosselli, questionata negli anni Settanta da Biancamaria Frabotta, aveva prospettato, *en passant*, l'idea di una differenza biologica, addirittura chimica, fra scrittura femminile e scrittura maschile:

Che esista una differenziazione linguistica femminile è da sospettarsi, sia essa da quarto mondo o biologica, addirittura in origine anche se rimane da studiarci in campo sperimentale, secondo me. Che la donna imiti l'uomo nello scrivere è ovvio, e forse un suo rintracciare forme artistiche

¹ Ci riferiamo anzitutto all'ottimo, prezioso "Questionario su donne e poesia", che interroga 20 poetesse contemporanee, in Ambra Zorat, *La poesia femminile italiana dagli anni Settanta a oggi. Percorsi di analisi testuale*. Tesi di Dottorato, Paris IV Sorbonne e Università degli Studi di Trieste, 2009. Ricordiamo tra gli altri questionari citati da Ambra, "Inchiesta poetica", a cura di Biancamaria Frabotta, in *Donne in poesia: antologia della poesia femminile in Italia dal dopoguerra a oggi*, Savelli, Roma 1976, che inaugura o consolida vigorosamente negli studi femministi il ricorso a questo strumento.

sue originarie o perfino chimicamente più sue resta problema aperto. Ma se la donna ne è conscia, il suo scrivere si fa davvero più laborioso!²

L'ipotesi è per ora indimostrabile e per certi aspetti pericolosa, ma indicativa di come agisce in profondità e come è intensa la percezione, dalla parte delle donne, della differenza della condizione femminile da quella maschile.

La nostra proposta *trilingue*, di traduzione e divulgazione di poesia scritta da donne, parte dal presupposto dell'esistenza di una specificità, legata al tipo di problemi affrontati dalla donna in quanto donna, a una condizione di partenza, biologica e sociale, comune a tutte le donne, anche se diversa nelle sue sfaccettature.

Nel vasto universo della poesia italiana, genere di estesa e prestigiosa tradizione, che ha codificato il femminile come oggetto poetico e musa ispiratrice, la conquista della propria voce rappresenta per le donne tuttora un'ardua impresa.³ Ma la donna, sebbene sia stata per secoli in una situazione di inferiorità rispetto agli uomini, in questa condizione di sottomissione ha potuto arricchire il suo mondo interiore affermando una profondità psicologica che le ha permesso di creare una poesia ricca di sfumature che illuminano la sua condizione vissuta in prima persona. In questo senso la poesia femminile costituisce una forma di scrittura riconoscibile, con una singolarità che si afferma nella poesia del Novecento italiano caratterizzato dall'egemonia della voce maschile.

Daria Menicanti e Antonia Pozzi.

La linea lombarda.

Le due autrici scelte per inaugurare il progetto *Trilingue*, Daria Menicanti e Antonia Pozzi, sono state due voci isolate nella poesia italiana del Novecento, che hanno ricevuto poca attenzione dagli editori e poco o pochissimo spazio nelle antologie di poesia. Antonia Pozzi, nata nel 1912, morta suicida nel 1938, è autrice di un solo libro, che fu pubblicato nel 1939, postumo, in una edizione privata (ma Mondadori), curata dal padre. Daria Menicanti



(1914-1995) ha pubblicato tre libri per Mondadori (l'ultimo nel 1978) e la sua poesia è rimasta poi nell'ombra per decenni fino alla pubblicazione dell'antologia a cura di Matteo Vecchio (Giuliano Ladolfi Editore, 2011) e finalmente delle opere complete, nel 2013, per l'editore Centro Internazionale Insubrico-Mimesis. Se si può misurare anche solo approssimativamente la stima goduta da un poeta nel suo secolo (e dopo) a partire dalla sua presenza nelle antologie, osserviamo che su 70 antologie di poesia italiana contemporanea, in una lista che va dal 1943 al 2008⁴, solo 5 riportano testi di Antonia Pozzi, e 3 riportano testi di Daria Menicanti. Eppure entrambe, quasi coetanee, appartengono a un ambiente culturale di peso, come fu il gruppo di Antonio Banfi, conosciuto in filosofia come *scuola di Milano*, nato negli anni Trenta, e a cui partecipano altri intellettuali, tra cui Vittorio Sereni, Enzo Paci, Remo Cantoni, Luciano Anceschi, Giulio Preti, Maria Adalgisa Denti, che scoprirono la possibilità di andare oltre le imposizioni culturali celebrate da una parte importante della società dell'epoca, che aveva normalizzato il nazionalismo e la violenza sua pro-

² Tutte le citazioni sono tratte dal "Questionario su donne e poesia", a cura di Ambra Zorat, pp. 428-505, eccetto l'ultima, la risposta di Amelia Rosselli al questionario di Biancamaria Frabotta, del 1976, in Ambra Zorat, *La poesia femminile italiana dagli anni Settanta a oggi*, p. 15.

³ Si propone un'altra questione non risolta, quando osserviamo come il canone italiano nel Novecento è stato più generoso con le narratrici che con le poetesse. Sarebbe utile investigare a fondo le radici di tale divario in rapporto al particolare prestigio della poesia nel panorama della letteratura italiana.

⁴ Ambra Zorat, "Appendice I: Antologie di poesia contemporanea pubblicate in Italia" in *La poesia femminile italiana dagli anni Settanta a oggi*, pp. 408-419. Non entrano in questo conto le antologie di poesia esclusivamente femminile.

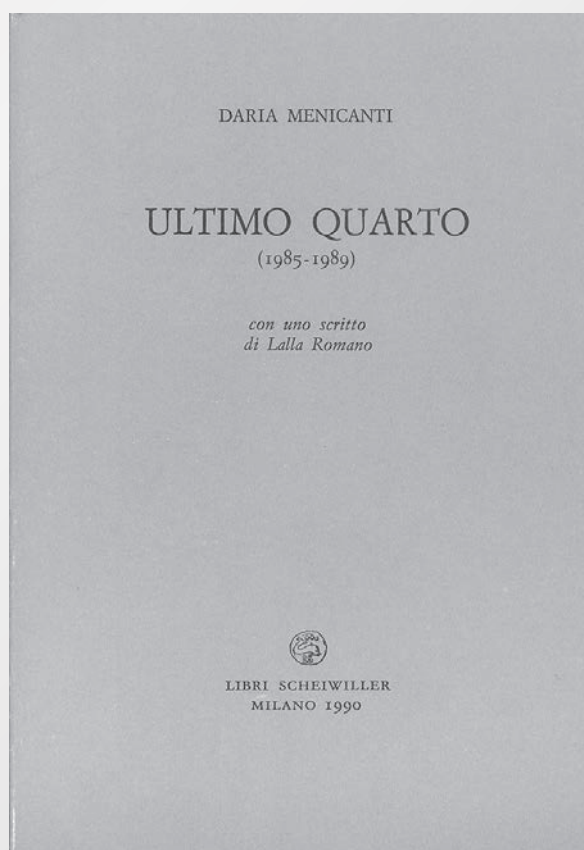
pria. Per Antonio Banfi, il razionalismo critico non poteva prescindere dall'estetica e dal vincolo sintetizzato da Thomas Mann nella formula arte/vita (Geist-Leben), il che favorì, nella scuola di Milano, una prassi originale e autonoma. La "poetica degli oggetti" di Sereni, la volontà di Antonia Pozzi di dare nome alle cose più semplici ed essenziali, l'evidente impronta cognoscitiva che Menicanti dà ai suoi versi costituiscono una declinazione del razionalismo critico coltivato nel cenacolo banfiano.

Fu Luciano Anceschi a individuare nella sua antologia *Linea lombarda* (1952) gli aspetti di quella tradizione filosofica nello stile poetico. Dante Isella e Giorgio Luzzi hanno continuato le antologizzazioni della poesia lombarda⁵. È fondamentale nel gruppo la presenza di Vittorio Sereni, poeta e editore, una delle voci più importanti del Novecento, che riconosce nelle amiche e sodali, Daria e Antonia, capacità espressive degne di attenzione e divulgazione. Tuttavia nessuna delle raccolte poetiche vincolate alla linea lombarda concede spazio né a Daria e Antonia, il che è certo un'omissione significativa. E se proprio si vuole parlare di poesia "lombarda", non tanto nel senso dell'appartenenza a una "scuola" di poesia, ma nel senso del vincolo poesia/ regione, ricordiamo che nella poesia di Antonia e Daria luoghi lombardi sono protagonisti in primo piano: campagne e montagne lombarde in Antonia Pozzi, città lombarde, Milano e Pavia, in Daria Menicanti.

A queste due poetesse lombarde, di nascita o di adozione, dedichiamo i primi due volumi del progetto Trilingue. Il primo, di cui presenteremo qui qualche poesia, è il *Canzoniere per Giulio*, di Daria Menicanti, pubblicato per la prima volta, postumo, nel 2004 e in corso di stampa adesso, in traduzione bilingue, italiano-spagnolo di Cattoni e Colella, e italiano-portoghese di Wataghin e Peterle. Si tratta in origine di un'operazione editoriale che riunisce componimenti (non tutti) che raccontano la vita di Daria con il marito, l'eminente filosofo Giulio Preti – *Vita con Giulio* è anche il titolo di un testo in prosa di Daria Menicanti, anche questo contenuto, in versione trilingue, nel volumetto di prossima pubblicazione per l'editore Valo-

re Italiano. Sono in tutto 27 componimenti, tratti da un vasto repertorio di poesia dedicata a svariati argomenti. Brevità, leggerezza, pacatezza, ironia sono costanti in questa poesia, nella quale si distingue l'argomento amoroso articolato con il sentimento della vita che scorre, gli spazi urbani che la segnano, i vari animali che costituiscono una sorta di vasto, affettuoso e disincantato bestiario. Una poesia che ricerca, come scrisse Vittorio Sereni nel 1964, uno "spazio ordinato e familiare, ovvio persino"⁶, e celebra in tono semplice e pacato quelle che chiama "le nostre care cose"⁷, dichiarazione di anti-ermetico diritto – radicalizziamo l'osservazione di Sereni – all'ovvio, alla ripresa senza timori di ciò che è comune, semplice, detto spesso, non ricercato, non originale.

Anti-ermetica, anti-sperimentale, fuori da scuole, ideologie e correnti, la poesia di Daria si esplica in "modi (...) estremamente semplici" (Solmi)⁸ e sempre sorvegliati, formalmente composti, misurati da una rigorosa formazione classica. Sereni, nella scheda editoriale per il libro *Nero d'ombra* (1969), la acco-



5 Tali antologizzazioni hanno stimolato altre indagini di Dante Isella, *I lombardi in rivolta. Da Carlo Maria Maggi a Carlo Emilio Gadda*, del 1984, e di Giorgio Luzzi, con il saggio *Poeti della Linea Lombarda* (1987) e il volume *Poesia italiana 1941-1988: La via lombarda* (1989).

6 Vittorio Sereni, "Scheda editoriale" per *Città come*, ora in Daria Menicanti, *Il concerto del grillo. L'opera poetica completa con tutte le poesie inedite*, a cura di Brigida Bonghi, Fabio Minazzi e Silvio Raffo. Milano-Udine, Mimesis Edizioni, 2013, p. 102.

7 Nella poesia *Città e città*, l'ultima della raccolta *Ferragosto*. In Daria Menicanti, *Il concerto del Grillo*, p. 607.

8 Sergio Solmi, quarta di copertina, firmata, di *Poesie per un passante*, ora in Daria Menicanti, *Il concerto del Grillo*, p. 348.

stò a Saba e Penna, ma Daria dirà⁹ che si riconosce in altre radici, e ricorda piuttosto le sue accanite letture dei poeti classici greci e latini e, più in generale, di autori delle letterature europee e americane. La predilezione per la forma epigrammatica – condensata, concisa e specialmente confacente al temperamento realistico e sdrammatizzante di Daria –, che è prevalente in tutta la sua poesia e che ricorda soprattutto Penna, è da ricondurre agli epigrammatici greci e latini, soprattutto Marziale, secondo Silvio Raffo¹⁰. Ma non è il Marziale più noto – aggiunge Raffo – acido e corrosivo, ma quello più affabile e colloquiale degli *Xenia* e gli *Apophoreta*. Il colloquiale, la tendenza della poesia alla prosa, quasi teatrale, sono punti di forza di Daria; certi suoi dialoghi brevi, eleganti e arguti, con chiuse leggere e ironiche, precorrono voci forti della contemporaneità, come Patrizia Cavalli. Un esempio, un incontro alla stazione, in un bellissimo quadretto genovese, molto opportunamente incluso da Stefano Verdino nella sua raccolta *Genova in versi*:

Genova P. P.

– Quanto tempo – dirai.
E ci sarà odore di treni, di fritto
e una piuma di vento marino già all'Uscita.
Sugli agri giardinetti della Stazione tornerà la luna.
– Come va – chiederai. Da un indomato
vecchio spiccio poema d'amore
sorridermi sarà meraviglioso:
– Bene, quando ti vedo.

La città è uno dei grandi temi della poesia di Daria: Milano, Pavia, Genova, Viareggio, Firenze, Venezia, un orizzonte ostinatamente familiare e domestico, esplorato nei dettagli, sempre legato all'esperienza vissuta, paesaggi urbani o quadretti di vita quotidiana, malinconici o beffardi, con auto-ironia a volte sorprendente e crudele. Lalla Romano definisce "sapienziale"¹¹ l'ironia che corregge costantemente le osservazioni di Daria, e la esemplifica con versi della *Canzone di congedo*, un autoritratto lucido e caustico, buon esempio dell'azione di quel "senno" sul modo di vivere e di scrivere:

e poi mi ritorna il senno –
o, è lo stesso – il buon gusto
che mi rifà commedia:
correre avanti sanguinando il piano
ma cordiale e ciarliera

L'autoritratto di Daria oscilla tra i richiami del "buon senso lombardo" e popolare (*Lavori in corso*) o del "senno" – la volontà di tenere sempre a mente le giuste proporzioni di uomini donne e cose – e l'aspirazione, al contrario, di leggerezza. Da una parte, l'antisublime (per esempio l'arguta risposta di Daria alla luce del sole autunnale, la sua "fiammelletta di cerino", *Di cerino*), o una tendenza a tenersi "rasoterra", come voleva Saba, con punte in cui l'abbassamento tocca l'automortificazione, e il francamente umoristico (il consumo di un'"aurea bistecca", impedito da una telefonata importuna, *Scherzo I (Epicedio per una bistecca)*); dall'altra la voglia di staccarsi dalla terra e liberarsi da ogni peso. Come Saba, Menicanti mette a fuoco l'opposizione peso/leggerezza, terra e cielo.

Poeta

In giro me ne vado come un cirro
silenzioso color ombra.
Mi piace stare alto sui tetti a galleggiare
guardando. Io mi sento il palloncino
fuggito dal suo grappolo: una cosa
ironica leggera e all'apparenza
felice

(da *Poesie per un passante*)

Tra le molte e spesso riuscite immagini di città ne scegliamo una fuori dall'esperienza concreta, *Città e città*, in cui la città e le "care cose" in essa contenute diventano leggere, alate e trasparenti, "ali silenzio lampi", oggetto di un sogno. Leggerezza, malinconia e un altro tema ricorrente in Daria: un dichiarato, rassegnato ottimismo, la riconoscenza per ciò che dopotutto ci tocca di buono in questo mondo, che le regala momenti di pace della mente, appena velati, questa volta, da una lieve, enigmatica ironia:

9 Daria Menicanti, "A proposito di Ferragosto", in *Il concerto del Grillo*, p. 769.

10 Silvio Raffo, "Il concerto del Grillo", in Daria Menicanti, *Il concerto del Grillo*, p. 88.

11 Lalla Romano, "Il congedo di Daria Menicanti. Poesia fuori moda." in *Corriere della Sera*, 20/01/1995, ora in Daria Menicanti, *Il concerto del Grillo*, p. 771.

DARIA MENICANTI
UN NERO D'OMBRA

ARNOLDO
MONDADORI
EDITORE

Città e città

Tra scampoli neri di sogni
nell'ora più sontuosa della notte
mi si fa incontro una mai prima vista
città di case sospese di alati
bambini e di gente trasparente.
Treni di luce, bus color aurora
fanno cangianti le strade e i raccordi
e lunghi fiori notturni salendo planando
inventano giardini in perpetuo volanti.
Dopo le nostre allora mi conforto
altre ci sono città come queste:
ali silenzio lampi.
Saranno esse a ospitarci, noi
e le nostre care cose

(da *Ferragosto*)

Non deve mancare in questa rapida presentazione un accenno alla curiosità enciclopedica (non per niente Daria si è definita razionalista e illumi-

nista)¹² per gli animali, che popolano, letteralmente a centinaia, la sua poesia; animali soprattutto reali, ma anche mitici (la chimera, il grifone, il drago...), figure che illustrano personalità e comportamenti, desideri, conflitti, situazioni e che Daria riunì, in parte, nel bestiario *Altri amici* (Forum, 1986), e un accenno all'identificazione Daria/grillo, che dà il titolo all'opera completa *Il concerto del Grillo*: Grillo era il nomignolo familiare di Daria, ed è una firma antisentimentale, autoironica, che sottolinea il disincantamento della poeta e apre la via al comico.

Canzoniere per Giulio. Poesie in tre lingue.

Razionale e avverso al patetismo – Daria è un “cuore di ferro”, secondo una sua ironica auto-definizione –, il *Canzoniere per Giulio* è segnato dall'umorismo e dall'autoironia. Composto da poesie tratte da 4 raccolte, *Città come* (1964), *Un nero d'ombra* (1969), *Poesie per un passante* (1978), *Ferragosto* (1986), disposte in ordine cronologico, racconta momenti di un intenso rapporto amoroso, decantato a distanza di anni, per anni, in momenti diversi, ricordato e ripensato molto oltre la fine del matrimonio (1937-1954) e la morte di Giulio (1972). Delle quattro raccolte, una, *Poesie per un passante*, già era dedicata a Giulio Preti: è lui il passante, in senso filosofico, colui che “è passato e se ne è andato”¹³, scomparso e definitivamente perduto, ma anche superficialmente conosciuto o del tutto sconosciuto, in quanto passante, e l'eco baudelairiana aggiunge profondità di contrasti alla curiosa dedica all'ex-marito.

I tre esempi che abbiamo scelto come saggi di traduzione e invito alla lettura del *Canzoniere* rientrano nell'ordine più del comico che del malinconico; rappresentativi di una personalità che non nasconde dolore, delusione, risentimento, senso tragico della vita, ma ne controlla l'espressione con rigoroso orgoglio.

È umoristico, quasi caricaturale, il ritratto del *Cacodemone*, memore dell'amicizia di Sereni (fu lui a denominare così il marito di Daria), disegnato come un cartone animato; il personaggio disegnato è il famoso marito, il filosofo Giulio Preti, ma il ritmo colloquiale, dialogato, riconduce subito e con sicurezza

12 In “Il fertile dubbio del Grillo”, Colloquio con Daria Menicanti a cura di Fabio Minazzi, in Daria Menicanti, *Il concerto del Grillo*, p. 779.

13 Fabio Minazzi, “Sul bios poietikós illuminista del grillo”, in Daria Menicanti, *Il concerto del Grillo*, p. 42.

il racconto a Daria e all'eterno contrasto tra desiderio e realtà, ideale e concreto.

Più mesta, velata e sottile l'immagine del "maturo colombo", il vanesio, – è sempre il marito – che non ha che da scegliere fra le debuttanti (*Colombo*); il tema è ripreso in una delle ultime poesie del canzoniere, *Freschi pispigli*, in cui la ricchezza delle espressioni del quotidiano, quasi popolare, l'acredine dello sguardo che penetra nell'intimo dell'altro e rivela se stesso compongono con autentica forza

comica uno dei tanti gustosi quadretti del canzoniere che raccontano un rapporto coniugale rivisto nel tempo, via via con arguzia, risentimento, pazienza, benevolenza.

Del resto la malinconia percorre tutto il *Canzoniere per Giulio*, che contiene anche toni alti e elegiaci, seri e gravi, ma è dominato dal dubbio, dall'ironia, dalla sempre vigile tendenza all'abbassamento – come lo sono in genere le cose migliori nella poesia di Daria Menicanti.

<i>Il cacodémone</i>	O <i>cacodemônio</i>	<i>El cacodemon</i>
<p>Venendo giù da Por' Santa Maria magro anzi aereo insomma: idealizzato incontro mi procede allegro remigando con le braccia fra turbini turchini di tabacco harrarino gaulois il mio famoso consorte. Precisa composizione astratta a parallele a triangoli avari, se lo chiedi l'epoca è il Novecento, la corrente: Informali, il colore: nero blu.</p> <p>Fa sera e c'è un sospiro di luna sopra i magici forzieri di Ponte Vecchio. – Ce ne andiamo in centro a prenderci un caffè? Non tira vento ed aderiamo tutti e due alla terra sicuramente.</p> <p>Firenze, 1963-1964</p>	<p>Descendo a Rua Por' Santa Maria magro aliás aéreo enfim: idealizado vem ao meu encontro alegre esvoaçando com os braços entre turbilhões turqueses de tabaco harrarino gaulois meu famoso consorte. Precisa composição abstrata em paralelas com triângulos avaros, se perguntas a época é o Novecentos, a corrente: Informais, a cor: negro-azul.</p> <p>É noite e há um suspiro de lua sobre os mágicos cofres do Ponte Vecchio. – Vamos até o centro tomar um café? Não tem vento e aderimos os dois à terra seguramente.</p> <p>Florença, 1963-1964</p> <p>[trad. Lucia Wataghin e Patricia Peterle]</p>	<p>Bajando Por' Santa María delgado más bien etéreo o sea: idealizado hacia mí avanza alegre gesticulando con los brazos entre vórtices turquesas de tabaco gaulois harrarino mi famoso consorte. Precisa composición abstracta de paralelos triángulos avaros, si lo preguntas la época es el siglo XX, la corriente: Informales, il color: negro azul.</p> <p>Anochece y hay un suspiro de luna sobre los mágicos cofres del Ponte Vecchio. - Nos vamos al centro ¿a tomarnos un café? No sopla viento y los dos nos aferramos a la tierra seguramente.</p> <p>Firenze, 1963-1964</p> <p>[trad. Silvia Cattoni e Sergio Colella]</p>

<p><i>Colombo</i></p> <p>Col nuovo arcobaleno intorno al collo – liscio, denso, color lavagna tutto – passa e ripassa il maturo colombo. L'intero lastricato della piazza è grigio, è vivo delle debuttanti: e il vanesio non ha che da scegliere.</p> <p>marzo 1962</p>	<p><i>Pombo</i></p> <p>Com o novo arco-íris no pescoço - liso, denso, todo cor de ardósia – passa e repassa o maduro pombo. Todo calçamento da praça é cinza, é vivo com as debutantes e o vaidoso só precisa escolher.</p> <p>março 1962 [trad. Lucia Wataghin e Patricia Peterle]</p>	<p><i>Palomo</i></p> <p>Con el nuevo arcoíris que rodea el cuello – liso, denso, todo color pizarra – pasa y vuelve a pasar el maduro palomo. Todo el empedrado de la plaza es gris, está colmado con las debutantes: y al vanidoso solo le queda elegir.</p> <p>marzo 1962 [trad. Silvia Cattoni e Sergio Colella]</p>
--	---	---

<p><i>Freschi pispigli</i></p> <p>Mi torni a casa. Eccoti qua che torni. Hai tutti i capelli in disordine un altro odore. Tu non la conti giusta. Non sai mentire niente niente: sei un pezzetto di vetro: con i tuoi blues, con quella lunga faccia di pioggia sei lo scherzo di quella ragazzina. E ti avvoltoli tutto nei suoi freschi pispigli e risa che non hanno nulla. Più beato che attento, ti senti di lei il bel segreto. Non capisci che quella in due volte ti straccia</p>	<p><i>Frescos murmúrios</i></p> <p>Voltas para casa. Tu, aqui de volta. Tens os cabelos desgrenhados um outro cheiro. Tu não contas direito. Não sabes mentir nada nada: és um pedacinho de vidro: com teus blues, com aquela longa cara de chuva és a brincadeira daquela garotinha. E te revolves inteiro em seus frescos murmúrios e risos que não têm nada. Mais beato do que atento, te achas dela o belo segredo. Não entendes que ela em duas vezes te esmaga</p> <p>[trad. Lucia Wataghin e Patricia Peterle]</p>	<p><i>Susurros frescos</i></p> <p>Me volvés a casa. Vos, de vuelta. Tenes os cabelos desgrenhados outro olor. No me la contás toda. No sabes mentir nada nada: sos un pedacito de vidrio: con tus blues, com esa cara larga de lluvia sos el chiste de esa chica. Y te envolves todo en sus frescos sussurros y risas que no tienen nada. Más beato que atento, te sentís de ella el bello secreto. No entendes que ella en dos veces te quiebra.</p> <p>[trad. Silvia Cattoni e Sergio Colella]</p>
---	---	--

Donatella di Pietrantonio

Lucia Strappini

Luigi Pirandello tenne due discorsi pubblici su Giovanni Verga, il primo nel 1920 a Catania e il secondo nel 1931 alla Reale Accademia d'Italia (una ripresa con poche varianti del primo). In entrambi il centro critico è rappresentato dalla distinzione, anzi opposizione, che, a suo parere, corre lungo tutta la storia letteraria italiana, tra "scrittori di cose" e "scrittori di parole". Una opposizione divenuta poi celebre che riteneva del tutto applicabile anche a Verga, appunto, e D'Annunzio.

Negli uni la parola che non è la cosa e per parola non vuol valere se non in quanto esprime la cosa, per modo che tra la cosa e il lettore che deve vederla, essa, come parola, sparisca, e stia lí, non parola, ma la cosa stessa. Negli altri, la cosa che non tanto vale per sé quanto per come è detta, e appar sempre il letterato che vi vuol far vedere com'è bravo a dirvela, anche quando non si scopra. E lí, dunque, una costruzione da dentro, le cose che nascono e vi si pongono innanzi sì che voi ci camminate in mezzo, vi respirate, le toccate: terra, pietre, carne, quegli occhi, quelle foglie, quell'acqua; e qua una costruzione da fuori, le parole dei repertorii linguistici e le frasi che vi fanno dir queste cose, e che alla fine, poiché ci sentite la bravura, vi saziano e vi stancano.

Ho voluto richiamare queste considerazioni pirandelliane non per avallare quella discutibile visione dicotomica delle secolari vicende della letteratura italiana (Dante-Petrarca, Machiavelli-Guicciardini, Ariosto-Tasso, Manzoni-Monti) e neppure perché ritenga esista una qualche affinità di poetica e di stile tra Verga e Di Pietrantonio. No, il richiamo vale solo perché mi sembra che, al di là dei paralleli e delle contrapposizioni, si attagli molto bene a Donatella Di Pietrantonio la peculiarità di essere scrittrice di cose, ossia di scrivere per la necessità e, direi, l'ur-



genza di esprimere e comunicare. Potrei aggiungere che questo la differenzia da molti scrittori e scrittrici che animano la scena letteraria italiana (e non vale solo per l'Italia, del resto), motivati, sembra, più dall'esercizio letterario che da una qualche ragione profonda di esprimersi.

Qui precisamente risiede il motivo della qualità singolare della sua scrittura, messa in evidenza da tutti i discorsi critici sulle sue opere. Meno rimarcato il fatto che questa modalità del discorso narrativo,

secco, affilato, scarno, è in perfetta corrispondenza con la natura delle esperienze che vengono trasmesse nelle storie narrate. Non si tratta, insomma, di una scelta stilistica tra le tante possibili, ma, come capita solo nei casi più felici, di una soluzione obbligata dalla materia che è la trama della narrazione. In questo senso non può stupire che Di Pietrantonio evochi il nome di Agota Kristof tra quelli, per lei, maggiormente influenti (“sono molto legata alla letteratura di Agota Kristof, credo ci sia qualcosa della sua scrittura nel mio stile”)¹. A questa puntuale e felice modalità appartiene anche il parco uso di parole dialettali, sempre funzionale all’espressività dei personaggi, la sorella Adriana, direi, soprattutto; un uso, tuttavia, più largamente intonato alle manifestazioni dell’affettività, così icasticamente rese.

Questa impronta stilistica risulta già molto chiara nel primo romanzo di Di Pietrantonio, *Mia madre*

è un fiume,² dove nell’incipit leggiamo, in estrema sintesi, il tema: “Certi giorni la malattia si mangia anche i sentimenti”³. Si tratta della malattia effettiva della madre (alzheimer), dietro la quale non è difficile scorgere la più cupa malattia derivata dal groviglio di sentimenti, di abitudini e di pratiche che negli anni ha formato il rapporto madre-figlia.

“Il nostro amore è andato storto, da subito”⁴

“Di lei è rimasta l’assenza. Avevo una madre inaccessibile, separata, non per disamore, per fretta, quest’altra forma del disamore”⁵.

“Le sono mancate per me attenzioni, tenerezze, contatto. Le sue mani erano d’ossa, mi arrivavano scarne e perpendicolari, i gesti dell’accudimento efficienti, con poche sbavature affettuose. Quasi come occuparsi degli agnelli”⁶.

E dunque:

“Non l’ho superata. Non le ho perdonato niente. Aspettavo ancora di regolare i conti con lei quando mi è sfuggita nella malattia. Fremevo di rabbia, quasi fosse un dispetto. Oppure dubitavo di averla decisa io”⁷.

Con l’inevitabile corollario:

“Quando morirò sprofonderò nella colpa che mi vado costruendo giorno per giorno. Sarà pronta per il suo funerale. La colpa è vuota. È il vuoto delle mie omissioni. Ometto l’amore, le mani. La cura di cui ha più bisogno, lascio che le manchi”⁸.

Su questo terreno sono impiantati anche i tre romanzi successivi.

In questo primo romanzo, raccontato, come tutti gli altri, in prima persona, la narratrice attiva una forma di colloquio con la madre con l’obiettivo di tentare di recuperarne la memoria, attraverso la rievocazione di tratti della sua biografia, una sorta di



1 Intervista di Roberto Ciuffini a Donatella Di Pietrantonio, 10 settembre 2017, disponibile su web.

2 D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*. Elliot Edizioni, 2011

3 D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p. 9.

4 D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p. 25.

5 D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p.26

6 D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p.37.

7 D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p. 27.

8 D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p. 68.



dialogo sincopato che tenta in ogni modo di tenerla ancorata a una presente sempre sdruciolevole.

Accompagnami nell'orto, adesso. Certo che è tempo di pomodori, è agosto. Portiamo due cassette, una per quelli maturi e una per gli acerbi [...]. No, non ti piace così. Allora insieme, tu prendi i verdi e io i rossi, così siamo abbastanza vicine per chiacchierare. Non fa niente se si mischiano un po', poi li dividiamo in cucina. Sì, me l'hai detto che a Grazietta si è seccato l'orto. Prima. Non importa.⁹

Attorno a questo nucleo si svolge una trama costruita sull'intreccio di passato e presente, nella disperante ricerca di un ponte di comunicazione con l'altra, la madre, che è la forma di se stessa. "Sono stanca di lei. Di portarne i segni nella vita. Non mi sono liberata. Lascio che mi occupi, ancora. Che m'infesti. Reagisco e perdo tempo. Continuo a girare in tondo senza trovare la via di uscita dalla sua orbita verso altri mondi. Vado invecchiando, in questa immaturità"¹⁰.

In *Bella mia*¹¹ rimane, sullo sfondo, la presenza/ assenza della madre la cui immagine chiude la narrazione:

Già per le scale, si ferma e si volta verso di me senza rispondere, le labbra contratte e intorno i raggi scuri scolpiti nella pelle. Da qualche parte il rumore di una finestra sbattuta dal vento. La somma dolorosa degli anni le tira la spalla vestita di cotone, disegna la piega rigida del gomito nudo. Sul corrimano la vecchia fede consumata dalle durezza del mondo ancora brilla.¹²

L'assenza qui, come sempre associata naturalmente al dolore, è prima di tutto quella della sorella, perita nel terremoto dell'Aquila, ma riguarda tutta la città ferita. "La città non offre panorami a chi rientra, ci riprende e basta, mi annoda la gola con questa accoglienza di crepe incrociate sul fronte dei palazzi, piani intermedi ridotti di numero, pilastri avvitati intorno al loro asse. Torno volontaria nel luogo assassino di mia sorella"¹³. Tutti i personaggi hanno perduto qualcuno o qualcosa e dunque è que-

⁹ D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p. 14.

¹⁰ D. Di Pietrantonio, *Mia madre è un fiume*, p. 163.

¹¹ D. Di Pietrantonio, *Bella mia*, Elliot Edizioni, 2014.

¹² D. Di Pietrantonio, *Bella mia*, p. 176.

¹³ D. Di Pietrantonio, *Bella mia*, p. 37.

sta declinazione della perdita a sostanziare le azioni narrate, tese, ciascuna a sua modo, ad una specifica elaborazione del lutto.

Nel difficile e faticoso riannodarsi di relazioni sociali e affettive, attraverso vicende nelle quali (anche qui) si intreccia passato e presente, e sullo sfondo sempre la tragedia del terremoto, si sviluppa una trama che, anche in questo caso, è un tracciato di formazione, dopo la drammaticità di prove in ogni senso eccezionali.

La felice scelta dei tempi verbali – imperfetto, presente – è in piena sintonia con l’alternarsi dei piani temporali del racconto; una scelta che coinvolge pienamente il lettore nell’emotività sofferta dei personaggi e degli accadimenti. “Alle sette di domattina mi svegliavano le campane di San Pietro e andavo al lavoro a piedi tagliando per i soliti vicoli”¹⁴.

Nel terzo romanzo, *L’arminuta*¹⁵, la figura materna si raddoppia: l’io narrante è stata affidata da piccola a una madre adottiva con la quale vive per più di dieci anni finché, senza sapere perché (la ragione si scoprirà solo verso la fine), viene riconsegnata alla madre biologica, “la mia prima madre”, “la mia famiglia per forza”, con la quale si istaura un rapporto difficile, segnato dall’abbandono, dalla vergogna, dalla estraneità. Distanza accentuata dalla disparità di condizione sociale tra la famiglia biologica - povera, rozza, montanara – e la famiglia adottiva, benestante, civile, cittadina.

... abitavo come una straniera tra gli affamati. Il privilegio che portavo dalla vita precedente mi distingueva, mi isolava nella famiglia. Ero l’Arminuta, la ritornata. Parlavo un’altra lingua e non sapevo più a chi appartenere. Invidiavo le compagne di scuola del paese e persino Adriana, per la certezza delle loro madri.¹⁶

Con *L’Arminuta* Di Pietrantonio ha vinto il premio Campiello nel 2017, dal romanzo sono stati ricavati una rappresentazione teatrale (la prima all’Aquila il 21 febbraio 2019 con Lucrezia Guidone) e un film (regia di Giuseppe Bonito, 2021); il romanzo è stato, inoltre, tradotto in 23 paesi, un dato quest’ultimo che non aggiunge e non toglie alcunché al valore

dell’opera, dal momento che l’attività promozionale dell’industria editoriale risponde sempre a logiche che pochissimo hanno a che fare con la qualità del prodotto che pubblicizza. Ciò vale anche per questo romanzo che, al di là delle promozioni degli uffici stampa, è stato giustamente apprezzato da lettori e critici per l’intensità emotiva della narrazione, resa peraltro con una scrittura originale e penetrante, specchio di luoghi ed esperienze periferiche sulla scena letteraria italiana, come il luogo, l’Abruzzo, dove l’autrice è nata e tuttora vive, e le esperienze che riportano sempre al nucleo fondativo del rapporto madre-figlia.

Il tema del rapporto madre-figlio o madre-figlia è un tema universale, classico, presente nella letteratura e nell’arte fin dalle origini dell’umanità. Lo troviamo nella mitologia antica e nelle favole. A me si è imposto sempre come un’urgenza narrativa, è una specie di demone. [...] In particolare mi interessa guardare le parti oscure, in ombra, del



14 D. Di Pietrantonio, *Bella mia*, p. 21.

15 D. Di Pietrantonio, *L’arminuta*, Torino, Einaudi 2017.

16 D. Di Pietrantonio, *L’arminuta*, p. 94.



rapporto madre-figlia, le anomalie, le patologie. Se è vero che questa è la relazione primaria, fondamentale, contraddistinta da amore e accoglimento, è anche vero che esistono delle forme aberranti – l’abbandono, il rifiuto, l’allontanamento – che sono quelle che io tratto in questo romanzo.¹⁷

La sorella, Adriana, l’unica della famiglia a manifestare concreta e pratica solidarietà, con la quale perciò l’arminuta fonda un saldo e profondo rapporto, sarà la coprotagonista dell’ultimo romanzo pubblicato di Di Pietrantonio, *Borgo sud*¹⁸, nel quale l’ambientazione si sposta quasi interamente nella città, Pescara, lasciando solo sullo sfondo il paese e la montagna; e forse in analogia con lo spostamento ambientale anche il centro del racconto e del nodo affettivo scivola dal rapporto madre-figlia (pure an-

cora presente – “mia madre m’occupava dentro, vera e feroce”¹⁹ –, ma non dominante) a quello tra le due sorelle (“le nostre solitudini affiancate ci scaldavano fino alle ossa”²⁰). Qui, come ha detto Di Pietrantonio in un’intervista con Emilio Targia a Radio Radicale²¹ il luogo è il protagonista, il mare soprattutto (“il mare evaporava in casa nostra”²²), e quel borgo di pescatori, borgo sud appunto, che si contrappone al resto della città e al paese di montagna, così come Adriana, spirito libero, ribelle e imprudente, si contrappone alla narratrice (“una narratrice più adulta e consapevole che attinge alla memoria mescolando il presente e il passato”²³), la sorella borghese, intellettuale, misurata e irrisolta. Accomunate tuttavia dalla perdita che si portano dentro, secondo il filone nel quale si inscrivono tutti e quattro i romanzi, pure nella ricchezza della varietà delle storie e delle vicende raccontate.

17 Intervista di Roberto Ciuffini a Donatella Di Pietrantonio, 10 settembre 2017, sul web.

18 D. Di Pietrantonio, *Borgo Sud*, Torino, Einaudi 2020.


19 D. Di Pietrantonio, *Borgo Sud*, p. 90.

20 D. Di Pietrantonio, *Borgo Sud*, p. 46.

21 Intervista di Emilio Targia a Donatella Di Pietrantonio, Radio Radicale, 3 dicembre 2020, sul web.

22 D. Di Pietrantonio, *Borgo Sud*, p. 8.

23 Intervista di Emilio Targia a Donatella Di Pietrantonio.



Corrado Cagli, Ritratto di Ebe, 1940-1941 ca., matita su carta, cm. 20,5x25. (da: Ebe Cagli Seidenberg, *Il Tempo dei Dioscuri*, Bologna, Edizioni Bora, 1996, p. 30).

Ritratto d'artista: Ebe Cagli Seidenberg

Simone Turco

È raro trovare, nel panorama della critica letteraria attuale, un saggio che contemperi scientificità, abilità stilistica e amore per l'oggetto di studio. È il caso della recente fatica a firma congiunta di Michael Lettieri e Rocco Mario Morano dal titolo *Ritratto d'artista: Ebe Cagli Seidenberg tra realtà della vita e realtà estetica* (Legas, New York - Ottawa - Toronto 2021, 131 pp.). Si tratta di un testo relativamente breve ma denso e supremamente strutturato, nel quale si cerca di alzare finalmente il velo su un'esperienza esistenziale, prima che letteraria, di un'autrice oggi poco letta - più che conosciuta - al di fuori di circoli ristretti e che, ad avviso degli autori - ma anche nostro - ha subito una sorte ingiusta.

Lettieri e Morano compiono dunque una duplice operazione, utile a mettere in chiaro la profondità dell'autrice italiana, nata nel 1915 e mancata nel 2002. Da una parte, fornendo una serie di dati sempre puntuali e verificati, ne impiegano la biografia per delineare un quadro esistenziale in cui collocare la produzione autoriale; dall'altra affrontano, attraverso un confronto tra edizioni e versioni delle opere, l'analisi dell'evoluzione psicologica della Cagli in senso sia diacronico sia sincronico. Fanno questo - c'è da sottolinearlo - senza mai scadere nel biografismo. Anzi, la loro esposizione dovrebbe essere d'esempio per quei critici che, avendo fatto della biografia il loro cavallo di battaglia, pretenderebbero di poter spiega-

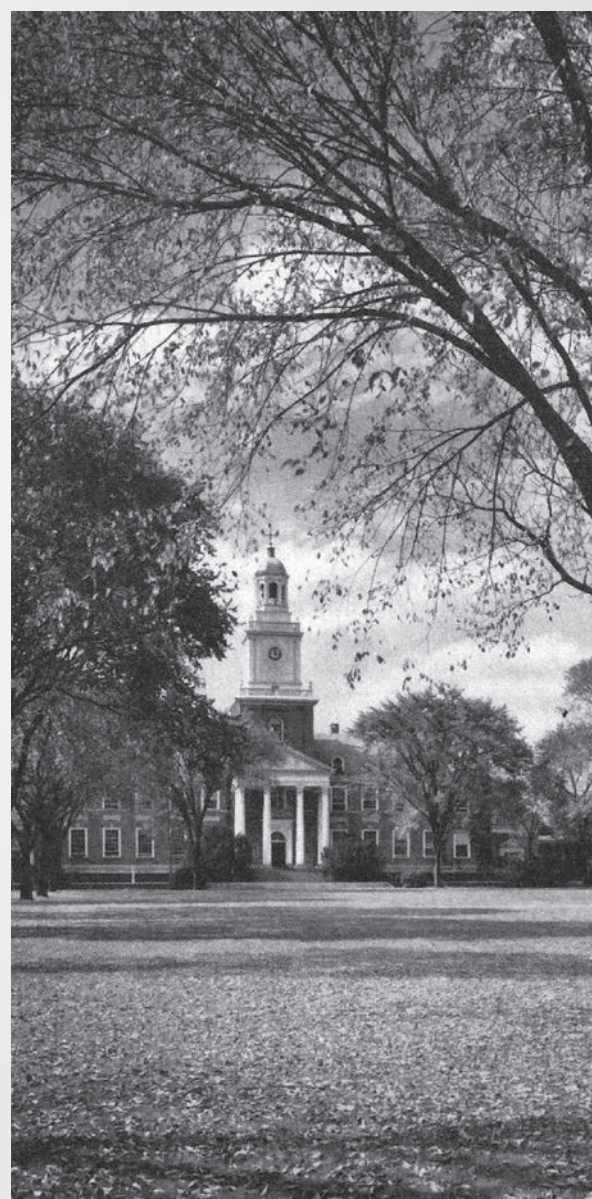
re, molto positivisticamente, tutta l'opera d'una vita mediante la sola successione biografico-esperienziale; senza considerare l'aspetto archetipico che tanta parte gioca nella formazione d'un autore e che spesso ha esiti così diversi rispetto a ciò che si attenderebbe esaminando il mero dato biografico.

Insomma, Lettieri e Morano rendono ben chiaro, con la loro esposizione, che l'autore *non è*, quando scrive, *sempre* la propria storia di vita. L'intreccio creato dai due critici è una giusta calibratura, altamente relazionata, di stimoli storici e di considerazioni critiche, aventi un *côté* comparatistico chiaramente rilevabile da parte di chi è avvezzo al metodo comparativo. Molti sarebbero gli aspetti da menzionare. Dato che lo spazio è tiranno, sulla falsariga dell'apprezzamento che si è esposto sopra ci si concentrerà solo su alcuni punti specifici che si ritengono particolarmente rappresentativi.

Un aspetto che, a nostro parere, emerge in maniera evidente è la volontà – meditata o implicita che sia – di sottrarre Ebe Cagli dal ritratto contestato della cosiddetta “letteratura dell'esilio”. Con questa etichetta, infatti, ci si è abituati a definire il sentimento di alienazione dovuto allo sradicamento dal proprio contesto fisico, ambientale e affettivo. Non che ciò non esista e non sia pertinente; solo che, come tutte le categorizzazioni, questa in special modo tende ad appiattare i singoli autori facendone risaltare un unico, benché importante, dato esperienziale (fatto avvenuto spesso con grandi autori, ad esempio Hermann Broch). Si tratta di un riduzionismo che condiziona la corretta analisi dell'opera di un autore e può portare, infine, a un'ingiusta banalizzazione. Nel loro intento di recupero e di attualizzazione, Lettieri e Morano sottolineano come l'«esilio obbligato» fosse reinterpretato dalla Cagli in funzione di un obiettivo artistico superiore, davvero sublimato e infine completamente differente dalla cruda “materia” di partenza, ossia l'osservazione del tutto fenomenica dell'ambiente in cui si muovono coloro che, come lei, hanno dovuto lasciare la madrepatria per le orribili vicissitudini politiche della prima metà del Novecento.

La Cagli riesce, invece, ad attuare un'operazione che si potrebbe definire “anti-esilica”: mai la realtà antecedente alla dipartita dall'Italia emerge con tratti idealistici o idealizzati. Gli anni della formazione in

Italia sono invece giustamente descritti dai due critici non come ideale ma come mito. Parlando della decisione «di scrivere il suo romanzo di esordio nella lingua del Paese che l'ha accolta», si dice che la Cagli «fa ciò [...] con una operazione intelligente e, allo stesso tempo, umile e pudica in quanto pone, come mezzo unificante tra sé e il mondo evocato dai ‘mitici’ anni della formazione vissuti in Italia, la lingua acquisita per favorire il dialogo e comunicare in terra straniera, dopo averla ulteriormente distanziata reinventandola sotto forma di racconto, tutta la ricchezza interiore della cui scoperta l'esperienza sofferta ma, per alcuni versi, anche esaltante o quanto meno rassicurante, dell' “esilio obbligato” fa ormai parte integrante e ineludibile»¹.



Johns Hopkins University, Baltimore.
(da: Ebe Cagli Seidenberg, *Il Tempo dei Dioscuri*,
Bologna, Edizioni Bora, 1996, p. 64).

¹ M. Lettieri e R.M. Morano, *Ritratto d'artista: Ebe Cagli Seidenberg tra realtà della vita e realtà estetica*, Legas, New York – Ottawa – Toronto 2021, p. 38.

Dunque i primi anni sono *naturalmente* mitici; ma non sono qui un'Età dell'Oro ideale, bensì servono a disegnare il quadro di un vissuto evolutivo da coniugare con un'esperienza che, per quanto traumatica, l'autrice si impone eticamente di sintetizzare – hegelianamente – in una fase esistenziale nuova, che non guarda al passato con mera melancolia. Ciò che ritiene necessario impiegare, in quest'ottica, è il mezzo unificante di una lingua straniata ma non straniante perché, sebbene riscritta, essa viene riportata entro quei canoni di leggibilità che chi ha avuto modo di confrontarsi con l'inglese della Cagli può attestare, secondo un procedimento simile a quello superlativamente attuato da Conrad.

La melancolia tipica d'ogni esilio e la sua espressione, dunque – come ci pare sottolineino i due critici –, non sono l'obiettivo dell'opera narrativa così concepita, bensì divengono mezzo di esplicitazione di qualcosa d'altro, qualcosa di etimologicamente sublime che afferisce all'«influsso della cultura classica nonché del 'realismo magico' a suo tempo teorizzato, patrocinato e praticato da Massimo Bontempelli, zio acquisito di Ebe» e al fascino «per lo studio delle dottrine esoteriche»². È chiaro, pertanto, che nella Cagli l'esperienza poi espressa soprattutto nei cinque romanzi che formano la serie dell'«esilio obbligato» diviene qualcos'altro; non assume tratti politicizzati o autoreferenziali, né si ferma al dato realistico. Diviene parte – rilevante ma non unica né preponderante – dell'esperienza estetica, che per essere tale deve necessariamente farsi davvero più ampia della vita e accogliere istanze anche irrazionali. E qui i due critici fanno un'annotazione che ci pare cruciale, riferita in un inciso riguardante il romanzo *Before the Cock Crows* (1957) ma estendibile a gran parte della produzione autoriale, circa la consistente presenza di riferimenti «a campi specifici delle tradizioni popolari, alla mitologia classica e ai suoi simboli nonché alle arti tutte ricondotte a una sintesi mirante a una sorta di sperimentazione e messa in pratica della teoria wagneriana dell'arte totale»³.

Arte totale: giustamente i critici menzionano Wagner, perché questi si appropriò dell'espressione e ne diede attraverso la sua opera un'applicazione

pratica in ambito coreutico. Dalla loro trattazione della questione estetica come questa è affrontata dalla Cagli, però, emerge in tralice – forse in maniera non del tutto voluta – la nozione originale di *Gesamtkunstwerk*, quella che Wagner mutuò dal romantico K.F.E. Trahndorff e che riporta al problema non tanto dell'espressione estetica quanto della sua origine. Si tratta di un principio che si oppone al razionalismo artistico (quello che sarebbe stato poi chiamato “naturalismo”) e al quale implicitamente possono essere riportate le varie correnti del realismo magico, secondo il quale per rappresentare dovutamente la realtà si deve partire dal presupposto che l'opera d'arte, anche letteraria, è frutto d'una visione olistica che incorpora fenomeni che la ragione non può completamente afferrare. In questo scarto si colloca l'arte in quanto tale. È in questo contesto che va collocata la critica della Cagli, rilevata dai due critici, circa «l'inesistenza in Italia, per quanto attiene alla letteratura contemporanea, di studi atti a recepire e a comprendere il valore artistico di opere che, come le sue, hanno affrontato dal punto di vista narrativo, con strumenti nuovi e complessi, lontani da un realismo cronachistico, nostalgico e riduttivamente consolatorio, il tema della diaspora e del trauma che ne è derivato per chi, suo malgrado, è stato costretto al “dispatrio”»⁴.



2 M. Lettieri e R.M. Morano, *Ritratto d'artista: Ebe Cagli Seidenberg tra realtà della vita e realtà estetica*, pp. 20 e 91

3 M. Lettieri e R.M. Morano, *Ritratto d'artista: Ebe Cagli Seidenberg tra realtà della vita e realtà estetica*, p.91

4 M. Lettieri e R.M. Morano, *Ritratto d'artista: Ebe Cagli Seidenberg tra realtà della vita e realtà estetica*, pp. 68-69.

Il concetto di arte totale riporta sicuramente la Cagli in un ambito letterario che col Novecento “fattualistico” (più che realistico) poco ha a che fare; e appare, dai dati biografici e dalle citazioni che vengono presentati nel saggio, tutto lo sforzo dell’autrice di crearsi una struttura atta, da una parte, a superare tale tendenza cronachistica di tanta letteratura contemporanea e, dall’altra, a giudicare la propria esperienza esilica non più secondo i parametri della nostalgia diasporica, cioè in mera ottica di sradicamento, bensì in una prospettiva di arricchimento. Entra qui in gioco un aspetto che i nostri due critici fanno risaltare magistralmente: l’«affinamento graduale e sofferto dei propri sentimenti che le ha consentito, seguendo gli insegnamenti del Leopardi dello *Zibaldone*, il superamento dei limiti imposti all’uomo dall’“amor proprio” per giungere alla conquista del sentimento della “compassione”, che per il grande recanatese “è fonte d’amore” e allo stesso tempo, nel trasferimento che avviene di sé nell’altro da sé, elemento propulsivo anche dell’immaginazione e quindi dell’arte e della letteratura»⁵.

La compassione *sub specie* leopardiana diviene quindi per l’autrice spunto e cifra distintiva, allorché ella si pone nei confronti del nuovo mondo in cui vive e del dolore su cui va a scrivere in termini propositivi anziché oppositivi. Per scrivere – per creare un’opera che abbia la pretesa dell’arte – è necessario mettersi in relazione con l’altro, col diverso, compenetrando l’oggetto del proprio pensiero fino a ottenere una comunione reale, che può essere ulteriormente dolorosa; ma senza questo atto di “cedimento”, senza questo annullamento dell’egoismo, anche quando l’oggetto sia rappresentato dal proprio dolore o dal male storico da cui esso deriva, sarebbe impossibile conseguire quella sensibilità poetica che è, in definitiva, poetica, ovvero fattrice e rigeneratrice di senso e di significato. La lezione di Leopardi è, pertanto, davvero preziosa nel cammino della Cagli; un cammino che, come quello del grande Recanatese, guarda molto indietro, a stilemi e a sensibilità che hanno l’Antico come proprio fondamento e propria forza.

Tutto ciò viene brillantemente messo in luce da Lettieri e Morano. Il loro libro rappresenta un lavoro meditato e comprensivo, e si intuisce quanta dedi-

zione abbia richiesto arrivare a tale sintesi. Il risultato è un’opera che mancava, nel panorama della critica letteraria, sia per il suo oggetto sia per la modalità di sviluppo concettuale che vi viene seguita. Infatti, sebbene siano già stati compiuti confronti endogeni tra riscritture e traduzioni che un dato autore ha fatto di se stesso, il loro studio è peculiare per l’attenzione mostrata all’analisi differenziale di tipo oggettivo di varianti e versioni, tra italiano e inglese, i cui dati vanno ad aggiungersi al vasto paratesto dell’opera della Cagli; ciò con lo scopo di mostrare come la realizzazione dell’immagine estetica cui il lettore anela si trovi spesso nei punti bui, nel detto-non-detto che si cela nelle differenze tra versione e versione.

Di questo testo, perciò, si raccomanda la lettura sia a chi conosca già Ebe Cagli Seidenberg sia a chi voglia avvicinarsi all’autrice con lo spirito di un esploratore stanco della solita critica e che voglia assaporare un esempio di autentica, moderna filologia.

Sulla non vasta, ma qualitativamente pregevole produzione narrativa di Ebe Cagli (Ancona 1915-Roma 2002) – nonostante due apprezzabili tentativi critici e pionieristici effettuati, a distanza di anni tra loro, rispettivamente in Italia e negli Stati Uniti – continua a gravare purtroppo una estesa e fitta cortina di silenzio che ha finora impedito di sottrarla alla «grande biblioteca dell’Oblio».

Dopo aver conseguito la Laurea in Lettere presso l’Università degli Studi «La Sapienza» di Roma, Ebe Cagli emigra negli Stati Uniti nel novembre del 1938 per sfuggire alle leggi razziali.

Ottenuta una borsa di studio presso la Johns Hopkins University, segue i corsi di insegnamento tenuti da un «refugee» illustre, il grande filologo Leo Spitzer, prima di conseguire nel 1943 il Doctoral Degree in Romance Languages and Literatures.

Nel 1957 – per i tipi della Casa Editrice Little, Brown and Company – pubblica, con lo pseudonimo di Bettina Postani, autotradotto in lingua inglese dopo averne effettuato la stesura in italiano, il romanzo di esordio dal titolo emblematicamente

5 M. Lettieri e R.M. Morano, *Ritratto d’artista: Ebe Cagli Seidenberg tra realtà della vita e realtà estetica*, p. 41.

pavesiano *Before the Cock Crows*, accolto favorevolmente dalla critica.

L'opera – con il nuovo titolo *L'Incantatore di serpenti* e il vero nome dell'Autrice – vedrà la luce in patria nel 1984 in versione italiana e, in nuova veste, nel 1999.

Sugli altri suoi romanzi, scritti nella madre lingua e pubblicati tutti in Italia, spiccano i cinque apparsi tra il 1975 e il 1991, «accomunati da un tema: l'esilio obbligato e il modo con cui molti personaggi lottano col trauma che hanno subito».

Ne *Il Tempo dei Dioscuri* campeggiano due figure: quella «imponente» e «stravagante» di Leo Spitzer «dagli occhi grifagni» e quella del «fratello», nominato solo così dall'io narrante e identificabile con l'artista dal «carattere difficile» Corrado Cagli, fratello di Ebe nella vita reale.

Il movimento 'circolare' impresso ai suoi cinque romanzi che formano la serie dell'«esilio obbligato» trova il suo pieno compimento quando, nel settembre del 1999, la scrittrice decide di far apparire in nuova veste, per i tipi delle Edizioni Bora di Bologna, la sua «recente versione italiana» del romanzo di esordio autotradotto e pubblicato in lingua inglese nel 1957.

Da qui trovano, nel presente volume, la loro ragion d'essere da una parte la ricostruzione particolareggiata della personalità umana e artistica di Ebe Cagli effettuata esplorando la sua produzione creativa mediante un raffronto continuo tra invenzione e realtà e dall'altra l'analisi comparata di *Before the Cock Crows* e *L'Incantatore di serpenti*, con annesse riflessioni sulle tecniche e le strategie dell'autotraduzione.

Avvalendosi dell'applicazione di un metodo interdisciplinare sperimentato in trent'anni di assidua collaborazione, i due Autori della presente monografia delineano un ritratto a tutto tondo della scrittrice dopo aver individuato nuclei tematici e strutturali di ordine figurativo, stilistico e simbolico atti a render manifesti i significati profondi che si celano tra le pieghe della narrazione, la cui perspicua limpidezza formale è il risultato di un incessante *limae labor* che costituisce il carattere distintivo della personalità artistica e della poetica di Ebe Cagli, dalle cui opere affiorano tracce di classicità innestate in un gusto moderno sì da far coesistere – con procedure che anticipano aspetti peculiari dell'*autofiction* mediante l'uso di una tecnica particolare e innovativa di 'ars combinatoria' – etnologia e mitografia, psicologia e psicoanalisi, simbologia e allegoria, arte e letteratura, cultura e storia.

Michael Lettieri è ordinario di Lingua e Letteratura italiana nel Department of Language Studies della University of Toronto Mississauga. Direttore della rivista «Italica», si è dedicato soprattutto alla storia del teatro, pubblicando commenti, edizioni critiche, saggi e monografie su Aretino, Lope de Vega, gli «Accademici Intronati» di Siena, Corneille, Alfieri e Kreglianovich.

Rocco Mario Morano è Research Associate nel Department of Language Studies della University of Toronto Mississauga. Fondatore e direttore della rivista «Campi Immaginabili» e della collana «Iride», si è dedicato allo studio di Dante, Petrarca, Leon Battista Alberti, Aretino, Campanella, Domenico Grimaldi, Alfieri, Kreglianovich e scrittori dell'Ottocento-Novecento, pubblicando in Italia, Francia, Stati Uniti e Canada anche saggi e monografie di letteratura comparata.





Francesco Alberoni

Definizione di esclusività amorosa

Nell'innamoramento si presenta un'esperienza fondamentale: il bisogno o la necessità di esclusività. Come si presenta e da dove nasce questo particolare tipo di rapporto? Partiamo da un esempio.

Un uomo va con una prostituta, una donna con un amante occasionale. L'uomo sa benissimo che la prostituta è andata con altri uomini prima di lui e andrà con altri appena finito con lui. Ma non ne è minimamente turbato. Il suo passato e il suo futuro non influenzano il suo vivere presente. Non è turbato nemmeno se quelli che sono andati con lei lo rifanno davanti a lui, anzi può essere eccitato. I clienti possono mettersi in fila per penetrare la stessa donna e le donne mettersi in fila per farsi penetrare dallo stesso uomo ed esserne entrambi eccitati proprio dall'attesa di veder gli altri. Un po' come nella pornografia. Invece ci sono casi in cui dopo aver fatto all'amore con quell'uomo, quella donna vuole che lo faccia solo con lei, vuole che fra di loro ci siano rapporti sessuali esclusivi. È quello che capita quando hanno preso un impegno reciproco di fedeltà come nel matrimonio, o implicito come avviene nell'innamoramento. La parola ti amo implica sempre una aggiunta, "Io amo solo te e tu ami solo me e l'accesso ai nostri corpi è riservato a noi due". Quando questo non avviene parliamo di tradimento.

Questa esclusività affonda le sue radici nelle profondità della vita biologica. Il bisogno di esclu-

sività esiste anche negli animali. Abbiamo vissuto noi stessi l'esperienza che i cani e i gatti sono esclusivi o gelosi. Se sono con voi cercano la vostra attenzione e sono disturbati da chi insidia o distrugge la loro posizione centrale, il primato del loro sè. E lo stesso avviene nei bambini piccoli alla nascita di un fratellino o nella ricerca delle cure materne. Prima di tutti io! È un principio elementare della vita. Anche nella poppata non sopravvive chi non sa farsi avanti e poppare e in questo farsi avanti c'è lo scacciare gli altri. Lo stesso avviene nell'accoppiamento. Il maschio scaccia gli altri pretendenti. C'è sempre un momento in cui il sè vuole ciò che desidera a sua esclusiva disposizione.

Nell'innamoramento il piacere dato dal corpo amato è la cosa più preziosa, la più importante dell'universo e vuoi viverla con quella persona solo tu, esclusivamente tu. Quel piacere è qualcosa di assolutamente unico e può essere solo tuo, come è solo tua la corona regale. È come la spada nella roccia che può afferrare solo il legittimo re. Il corpo amato può essere toccato solo da chi ama. L'innamoramento è elezione, sacralità e intoccabilità. L'innamoramento è una sacralizzazione dell'altro. E io con i miei libri ho contribuito a tenere vivo questo ultimo mito, questo ultimo spazio sacro nel nostro mondo desacralizzato. L'esclusività amorosa è l'ultimo tabù.

PASSA TEMPO DIVERTIMENTO



SUDOKU

	3	5	6	7				
4			8	2	9	5		
	8				3		6	
	2				5	8		7
8			2		6			5
3		1	7				2	
	4		9				7	
		2	4	8	7			6
				5	2	4	9	

CURIOSITÀ

Una delle banche moderne più antiche - Il banco di San Giorgio di Genova è considerato tra le banche moderne più antiche, fondato nel 1407. Cosa vuol dire moderne? Vuol dire che gestiva sia la fiscalità e il debito pubblico come le moderne Banche centrali, sia la raccolta del risparmio. Inoltre fu anche una delle prime "banche pubbliche", antenate delle moderne banche centrali. La Banca era abilitata ad emettere carta moneta.

SOLUZIONI

	SUDOKU								
1	3	5	6	7	4	9	8	2	
4	7	6	8	2	9	5	1	3	
2	8	9	5	1	3	7	6	4	
6	2	4	1	9	5	8	3	7	
8	9	7	2	3	6	1	4	5	
3	5	1	7	4	8	6	2	9	
5	4	3	9	6	1	2	7	8	
9	1	2	4	8	7	3	5	6	
7	6	8	3	5	2	4	9	1	

*porque a elegância anda
junto com o conhecimento*



*Comunità Italiana traz todos os meses o inserto literário Mosaico Italiano.
Para quem quer, além de ter acesso às matérias exclusivas da revista
que foca no melhor da atualidade, da arte, da gastronomia, da moda,
da economia..., conhecer os autores que influenciam o mundo na língua italiana.*

*Assine Comunità
e curta os bons
momentos entre
Brasil e Itália*



Tel.: 21 2722-2555
editora@comunitaitaliana.com.br